

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Isabela Bento dos Santos

**ESTRANGEIROS NA TERRA NATAL?**  
**A construção e negociação das identidades de imigrantes internacionais retornados no**  
**Brasil**

Belo Horizonte

2017

Isabela Bento dos Santos

**ESTRANGEIROS NA TERRA NATAL?**

**A construção e negociação das identidades de imigrantes internacionais retornados no  
Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Regina de Paula Medeiros

Área de concentração: Cidades: Trabalho, Cultura e Políticas Públicas

Belo Horizonte

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S237e Santos, Isabela Bento dos  
Estrangeiros na terra natal? : a construção e negociação das identidades de imigrantes internacionais retornados no Brasil / Isabela Bento dos Santos. Belo Horizonte, 2017.  
197 f. : il.

Orientadora: Regina de Paula Medeiros  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Migração - Brasil. 2. Reintegração social. 3. Identidade. 4. Imigrantes 5. Multiculturalismo. I. Medeiros, Regina de Paula. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 325.1

Revisão Ortográfica e Normalização Padrão PUC Minas de responsabilidade do autor.

Isabela Bento dos Santos

**ESTRANGEIROS NA TERRA NATAL?**

**A construção e negociação das identidades de imigrantes internacionais retornados no  
Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

---

Profa. Dra. Regina de Paula Medeiros - PUC Minas (Orientadora)

---

Profa. Dra. Maria da Consolação Gomes de Castro – PUC Minas (Banca Examinadora)

---

Profa. Dra. Cristina Almeida Cunha Filgueiras – PUC Minas (Banca Examinadora)

---

Profa. Dra. Sueli Siqueira – UNIVALE (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 20 de fevereiro de 2017

*Aos meus pais, que sempre me apoiaram e acreditaram em mim, desde o momento em que decidi sair de casa e correr atrás dos meus objetivos, ainda tão nova. À Maria Luiza, que ainda não sabe, mas foi uma peça fundamental nessa jornada. Ver seu sorriso, carinho e doçura a cada visita reabasteceram minhas energias para continuar firme.*

## AGRADECIMENTOS

*À CAPES e à PUC Minas pelas bolsas de estudo concedidas, que me deram a oportunidade de cursar o mestrado.*

*Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, em especial aos professores, pela contribuição com o meu crescimento acadêmico e profissional, por acolher o meu projeto de pesquisa e por propiciar as condições para o seu desenvolvimento.*

*Às professoras Maria da Consolação Castro e Cristina Filgueiras (PUC Minas) pelas importantes recomendações e sugestões feitas no momento da qualificação, que contribuíram sobremaneira com este trabalho final, e também pela disponibilidade em compor a banca examinadora. À professora Sueli Siqueira (UNIVALE), pela disponibilidade e interesse em discutir e avaliar esta empreitada intelectual no campo das migrações internacionais.*

*À professora Regina, orientadora e mentora neste processo, por sempre me incentivar e aconselhar, mostrando os caminhos da pesquisa acadêmica, fazendo as devidas críticas quando necessário e que certamente contribuíram com o meu crescimento e amadurecimento intelectual, e também pela compreensão nos momentos de dificuldade e insegurança ao longo deste percurso tão difícil, mas também recompensador.*

*Aos colegas de turma, que fizeram dessa uma jornada mais leve com o compartilhamento de conhecimentos, de momentos alegres, e também de inseguranças e angústias.*

*Aos meus pais, Iara e Adalton, e ao meu irmão, Leonardo, por todo amor, atenção e suporte nessa trajetória cheia de desafios e incertezas, mas também de superação. Minha gratidão a vocês por tudo que tenho e por tudo que sou.*

*Ao Júlio, pela paciência, compreensão com as minhas ausências e desesperos e por todo apoio, amor, carinho e companheirismo dedicados neste período, que foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.*

*Aos meus interlocutores, que compartilharam suas experiências de imigração e retorno ao Brasil, seus sonhos, seus projetos de vida e os desafios enfrentados ao longo de trajetórias tão diversas, sem as quais a conclusão dessa pesquisa não seria possível.*

*Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p. 17-18).*

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar o processo de migração internacional de retorno de brasileiros e os seus efeitos na construção e negociação da identidade dos retornados. Trata-se de pesquisa qualitativa e, para a sua operacionalização, foi utilizada a técnica de entrevista em profundidade com retornados dos Estados Unidos, da Espanha, da Rússia, do Chile, da Holanda e do Canadá. Dos resultados obtidos, constatamos que os processos identitários vivenciados pelos imigrantes nos países de destino são distintos dos ocorridos no Brasil, após o retorno. No exterior, a identidade brasileira adquire relevância e é reforçada por rituais que destacam o sentimento de pertencimento ao Brasil, expressado pela constituição de comunidades imaginadas. Para o retorno ao país de origem, existem redes formais de suporte, que não são utilizadas pelos interlocutores por falta de conhecimento. Os mecanismos de base mais empregados são as redes informais, sobretudo familiares, que garantem o apoio material e emocional no processo de regresso. Já de volta à terra natal, os brasileiros retornados percebem as identidades fragmentadas, em decorrência da hibridação cultural, que gera conflitos, incertezas e inseguranças. Não obstante, a negociação das identidades de caráter híbrido, móvel e flexível revela-se como uma estratégia de readaptação e de reintegração ao Brasil. Os sujeitos que regressam evidenciam traços culturais e elementos adquiridos ou incorporados no exterior (capital humano) que lhes oferecem vantagens e benefícios, como, por exemplo, facilitar a inserção no mercado de trabalho ou outras alternativas de sobrevivência. A pesquisa aponta que o regresso ao país de origem é um processo conturbado, sendo responsável por um posicionamento ambíguo dos retornados: entre o Brasil e a outra realidade internacional conhecida. Essa situação torna-se ainda mais complexa dado os problemas estruturais enfrentados pelo Brasil desde 2015, como as crises econômica, política e social. Tal circunstância somada à flexibilidade das identidades e ao sentimento de descentramento dos sujeitos torna notória a possibilidade da circularidade e de novas emigrações, demonstrando a necessidade contínua de se estudar o fenômeno imbricado das migrações internacionais e de se elaborar políticas públicas migratórias que considerem suas especificidades, como os significados atribuídos pelos imigrantes às suas trajetórias e às suas experiências.

Palavras-chave: Migração internacional brasileira. Retorno. Identidades. Cultura. Hibridação. Negociação identitária.

## ABSTRACT

This study aims at analyzing the international return migration process of Brazilians and its effects on the construction and negotiation of their identities. This is a qualitative research and for its operationalization it was used the in-depth interview technique with Brazilians who returned from the United States, Spain, Russia, Chile, Netherlands and Canada. From the obtained results, we verified that the identity processes experienced by immigrants in the destination countries are distinct from the ones that occur in Brazil, after they return. Abroad, the Brazilian identity acquires relevance and it is reinforced by rituals which highlight the feeling of belonging to Brazil, expressed by the constitution of imagined communities. To return to the origin country, there are formal support networks, which are not used by our interlocutors for lack of knowledge. The most used basis mechanisms are the informal networks, mainly family, which guarantee the material and emotional support in the return process. When already in their home country, Brazilian returnees perceive fragmented identities due to the cultural hybridization that generate conflicts, uncertainties and insecurities. Nonetheless, the negotiation of hybrid, mobile and flexible identities is revealed as a strategy for readapting and reintegrating into Brazil. People who return highlight cultural traits and elements acquired or incorporated abroad (human capital) which offer advantages and benefits such as to facilitate the inclusion in the labor market or other alternatives for surviving. The research indicates that returning to the origin country is a troubled process, responsible for an ambiguous placement of the returnees: between Brazil and the other international realities they know. This situation becomes even more complex due to structural problems that Brazil faces since 2015 such as economic, political and social crisis. Such circumstance added to the flexibility of identities and to the uncentered subjects make the possibility of circularity and of new emigrations noticeable, demonstrating the continuous need of studying the imbricated phenomenon of international migration, and elaborating migratory public policies that consider their specificities such as the meanings given by the immigrants to their trajectories and experiences.

Keywords: Brazilian International Migration. Return. Identities. Culture. Hybridization. Identity Negotiation.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Interlocutores da Pesquisa.....	48
QUADRO 2 - Categorias de imigrantes .....	66
QUADRO 3- Propostas do Eixo 7 – Emigração e trabalhadores e trabalhadoras retornados/as .....	125

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Imigração por nacionalidade e por períodos .....	71
TABELA 2 - Emigrantes internacionais, por sexo, segundo os grupos de idade na data da partida – Brasil - 2010 .....	76
TABELA 3 - Brasil: Imigração Internacional por imigrantes totais, estrangeiros e retornados e proporção de nascidos no Brasil e no estrangeiro, segundo os principais países de origem – 2010 .....	99
TABELA 4 - Pessoas que residiam em um país estrangeiro há cinco anos antes da data de referência do censo e participação relativa segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação.....	100

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Composição da população de emigrantes internacionais, por sexo, segundo os grupos de idade na data de partida – Brasil – 2010 .....	77
GRÁFICO 2 - Proporção de emigrantes internacionais total, por sexo, segundo as Unidades da Federação de residência das pessoas com quem residiram antes de emigrarem – 2010 .....	78
GRÁFICO 3 - Percentual de emigrantes internacionais, segundo o país de residência Brasil – 2010 .....	79
GRÁFICO 4 - Distribuição etária dos migrantes de retorno .....	101
GRÁFICO 5 - Nível de instrução dos migrantes retornados .....	101

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxos migratórios de brasileiros retornados, segundo as principais UFs de residência, Brasil, 2010. ....	100
--	-----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASBRAD	Associação Brasileira de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude
CIAAT	Centro de Informação e Assessoria Técnica
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
EUA	Estados Unidos da América
FPS	Fórum de Participação Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MPF	Ministério Público Federal
MPS	Ministério da Previdência Social
MRE	Ministério das Relações Exteriores
MTE	Ministério do Trabalho
NIATRE	Núcleo de Informação e Apoio a Trabalhadores Retornados do Exterior
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PRVR	Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>27</b>
<b>2 IDENTIDADES ENTRE DOIS MUNDOS: PASSOS PARA UM OLHAR SOBRE O RETORNO AO BRASIL .....</b>	<b>33</b>
2.1 A influência das experiências pessoais na delimitação de objetos de estudo científico .....	33
2.2 A construção metodológica: desafios e estratégias .....	35
2.3 Apontamentos sobre os atores sociais da pesquisa .....	38
2.4 Categorias analíticas em pauta.....	48
<b>3 O BRASIL NO CAMINHO DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS ..</b>	<b>53</b>
3.1 A natureza do migrante e da migração .....	53
3.2 A migração internacional brasileira: perspectiva histórica até a atualidade .....	68
3.3 Entre as múltiplas realidades da migração internacional: teorias migratórias .....	82
<b>4 FRONTEIRAS ABERTAS ENTRE AS SOCIEDADES DE DESTINO E DE ORIGEM E A EVENTUALIDADE DO RETORNO .....</b>	<b>97</b>
4.1 Situação da imigração internacional no Brasil após Censo IBGE de 2010.....	97
4.2 O retorno como componente das trajetórias migratórias.....	102
4.3 Caracterizando a imigração internacional de retorno .....	109
4.4 Redes migratórias enquanto mecanismos de apoio ao imigrante de retorno .....	114
<b>5 IDENTIDADES EM OBRA NOS PERCURSOS MIGRATÓRIOS NO CONTEXTO DO RETORNO AO BRASIL .....</b>	<b>129</b>
5.1 Diferenças e identidades nas experiências migratórias.....	129
5.2 Identidades no retorno: Por um lado, conflitos; por outro, estratégias .....	149
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>165</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>175</b>
<b>APÊNDICE A – Principais teorias migratórias .....</b>	<b>187</b>
<b>ANEXO A – Questionário da Amostra – Censo Demográfico 2010 .....</b>	<b>189</b>
<b>ANEXO B – Questionário Básico – Censo Demográfico 2010 .....</b>	<b>191</b>
<b>ANEXO C – As Leis da Migração de Ravenstein.....</b>	<b>193</b>
<b>ANEXO D- Pessoas que residiam em um país estrangeiro há cinco anos antes da data de referência do censo e participação relativa segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação–1995/2000e2005-2010 .....</b>	<b>195</b>
<b>ANEXO E – Tipologias de retorno .....</b>	<b>197</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apontou a entrada significativa de imigrantes internacionais no Brasil, principalmente no quinquênio 2005-2010, além de destacar que esse fluxo migratório para o país, na primeira década dos anos 2000, não era composto apenas por estrangeiros, mas também por brasileiros que retornaram após terem vivido no exterior como imigrantes, sobretudo nos Estados Unidos, em Portugal e no Japão. Os dados revelam que, do total de imigrantes que entraram no Brasil no referido período, 65,5% são nacionais, isto é, são imigrantes brasileiros que retornaram do exterior (BOTEGA; CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2015). Conceitualmente, ainda que tenham nacionalidade brasileira, os que se encontram nessa situação são denominados “imigrantes internacionais de retorno”.

Regressar ao país de origem compreende um fenômeno social complexo que envolve questões emocionais, econômicas e sociais, além de dúvidas e incertezas tão conflitantes como na primeira emigração, particularmente no que se refere a identidades e ao sentimento de pertencimento ao Brasil. Trata-se de experiências individuais que refletem nos diferentes campos da vida de uma pessoa e, com efeito, nos contextos de origem e de destino, nos grupos sociais com os quais são estabelecidas relações e vínculos, no mundo do trabalho e na construção de projetos de vida.

Para Durand (2006), a questão dos fluxos de retorno é por vezes enigmática e de difícil compreensão, uma vez que é questionado o caráter unidimensional e definitivo das migrações. Por essa razão, é fundamental considerá-lo como um objeto de estudo. Ademais, o retorno remete à irreversibilidade do tempo, ou seja, mesmo que o imigrante - antes imerso em outro sistema cultural e simbólico - volte para seu país e sociedade de origem, o espaço social e temporal deixado por ele no momento de partida será diferente quando se concretizar o regresso, o que certamente implica novos desafios em sua trajetória.

De acordo com o Portal do Retorno do Ministério de Relações Exteriores do Brasil (MRE), “a decisão de retornar ao Brasil após anos morando no exterior como imigrante não é simples. Muitos fatores devem ser levados em consideração: trabalho, família, finanças, entre outros” (BRASIL, 2016c). Tudo isso implica necessariamente novas adaptações, negociações e conciliações com o grupo local.

O estudo das migrações internacionais ocupa um vasto espaço no campo das ciências sociais. Por exemplo, em relação às dinâmicas e estratégias de adaptação, integração social e econômica do imigrante, apropriação, uso dos espaços sociais e físicos e inserção laboral na

sociedade de destino, fatores esses que atuam de forma significativa e determinante na decisão de migrar. Ainda, para explicar a diversidade de fluxos migratórios, há uma variedade de teorias que, conforme Durand (2006), são, na prática, abordagens parciais de uma realidade que se mostra cada vez mais complexa e em constante mudança. Por essa razão, é fundamental analisar as migrações internacionais a partir de uma visão holística que contemple diversas áreas do conhecimento (DURAND, 2006).

Dentre o amplo universo de estudo sobre a questão, interessa-nos a imigração internacional de retorno, descrita por Abdelmalek Sayad (2000) como elemento constitutivo da condição do imigrante. Considerando o processo migratório, Sayad defende que não existem inserção e integração em uma nova sociedade ou lugar sem que haja desinserção e desintegração em outro. Esta mesma lógica segue válida para o retorno, dado as expectativas e, ao mesmo tempo, a nostalgia por parte do imigrante. Segundo Botega et al. (2015):

Desenvolver abordagens que extrapolem a perspectiva economicista e instrumentalista sobre o migrante em geral, e o migrante de retorno especificamente, permanece um desafio tanto para as pesquisas quanto para as iniciativas governamentais e de instituições não governamentais (BOTEGA et al., 2015, p. 39).

Neste sentido, é imprescindível considerar o fenômeno do retorno nas políticas migratórias, tendo em vista que esse fluxo, segundo os autores, “é uma nova migração para um local ainda mais desconhecido” (BOTEGA et al., 2015, p. 39). Levando em conta essa discussão, pesquisas como a aqui apresentada poderão subsidiar políticas públicas para a elaboração de estratégias de cuidado e atenção ao migrante de retorno, a partir do conhecimento de suas experiências e sistemas de significados.

No contexto das migrações internacionais, nos quais os migrantes convivem com culturas diversas à sua de origem, suas identidades sofrem reformulações constantes, considerando novos elementos a serem negociados e incorporados por meio das novas experiências vivenciadas e dos contatos interculturais. Neste sentido, o sujeito migrante – em geral – posiciona-se tanto na sociedade de origem (de onde emigrou) como na sociedade de destino (onde imigrou), ou seja, ele se encontra entre dois lugares, dois tempos, duas sociedades, dois modos de vida e duas culturas (SAYAD, 2000), sendo que no retorno essa dinâmica também se mostra verdadeira.

Considerando o contexto apresentado, sobretudo a complexidade do retorno, surge uma questão inquietante que deu origem a pesquisa que ora apresentada nessa dissertação: Como o fenômeno da migração internacional de retorno influencia na construção e

negociação da identidade dos migrantes que retornam?

Partindo dessa indagação, nosso objetivo geral é analisar o processo de imigração internacional de retorno de brasileiros e seus efeitos na construção e negociação da identidade dos retornados. Especificamente: investigar as motivações dos imigrantes internacionais brasileiros para a tomada de decisão de retornar; analisar os mecanismos formais e informais que oferecem apoio ao retorno de imigrantes internacionais brasileiros; analisar as experiências de imigração do brasileiro em contextos internacionais e sua interferência no processo de construção e negociação de suas identidades; investigar as representações e significados atribuídos pelos imigrantes sobre todo o processo migratório e seus efeitos na identidade dos retornados.

A partir desses objetivos, pretendemos apresentar contribuições ao estudo das migrações internacionais – com foco no retorno ao Brasil, em âmbito interdisciplinar e no campo das ciências sociais, tendo em vista que, ao voltar, as pessoas muitas vezes não são consideradas como imigrantes por estarem em seu país de origem e são incompreendidas em seus desafios de reinserção e readaptação. Nossa pesquisa é uma tentativa de compreender as características do retorno conforme as narrativas dos próprios imigrantes, de modo a entender o sentido atribuído ao regresso, suas experiências no exterior e, ao mesmo tempo, conferir-lhes visibilidade e direitos, considerando as subjetividades e trajetórias migratórias.

Para subsidiar essa proposta foram elaboradas as seguintes hipóteses:

Os migrantes internacionais brasileiros são motivados a retornar à terra natal movidos por um ideal de Brasil como uma “comunidade imaginada”, construído a partir da relação entre cultura nacional e identidade que é responsável por vincular subjetivamente o sujeito a determinada nação. A cultura nacional, conforme argumenta Hall (2005), opera socialmente como um discurso, organizando as ações dos sujeitos, produzindo sentidos sobre a nação e, portanto, construindo identidades que conferem ao sujeito um sentimento de pertencimento. Esta concepção identitária, de acordo com Anderson (1989), remete ao passado glorioso da nação e de seu povo, às histórias e às memórias, possibilitando conexões entre passado, presente e futuro. Segundo o autor, o que caracteriza essa comunidade como imaginada, além das questões referentes à cultura nacional, à identidade e à memória, é a imaginação de um companheirismo, comunhão e fraternidade que seriam compartilhados entre os membros da nação em decorrência de suas raízes culturais comuns.

No processo de retorno, existem redes de apoio ao imigrante internacional brasileiro. O papel desempenhado por essas redes, sejam elas nacionais ou internacionais, governamentais ou não-governamentais, familiares ou de outra natureza, torna-se fundamental

no sentido de concretizar o retorno e de auxiliar a readaptação do imigrante retornado à sociedade brasileira. Tais redes de apoio podem ser consideradas redes migratórias, uma vez que são caracterizadas pelas relações – de cooperação, por exemplo - entre indivíduos, famílias e organizações envolvidas de alguma forma com o processo migratório (CAMPOS, 2015).

O imigrante internacional brasileiro, após retornar ao Brasil, constrói e negocia sua identidade de maneira relacional, ou seja, considerando os contextos sociais em que ele está inserido em momentos determinados. Por essa razão, a identidade pode ser analisada como uma estratégia de adaptação. Como parte dessa estratégia, são consideradas as experiências do sujeito ao longo de todo o processo migratório vivenciado por ele, por exemplo, o capital humano adquirido no exterior. Tal construção e negociação da identidade apresenta flexibilidade em decorrência do que Hall (2005) denomina como deslocamento ou descentramento do sujeito na pós-modernidade, questionando a concepção essencialista da identidade em favor de uma visão relacional. Ademais, a globalização, enquanto fenômeno da modernidade que transpõe fronteiras nacionais e torna o mundo interconectado, contribui para a intensificação da hibridação das identidades, que, por sua vez, interfere na construção, negociação e representações da identidade do imigrante retornado. Para além de uma abordagem objetivista e essencialista de identidade, caracterizada como fixa no contexto do Estado-Nação considerando critérios como a origem comum, o vínculo territorial e a língua, a perspectiva subjetivista, segundo Cuche (1999), considera que a construção da identidade ocorre a partir das relações sociais mantidas pelos agentes em diferentes contextos. Tais relações norteiam a agência dos indivíduos, suas representações e decisões. Em outras palavras, a construção da identidade é uma manifestação relacional, ela se constrói e se reconstrói por meio das trocas sociais e é resultado da oposição e da diferenciação entre grupos sociais (BARTH, 2000), não sendo, portanto, rígida.

A metodologia utilizada nessa pesquisa é qualitativa, considerando prioritariamente a relevância dos discursos e interpretações do imigrante sobre sua experiência de retorno ao Brasil, os significados e representações que os mesmos, enquanto sujeitos sociais, constroem em relação a sua trajetória migratória e à sua identidade. Ou seja, o foco não está em mensurar o fenômeno social da imigração internacional de retorno, mas sim em compreender o sentido atribuído pelo sujeito que regressa à sua volta ao território de origem, à construção e negociação da identidade.

A pesquisa qualitativa permite uma percepção mais aprofundada do problema estudado, considerando “a especificidade e a complexidade dos processos em jogo”

(GROULX, 2012, p. 97), bem como o contexto sociocultural em que se insere o objeto de estudo. Além disso, ao favorecer novas perspectivas sobre os fenômenos sociais e a produção de interpretações descentralizadas, a pesquisa qualitativa possibilita encontrar a “heterogeneidade das situações, a diversidade das trajetórias e das experiências” (GROULX, 2012, p. 101). Ainda, destacam-se o pluralismo e o relativismo que permitem uma leitura exaustiva da realidade social, reconhecendo aquilo que é invisível e também redescobrimo os sujeitos sociais como capazes de conceber estratégias e de mobilizar recursos (GROULX, 2012). Neste sentido, consideramos que a abordagem qualitativa como a mais adequada para os propósitos dessa pesquisa.

Por fim, cabe destacar a forma como foi organizada a presente dissertação. Ressaltamos o atributo dialético dessa produção acadêmica, em que buscamos articular as narrativas de nossos interlocutores aos estudos teóricos e conceituais utilizados como alicerce.

Nessa Introdução (capítulo 1), contextualizamos a pesquisa por meio de uma apresentação sobre a temática da imigração de retorno no caso brasileiro após a realização do Censo Demográfico do IBGE. São apresentados o problema delimitador da pesquisa, a pergunta de partida, os objetivos geral e específicos, as hipóteses de trabalho e a metodologia utilizada. Ao final, descrevemos a estrutura dos demais capítulos, com os principais tópicos abordados em cada um.

O capítulo 2: Identidades entre dois mundos: passos para um olhar sobre o retorno ao Brasil é dedicado à apresentação do caminho percorrido para a realização desta pesquisa. Apresentamos as motivações que nos levaram a desenvolver o interesse pela temática das migrações internacionais e que, conseqüentemente, desencadearam a produção da dissertação. Explicamos a proposta metodológica inicial e as estratégias utilizadas para os desafios e impasses encontrados no decorrer de seu desenvolvimento. Introduzimos os atores sociais e suas trajetórias migratórias, desde a emigração até o retorno, e destacamos as categorias utilizadas para a análise proposta.

O capítulo 3: O Brasil no caminho dos fluxos migratórios internacionais engloba a apresentação e a discussão do conceito de migrante, migração internacional e de retorno, tomando como referência estudos realizados nesse campo. Empreendemos uma discussão desde uma perspectiva histórica acerca das migrações internacionais no contexto brasileiro, até questões atuais, como por exemplo, a atual proposta de substituição do Estatuto do Estrangeiro de 1980 para uma legislação migratória – a nova Lei da Migração - baseada nos direitos dos migrantes e que os considere como potencial de desenvolvimento para o país. Apresentamos resultados do Censo do IBGE de 2010 que revelam a situação da emigração

internacional brasileira na década de 2000. Por último, discutimos as principais teorias que buscam explicar o fenômeno multifacetado das migrações internacionais.

No capítulo 4: Fronteiras abertas entre as sociedades de destino e de origem e a eventualidade do retorno, são apresentados e discutidos os resultados do Censo do IBGE de 2010 sobre a imigração internacional no Brasil, especificamente, a imigração de retorno, debatida considerando os principais autores que tratam do assunto e as pesquisas atuais que abordam o regresso de brasileiros. Adicionado, as redes migratórias, que se mostram relevantes na análise dos processos de migração internacional, compreendendo as redes informais e formais, especialmente iniciativas de instituições como Ministério das Relações Exteriores (MRE), Ministério do Trabalho (MTE), Ministério da Previdência Social (MPS) e Organização Internacional para as Migrações (OIM).

No capítulo 5: Identidades em obra nos percursos migratórios no contexto do retorno ao Brasil, realizamos a discussão sobre processos identitários – construção e negociação - característicos das migrações internacionais, evidenciando a questão do retorno, a partir da literatura sobre identidades, cultura e representações sociais no fenômeno migratório, e destacando os significados e sentidos atribuídos às experiências dos atores sociais da pesquisa.

Ao final, são apresentadas as conclusões do estudo realizado.

## **2 IDENTIDADES ENTRE DOIS MUNDOS: PASSOS PARA UM OLHAR SOBRE O RETORNO AO BRASIL**

“Você saiu do seu país, saiu do seu mundinho. Saiu do seu mundinho, acabou, ganhou o mundo”. Essa passagem foi extraída de entrevista realizada com uma colaboradora, imigrante retornada ao Brasil após viver na Holanda. Conferimos-lhes destaque por a considerarmos representativa dos discursos ouvidos durante a realização desta pesquisa – em que muitos consideram a emigração do Brasil como um divisor de águas em suas vidas, e por ela possibilitar reflexões acerca do fenômeno migratório. Compreendemos que o desprendimento do país natal, a saída da zona de conforto em nome de sonhos e de projetos pessoais e/ou profissionais em outros países, mesmo que este processo envolva grandes e, por vezes, dolorosos desafios, é um ato de bravura.

É justamente a coragem e a experiência ao lidar com os percalços que torna a migração internacional um momento de redescobertas, de amadurecimento e de crescimento tanto pessoais quanto profissionais do imigrante. Nessa jornada, os sujeitos passam a existir entre dois mundos: o deixado para trás e o novo mundo representado pelo país de destino. Retornando ao país de origem, as referências continuam ambíguas, colocando em encontro e também em oposição as duas realidades conhecidas.

### **2.1 A influência das experiências pessoais na delimitação de objetos de estudo científico**

Considero relevante expor como surgiu o meu interesse pela temática particular das migrações internacionais. Ainda no ensino médio, tive a oportunidade de participar de um programa de intercâmbio estudantil cultural em outro país. O objetivo era me inserir em uma sociedade estrangeira (na escola, na família anfitriã e na vida social em geral) e, conseqüentemente, aprofundar o idioma (inglês), além de outras experiências e do provável amadurecimento decorrente dos impasses que envolvem morar fora do próprio país, ainda com 16 anos, não dominando completamente o idioma e estando distante do apoio da família. O país escolhido foi o Canadá e a cidade, Abbotsford, na Colúmbia Britânica.

Naquele período (2008-2009), sem nenhuma preparação acadêmica para tal, observei que a cidade tinha uma população considerável de asiáticos, especialmente imigrantes indianos. Aquilo me chamava atenção, porque as diferenças eram muito marcantes, principalmente, as vestimentas, a aparência fenotípica e a culinária. Ao mesmo tempo, notei que não parecia haver interações sociais constantes entre os indianos e os canadenses, ambos

os grupos pareciam fechados em si mesmos. De toda forma, eu achava interessante essa mistura característica da cidade e da sociedade canadense, marcada pelo multiculturalismo.

Mais tarde, em 2011, já estudante do curso de graduação em Relações Internacionais, propus-me a fazer Iniciação Científica. Não tinha nada definido em relação ao tema, porém meu interesse pela disciplina de antropologia era crescente, especialmente sobre cultura e identidade. Em determinado momento, associei minha experiência multicultural no Canadá àquilo que aprendia nas aulas de antropologia. Em conversas com a professora que viria a ser minha orientadora, lapidei meu objeto de estudo e desenvolvi uma pesquisa sobre as implicações da imigração asiática na identidade cultural dos canadenses, tendo como recorte a cidade de Abbotsford e a imigração indiana.

Mills (2009) defende que no processo de produção do conhecimento científico – denominado por ele como artesanato intelectual, as experiências de vida do pesquisador devem ser utilizadas no trabalho intelectual que ele desenvolve, “de modo a examiná-las e interpretá-las continuamente” (MILLS, 2009, p. 22). Além disso, considerar essas experiências é crucial por elas serem fonte de um trabalho original. De acordo com o autor:

O artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode “ter experiência” significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura. Como cientista social, é preciso controlar esta ação recíproca bastante complexa, apreender o que experiencia e classificá-lo; somente desta maneira pode esperar usá-lo para guiar e testar sua reflexão e, nesse processo, moldar a si mesmo como um artesão intelectual (MILLS, 2009, p. 22).

As reflexões do autor são importantes para explicar e subsidiar a minha decisão na escolha do tema desta pesquisa, instigada por uma experiência pessoal. Geertz (2002) ressalta o desafio da construção de textos científicos que sejam baseados em experiências biográficas do autor/ pesquisador, visto que esse tipo de produção envolve complexas negociações entre o autor e o grupo pesquisado. Neste sentido, Geertz recorre a Firth (1936), que argumenta sobre a necessidade do investigador de sempre contestar seus pressupostos baseados em vivências pessoais de modo a abrir caminhos para a consideração de outros pressupostos possíveis:

A maior necessidade [...] nas ciências sociais de hoje, é de uma metodologia mais refinada, tão objetiva e desapaixonada quanto possível, na qual, embora os pressupostos decorrentes do condicionamento e do interesse pessoal do investigador influenciem seus resultados, esse viés seja constantemente enfrentado, a possibilidade de outros pressupostos iniciais seja reconhecida e as implicações de cada um deles sejam levadas em conta no decorrer da análise (FIRTH, 1936, p. 48)

apud GEERTZ, 2002, p. 26).

Ressalta o autor sobre a importância do equilíbrio entre as experiências pessoais e o interesse científico, de modo a não restringir as possibilidades e os desdobramentos da análise e, conseqüentemente, prejudicar o andamento da pesquisa, tentando mantendo certa imparcialidade.

O meu fascínio e entusiasmo pela temática das migrações internacionais e pelas narrativas dos migrantes sobre o processo por eles vivenciado tornou-se fundamental para a minha recém-iniciada trajetória acadêmica e, com efeito, optei para o curso de mestrado por investigar a construção e negociação de identidades de migrantes considerando seu retorno ao Brasil. Mills (2009) explica que, uma vez que o objeto de estudo é escolhido e construído, “ele está em toda parte. Você se torna sensível a seus temas; passa a vê-los e ouvi-los sempre em sua experiência” (MILLS, 2009, p. 41), o que virou uma realidade no meu percurso como pesquisadora.

Pesquisar sobre migrações internacionais representa, para mim, a oportunidade de um aprendizado indiscutivelmente enriquecedor, cheio de lições e descobertas proporcionadas pelas histórias das pessoas que deixam o seu país por razões diversas e que, por diferentes motivações, decidem – ou são forçadas – a retornar. Ressalta Menezes (2012) que é imprescindível: “Compreender a experiência dos migrantes, que, muitas vezes, é indizível, vivenciada em silêncio ou silenciada, pois é constituída de sentimentos de indignação, humilhação, sofrimento, dor, mas também, de muita coragem, sonhos, desejos” (MENEZES, 2012, p. 38).

Assim, penso que esta pesquisa, como foi construída, é importante no campo dos estudos sobre migrações para contribuir na construção de políticas públicas voltadas à população migrante, em especial dos retornados.

## **2.2 A construção metodológica: desafios e estratégias**

Pela natureza subjetiva do objeto de pesquisa, a metodologia escolhida é qualitativa. Sua legitimidade, enquanto empregada como forma de interpretação e análise de questões sociais contribui para a produção de um novo discurso sobre o social e permite o alcance a processos que a abordagem quantitativa não abrange ou considera desinteressante (GROULX, 2012).

Foi priorizada a corrente teórica da antropologia interpretativa ou hermenêutica, por

entender que as sociedades e seus componentes devem ser analisados como se fossem textos ou análogas a textos, para que delas se depreenda os significados a partir da interpretação (GEERTZ, 1989). É essencial para essa abordagem de estudo das culturas saber quem são as pessoas que nelas estão inseridas, o que elas fazem e por que razão elas creem que fazem o que fazem (GEERTZ, 1989). Busca-se, a partir da hermenêutica, captar os significados dos discursos dos informantes (processo de subjetivação), a interpretação das interpretações, e a escrita (processo de objetivação) das narrativas discursivas, assim construindo o conhecimento acerca do fenômeno analisado.

Para subsidiar a elaboração do arcabouço teórico central, utilizamos o procedimento de pesquisa bibliográfica para apreender conceitos e teorias norteadoras dessa investigação, como cultura, identidade, teorias migratórias, representações sociais, redes migratórias, dentre outros. Ainda, realizamos pesquisa documental no âmbito das instituições: Ministério das Relações Exteriores (MRE), Ministério do Trabalho (MTE), Ministério da Previdência Social (MPS) e Organização Internacional para as Migrações (OIM), com o objetivo de analisar iniciativas das redes formais de apoio e orientação aos imigrantes retornados no Brasil, sobretudo para a reinserção laboral e reintegração social no país.

Inicialmente, nossa proposta era a realização de uma etnografia que necessariamente implica na interação constante da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa. Isso se daria por meio do acompanhamento e observação dos imigrantes retornados em suas experiências cotidianas, nos rituais de construção, reforço e negociação da identidade e na escuta de suas narrativas e interpretações. Como explica Caiafa (2007), “a participação do etnógrafo naquilo que investiga produz conhecimento, faz avançar a investigação” (CAIAFA, 2007, p. 137). Ainda, a etnografia traria para a pesquisa uma riqueza em termos de impressões e informações que são observadas e obtidas a partir do trabalho em campo. Essa empreitada metodológica exige disponibilidade de tempo para inserção no contexto social analisado e subsequente criação de laços de confiabilidade com os atores.

Todavia, devido às minhas limitações de tempo, já que sou funcionária pública com regime diário de trabalho de 8 horas, adicionado ao curto período do mestrado, percebi que seria inviável a realização da etnografia. Assim, optamos por basear todo o nosso trabalho de campo em entrevistas em profundidade com os nossos colaboradores – denominados como interlocutores. Para Oliveira (2000), o nativo atua como interlocutor, e não apenas como mero informante do pesquisador através de interação superficial, mas sim por meio de um diálogo e de compartilhamento de informações que o antropólogo busca conhecer e compreender.

Para as entrevistas, foi elaborado um guia temático contemplando os objetivos da

pesquisa e considerando os três momentos principais da trajetória dos nossos interlocutores:

- a) A fase anterior à emigração, envolvendo tópicos como a identificação dos atores naquele período, a situação em que se encontravam no Brasil, as motivações para emigrar, o planejamento e preparação para o processo, além das expectativas;
- b) a imigração propriamente dita, com tópicos sobre a realidade encontrada no país de destino, as dinâmicas de adaptação e de integração, o trabalho e o estudo, as experiências vividas no novo cotidiano e as novas relações sociais, os sentimentos e as relações mantidas com o Brasil e/ou brasileiros; e
- c) o retorno ao Brasil, no que se refere ao processo decisório e preparatório para retornar, às motivações, à situação em que se encontravam no país de destino, às expectativas em relação ao retorno e o retorno em si: a realidade encontrada no Brasil, as dificuldades e/ou superações, os sentimentos e as experiências do retornado, a readaptação e reinserção ao Brasil.

Consideramos que a entrevista é a arte da conversação com vistas à obtenção do conhecimento a partir do relato de experiências vividas pelas pessoas (VALLES, 2002), que remete à subjetividade construída pelo elemento da confissão, este que também contribui no aprofundamento e ampliação do entendimento das experiências dos sujeitos (GUBRIUM; HOLSTEIN apud VALLES, 2002).

Portanto, para analisarmos a construção e negociação das identidades dos imigrantes brasileiros a partir de sua experiência de retorno ao país, tornou-se fundamental compreender através dos relatos dos sujeitos sociais as suas experiências e trajetórias migratórias – de ida e de volta, o que foi viabilizado, ao nosso ver, sem prejuízos, apenas pelas entrevistas em profundidade, pois elas forneceram “os dados básicos para o desenvolvimento e compreensão das relações entre os atores sociais e a sua situação (GASKELL, 2003, p. 65).

Para análise do material empírico coletado no trabalho de campo, utilizamos o procedimento de análise de conteúdo, que permite a extração de significados de determinado texto ou documento, no caso desta pesquisa, das entrevistas realizadas. Tal modalidade de análise foi o instrumento empregado para interpretação daquilo que foi dito pelos interlocutores. De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo é uma:

Hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação [...] absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito [...], retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de “desocultação”. (BARDIN, 1977, p. 9-10).

Através da análise de conteúdo, o texto – considerado como um meio de expressão (BAUER, 2003) – foi decomposto de forma a obtermos o seu sentido a partir de suas unidades elementares, ou seja, palavras, categorias, temas e termos específicos, e a captarmos as circunstâncias em que as mensagens foram produzidas. Foram observados valores, opções e preferências dos sujeitos que utilizaram tais unidades (CHIZZOTI, 2010), por sua vez arranjadas em categorias analíticas definidas de acordo com as hipóteses, os objetivos da pesquisa e as informações compartilhadas.

### **2.3 Apontamentos sobre os atores sociais da pesquisa**

Para a nossa pesquisa, os interlocutores foram selecionados através de redes informais de contatos, com indicação de amigos e pessoas que tomaram conhecimento deste trabalho. Nossos entrevistados encontram-se na faixa etária de 28 a 54 anos; são 5 mulheres e 3 homens; emigraram voluntariamente para Estados Unidos, Espanha, Rússia, Chile, Holanda e Canadá, onde permaneceram entre 2,5 a 17 anos. Possuem diferentes níveis de escolaridade: desde ensino médio incompleto à pós-graduação.

Quando indagados sobre as motivações para sair do Brasil, declararam o desejo de trabalhar e de fazer uma poupança para retornar ao país de origem, a ambição, a curiosidade, o desejo de experimentar viver no exterior e de aprender e/ou aprimorar outro idioma, a realização de cursos diversos, o reagrupamento familiar e o casamento. É importante assinalar que, em alguns casos, mais de uma motivação foi explicitada.

Ainda, é válido lembrar que os motivos da emigração do Brasil e do regresso são relevantes para compreensão dos sonhos e expectativas, assim como das frustrações e desencantamentos dos imigrantes, embora não foram determinantes na seleção dos interlocutores. Ressaltamos que o período em que o regresso ocorreu não foi um critério, apesar de observarmos um retorno expressivo de brasileiros após 2005, de acordo com os dados do IBGE.

Ao relatar sobre seus objetivos no período anterior à emigração, alguns entrevistados explicaram que seus projetos de migrar eram temporários (para a conquista de um objetivo específico), outros permanentes (tinham o intuito de permanecer no país estrangeiro em definitivo) e ainda outros que não tinham definido temporalidade (emigraram sem um projeto estabelecido). Foi possível perceber que nem todos tinham situação jurídica regular (devidamente documentados); alguns viviam na clandestinidade, em condição irregular/indocumentada.

No que tange a ocupação no país de destino, observamos que esta varia de acordo com a formação, a escolaridade, a situação jurídica, entre outros fatores. Por exemplo, alguns trabalharam no setor de limpeza em residências (diarista), no de beleza (manicure), na construção civil (pedreiros e pintores), nos restaurantes (garçons/ garçonetes, ajudante de cozinha e recepção), em locadora de veículos (atendimento ao cliente), no setor público (assistente em tribunal de justiça e professor no sistema de ensino público), em universidades (professor universitário), na área de tecnologia (técnico de manufatura), entre outros. Em seus relatos, os entrevistados declararam que as ocupações podiam variar por dificuldade de encontrar trabalho e por período de maior ou menor absorção de mão de obra em determinados setores, ou seja, as ocupações não eram definitivas e nem tão pouco únicas. Ainda, a situação jurídica foi determinante nos tipos de trabalho desempenhados, dado que o status irregular de alguns restringiu as possibilidades laborais no país de destino.

Dos atores que participaram da pesquisa, todos emigraram do estado de Minas Gerais e regressaram diretamente ao mesmo estado, com uma exceção. Dentre eles, os retornos aconteceram de maneira voluntária e somente uma entrevistada relata ter sido deportada. Nas narrativas, percebemos que as razões para o retorno foram especialmente problemas financeiros, mudanças no campo pessoal que alteraram seu projeto (como o nascimento de filho), alcance dos objetivos que tinham ao emigrar para o exterior, saudades do Brasil, da família e necessidade de cuidar de parentes idosos, relacionamentos afetivos, fazer curso universitário no Brasil (nos casos em que condição de indocumentados não permitia ou dificultava acesso à escolaridade formal no exterior, bem como dificultava a ascensão profissional) e participar de concurso ou cargo público no Brasil.

De regresso ao país, nossos interlocutores atualmente exercem as profissões de servidor público, professor de inglês, vendedor, analista de logística, advogado e motoboy, e uma de nossas entrevistadas encontra-se desempregada. Alguns voltaram a trabalhar nas mesmas profissões que tinham antes de emigrar, enquanto outros inseriram-se em áreas distintas, principalmente devido à experiência migratória que despertou novos interesses e possibilitou qualificação educacional e profissional, contribuindo para a construção de capital humano e social. Eles residem nas cidades de Belo Horizonte, Contagem, Sabará, Mariana e Uberaba.

De maneira individual e para facilitar a compreensão do leitor, introduzimos cada interlocutor com um breve relato descritivo acerca de suas trajetórias. Ressaltamos que os nomes aqui apresentados são fictícios, com o intuito de resguardar a intimidade e privacidade dos nossos colaboradores.

- a) **Carolina** tem 54 anos, é casada, não tem filhos, mora em Belo Horizonte e atualmente está desempregada. Emigrou para os Estados Unidos da América (EUA) – cidade de Albuquerque, com 28 anos em 1990, após ter se casado com um americano. Possui dupla cidadania (brasileira e americana). Voltou ao Brasil definitivamente em 2007, após 17 anos nos EUA. Nesse período, ela regressava ao Brasil de dois em dois anos para visitar familiares. Antes de emigrar, havia cursado a graduação em desenho industrial, confeccionava e vendia bijuterias, além de trabalhar em uma empresa pública na área de comunicação visual. Ela relata que a principal motivação para a emigração foi o casamento. Além disso, não tinha grande conhecimento do inglês, tendo frequentado curso do idioma apenas 6 meses antes de se mudar para os EUA. Logo que chegou ao novo país, continuou os estudos de inglês e depois começou a trabalhar, tendo passado por diferentes ocupações, como vendedora e cuidadora de idosos. Ao aperfeiçoar seu inglês, ela buscou qualificação profissional, tendo sido contratada por uma empresa multinacional no setor de microeletrônica. Teve experiência profissional em duas empresas do mesmo ramo e, em decorrência do estresse, ela decidiu abandonar a área. Posteriormente, Carolina concluiu dois cursos de mestrado nas áreas de educação e de treinamento e começou a atuar no setor de treinamentos corporativos. Trabalhou em diversos projetos sociais do governo e em universidades. Após prestar um concurso, passou a lecionar em escolas públicas do Novo México. Ela decidiu retornar para o Brasil em 2006, devido à aposentadoria do marido e ao envelhecimento de seus pais que ficaram no Brasil. Relata que apesar da ótima vida que tinha nos EUA, ela se sentia muito afastada da família. Após 6 meses de planejamento, ela regressou em 2007, após ter pedido licença do trabalho nos EUA e ter vendido bens como casa e carros. Ela explica que nunca pensou no retorno ao Brasil como permanente, mas que gostaria de passar um tempo – indeterminado – no país. Sobre o regresso, ela conta que foi mais difícil estar novamente no Brasil do que estar nos EUA quando emigrou. Entre as dificuldades, aponta o trânsito, a burocracia, a dificuldade em encontrar emprego, o distanciamento de amigos e os problemas de adaptação do marido, que tinha 60 anos de idade. Por outro lado, ressalta o calor humano e a proximidade com a família. Carolina trabalhou no serviço público estadual de 2008 até meio de 2016, quando foi desligada. Ela considera uma nova emigração para os EUA, para terminar o seu tempo de contribuição com a previdência social e se aposentar lá, onde considera mais vantajoso financeiramente e pela qualidade de vida que pode desfrutar.

b) **Elaine** tem 32 anos, é divorciada, tem um filho de 4 anos, mora em Contagem e atualmente é professora de inglês. Emigrou para Holanda com o irmão aos 19 anos, em 2004, para se reagrupar com a mãe que já havia emigrado e estava estabelecida em Amsterdã. Antes da primeira ida para a Holanda, ela era gerente de uma clínica de estética e não tinha um projeto migratório definido. Naquele momento, havia concluído o ensino médio. Permaneceu no país por 5 meses tendo trabalhado em uma fábrica de exportação de flores e em casas de família, como faxineira. Após esse período, ela retornou ao Brasil motivada por um relacionamento amoroso e se casou. Nesse momento, Elaine iniciou o curso de graduação em serviço social, o que provocou conflitos no casamento, pois o marido não aceitou que ela fizesse um curso universitário. Com a separação e após 1,5 ano no Brasil, ela retornou para a Holanda, onde ficou por 1 ano, trabalhando com faxineira e fazendo cursos de inglês. Mais uma vez, ela voltou para o Brasil na tentativa de reatar o antigo relacionamento amoroso, que de novo não deu certo. Então, Elaine decidiu que queria viver na Holanda e emigrou novamente em 2007, com um projeto permanente, onde ficou por 3,5 anos, irregularmente e ainda trabalhando como faxineira, babá e manicure. Ela tomou a decisão de retornar ao Brasil para retomar o curso universitário em 2010, com 26 anos, pois não queria continuar vivendo indocumentada, pois essa situação restringia suas possibilidades de ascensão profissional na Holanda. “Eu cheguei no topo que eu poderia chegar com imigrante...ilegal”. Elaine relata que poderia ter se casado com seu então namorado brasileiro, que era legalmente documentado na Holanda, o que facilitaria sua condição no país, mas ela optou por voltar. Elaine explica que tinha orgulho de ser brasileira e via o Brasil como país em crescimento e com oportunidades. Logo depois de seu retorno para Belo Horizonte, o namorado – que era empresário, veio para o Brasil ao seu encontro. Eles casaram-se se mudaram para Guarapari. Sobre o retorno, ela relata ter sentido um grande choque cultural em relação aos hábitos e costumes brasileiros, mas que foi bom estar próxima da família (a mãe já havia retornado) e dos amigos novamente. Ela retomou o curso de graduação no Espírito Santo, teve um filho, divorciou-se e voltou para Belo Horizonte, onde concluiu os estudos, fez pós-graduação e começou a trabalhar como professora. Elaine acredita que suas escolhas determinaram a posição onde ela está hoje, mas revela que poderia ter feito diferente no passado, evidenciando arrependimento em ter retornado e um desejo de nova emigração, desde que de maneira legal.

- c) **Amanda** tem 40 anos, é solteira, não tem filhos, mora em Mariana e é professora de inglês. Ela emigrou para os EUA (Boston) em 2000, com 24 anos, com visto de turista. Antes da partida em 2000, trabalhava como professora de história. Em seus relatos, Amanda explica que tinha uma grande identificação com a língua inglesa e gostaria de aprimorá-la no exterior, com o intuito de tornar-se professora do idioma no Brasil, tendo um projeto migratório temporário. A escolha pelos EUA se deve ao fato de que seu irmão e uma prima já moravam em Boston. Nos EUA, além de ter feito diversos cursos de inglês em lugares diferentes – seu objetivo principal, trabalhou como *hostess* em um restaurante brasileiro e como assistente de atendimento em uma locadora de veículos, em condição irregular, pois não possuía permissão oficial para o exercer atividade laboral. Seu retorno foi motivado pelo alcance de sua meta, que era adquirir fluência na língua, e também pela saudade da família e do Brasil. Além disso, ela foi convocada pelo banco no qual havia sido aprovada em concurso público antes da emigração. Como ela já pensava no retorno, a convocação foi apenas o estopim para a sua volta, em 2003. Todavia, Amanda não se adaptou ao trabalho e nem à cidade para onde ela foi alocada, passando por diversas dificuldades, o que a levou a tentar ir para os EUA novamente, em 2004. Contudo, nesta tentativa ela foi deportada, ainda no aeroporto, tendo retornado ao Brasil (Mariana) de maneira forçada. Amanda buscou se reinventar no Brasil, começou a dar aulas de inglês – profissão que exerce até hoje, e fez pós-graduação na área de línguas. Ela relata ter passado por uma fase complicada que demandou readaptação, mas que hoje se sente realizada com o que faz. Ela tem planos para emigrar novamente, mas dessa vez para fazer um mestrado no exterior, devidamente documentada, e continuar aprimorando-se profissionalmente.
- d) **Jéssica** tem 33 anos, é divorciada, não tem filhos, mora em Belo Horizonte e trabalha como advogada, mesma profissão que exercia antes da emigração. Ela foi para o Chile (Santiago) em 2008, com 25 anos, onde morou por 5 anos legalmente, tendo retornado em 2013, aos 30 anos. A motivação para emigrar foi o casamento com um chileno. Ela tinha o projeto migratório como permanente. No Chile, Jéssica foi professora de português, fez mestrado na área de direito, tendo trabalhado em um tribunal de justiça e também em uma universidade, como professora. Ela relata que sua adaptação e experiência foram muito boas, tinha uma vida muito confortável no país, apesar dos sentimentos de saudade e de nostalgia em relação ao Brasil e às pessoas deixadas. Seu retorno foi motivado por conflitos pessoais relacionados ao seu ambiente de trabalho

onde tinha poucas possibilidades de crescimento e, então, surgiu o interesse em prestar concurso público no Brasil para ser diplomata. Jéssica retornou para o Brasil com o marido chileno, com uma poupança que os possibilitaria viver sem trabalhar por algum período, e os dois se estabeleceram em Curitiba, onde ela começou a se preparar para o concurso. O marido de Jéssica decidiu fazer um intercâmbio de três meses em um país de língua inglesa e ela ficou em Curitiba, onde fez novas amizades, abrindo novas perspectivas. Com a viagem do marido, algumas mudanças desdobraram na separação do casal e ela acabou retornando pra Belo Horizonte após aproximadamente 5 meses no Paraná. Jéssica relata que estar novamente próxima da família foi excelente, mas sentiu muito o distanciamento de amigos antigos; ao mesmo tempo, fez novas amizades. Todavia, ela relata que a separação do marido teve um grande impacto emocional, por “ter perdido a pessoa que cuidava dela”. No retorno a Belo Horizonte, Jéssica, com as economias que tinha, mudou de casa sucessivas vezes. Apesar do bom relacionamento com a família, morar com eles não era mais o seu projeto. Além disso, ela desistiu do concurso, após algumas tentativas frustradas, e decidiu fazer um novo curso de graduação, que deu a ela oportunidades de estagiar em projetos de pesquisa e extensão da universidade e em escritório de direito internacional, onde ela trabalha até hoje, apesar de ter desistido da nova graduação após o terceiro período. Nesse processo de conflitos pessoais, Jéssica explica que buscou fazer terapia. Ela relata sentir que regrediu profissionalmente no Brasil tendo recommçado uma graduação, uma vez que ela já tinha mestrado e, no Chile, ocupava um bom cargo. Por outro lado, o balanço que ela faz da sua experiência como um todo é positivo, tendo sido uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

- e) **Larissa** tem 35 anos, é solteira, não tem filhos, trabalha como vendedora, tem ensino médio completo e mora em Uberaba. Emigrou para a Espanha (Menorca, Sevilha e Barcelona) em 2003, com 23 anos, onde permaneceu até os 25, em 2005, quando retornou ao Brasil pela primeira vez. Em 2007 ela emigrou novamente, permanecendo na Espanha até 2009, e voltou aos 28 anos. Nos dois períodos, Larissa esteve em situação irregular. Antes de emigrar, ela trabalhava como vendedora e relata que nunca havia pensado em sair do Brasil, mas sua decisão foi decorrente de uma oportunidade que teve. O projeto de Larissa era temporário; ela tinha o objetivo de fazer poupança no exterior e retornar. Decidiu ir para a Espanha, pois, na época, tinha uma amiga que já morava lá, que lhe disse que no país ela poderia ganhar muito

dinheiro. Além disso, havia terminado um noivado no Brasil e relata que nada a prendia ao país. Ao chegar à Espanha, Larissa descobriu que a amiga era envolvida em atividades ilícitas, como tráfico de drogas e de pessoas para prostituição, e que ela seria mais uma vítima. Conseguiu escapar e passou a trabalhar na cozinha de restaurantes, como camareira em hotéis e faxineira em casas particulares. Explica que conseguiu aprender a se comunicar rápido no país sem ingressar em cursos de idiomas, com esforço próprio. Larissa conta que não tinha vida social, porque não confiava em ninguém – depois de ter sido enganada pela amiga – e também pelo medo de ser identificada como imigrante indocumentada. Então, sua rotina se limitava à casa e ao trabalho. Ela morou em lugares sem recursos básicos e enfrentou dificuldades e restrições nas três cidades onde residiu na Espanha, tendo sido presa uma vez e recebido uma carta de expulsão na segunda emigração. Todavia, Larissa decidiu permanecer no país, mesmo com a carta. O primeiro retorno ao Brasil foi devido aos percalços vividos e à saudade de casa e da família. Todavia, no período que ela permaneceu em território brasileiro, relata que voltou a trabalhar como vendedora, mas passou a ter conflitos por causa do baixo salário que recebia, quando comparado ao que ganhava na Espanha, o que prejudicou seu poder de compra. Então, ela novamente decidiu emigrar para a Espanha temporariamente. Relata que, na segunda vez, acreditou que seria mais fácil, pois já conhecia como as coisas funcionavam no país, além de conseguir se comunicar bem. Larissa trabalhou nas mesmas ocupações do período anterior e passou por mais de uma cidade. Todavia, os impactos da crise econômica de 2008 passaram a ser sentidos, e ela decidiu voltar ao Brasil, por acreditar não estar valendo a pena financeiramente, pois não tinha condições de pagar o aluguel da moradia e muito menos de mandar dinheiro para os familiares. Para voltar, sua mãe custeou a passagem. Após o segundo retorno em 2009, ela relata que conseguiu emprego rápido de vendedora, o que faz até hoje e não pensa em sair do Brasil, ao menos não em condição irregular e como aventureira, como ela se definiu. Afirma que perdeu muitos vínculos no Brasil, mas que o que realmente importa é a família. Com a experiência de emigrar, Larissa explica que passou a reclamar menos e valorizar tudo, desde a cama em que ela dorme até o prato de comida que come. Além disso, percebe que mudou em alguns aspectos, como ter se tornado fria e desconfiada de tudo e de todos, em decorrência das experiências negativas vivenciadas na Espanha.

f) **Raul** tem 28 anos, é casado, tem um filho de 7 anos, trabalha como analista de logística em uma empresa de aviação e mora em Belo Horizonte. Ele emigrou para a Rússia aos 18 anos, em 2006, com o projeto temporário de estudar medicina, estando devidamente documentado com visto de estudante. Ele tomou conhecimento da oportunidade por meio de programas de educação superior voltados para estudantes estrangeiros, principalmente brasileiros. Raul relata que a adaptação ao novo país foi muito difícil em decorrência das diferenças culturais. Com a convivência diária, ele passou a compreender algumas características e modos de vida dos russos, inclusive internalizando alguns. Em seus relatos, ele busca explicar as origens históricas e sociais do comportamento do povo russo, o que evidencia que, para ele, era importante entender a forma como as coisas aconteciam. Raul participou de um grupo de imigrantes internacionais brasileiros que, na sua avaliação, era um apoio importante para os problemas encontrados em seu cotidiano. Ele conta que se considera corajoso e aventureiro, por ter decidido ir para um país considerado exótico para os brasileiros. Durante seu período na Rússia estudando medicina, ele conheceu sua atual esposa, **Talita**, de nacionalidade peruana, e ela engravidou. Em decorrência disso, ele decidiu interromper o curso de graduação na Rússia e foi para a Espanha (Madrid), onde já morava a mãe de Talita. Na Espanha, com visto de turista, ele trabalhou como pintor e tentou retomar a faculdade, sem sucesso. Com dificuldades financeiras para se manter no país, Raul, então com 21 anos, retornou para Belo Horizonte com a esposa e o filho recém-nascido, em 2009. No Brasil, eles tiveram apoio emocional e material da família de Raul até se estabelecerem. Explica que tinha expectativas de conseguir emprego rápido e de ocupar altos cargos, devido à experiência internacional e à fluência nos idiomas inglês, espanhol e russo, mas não foi o que aconteceu; a sua inserção no mercado de trabalho demorou algum tempo, inclusive porque ele não tinha concluído os estudos e não tinha qualquer certificação formal. Raul trabalhou na área de telemarketing, em supermercados e em escolas de idiomas e colégios regulares, como professor de inglês e espanhol, o que possibilitou salário razoável e novas oportunidades. Ingressou na universidade, matriculando-se em um novo curso (Relações Internacionais), formando-se em 2013. Raul explica que o retorno foi positivo, mas relata que notou diferenças em seu comportamento, influenciado pela experiência migratória nos dois países. Além disso, ele conta que sua trajetória representou um processo de amadurecimento, principalmente após ter se tornado pai. Ele não demonstra o desejo por uma nova emigração. Todavia, sua esposa tem a

vontade de voltar a viver em seu país de origem, o Peru.

- g) **Caio** tem 45 anos, é solteiro, não tem filhos, trabalha como servidor público estadual e mora em Belo Horizonte. Ele emigrou para o Canadá (Toronto) aos 32 anos, em 2003. Antes da emigração, possuía formação técnica e trabalhava como protético em laboratório próprio. Caio conta que buscava a experiência de morar fora do país e conhecer outras culturas, além de aprender inglês, sua principal motivação. Como ele tinha um amigo em Toronto, decidiu viver na mesma cidade, contando com o apoio do amigo. Antes da mudança, desfez o seu negócio, vendeu sua moto e partiu, inicialmente matriculado em um curso de inglês de 6 meses. Todavia, Caio explica que desde sempre pretendeu ficar mais do que o previsto no Canadá. Ele explica que esse processo foi muito bem planejado e que representava uma mudança de vida. Aquele era o momento ou nunca mais teria a oportunidade. No Canadá, Caio relata que os 6 primeiros meses (estudando) foram tranquilos, apesar da dificuldade com o idioma que foi sendo superada, ele fez amizades e conheceu bem a cidade onde morava. Após o término do primeiro semestre – período de descobertas - e também do curso de inglês, ele relata que decidiu permanecer no país e conseguiu extensão do prazo do visto de estudante por mais alguns meses. Caio conta que foi só então que começou a se sentir sozinho, a sentir a distância do Brasil e de não pertencer ao lugar em que ele estava vivendo, o que também coincidiu com o primeiro inverno rigoroso enfrentado. Mesmo com as dificuldades, ele se reergueu e conseguiu emprego como pedreiro, tendo trabalhado na construção civil até 2007. Seu visto de estudante expirou e ele seguiu como imigrante irregular. Com o passar do tempo, Caio explica que a saudade do Brasil aumentou, fazendo com que ele refletisse sobre sua vida e sobre os rumos que ela poderia tomar, conforme suas decisões. Então, tendo cumprido o objetivo de aprender inglês, além de ter feito poupança, ele voltou ao Brasil em 2007. Explica que, na época, tinha um relacionamento amoroso sério com uma canadense e poderia se casar com a então companheira para legalizar sua situação, mas ele não quis e optou por voltar. Caio conta que o choque do retorno foi muito maior do que a chegada ao Canadá e explica que a família não compreendia os seus sentimentos. Ele decidiu mudar de profissão e buscou reconstruir sua trajetória profissional, superando uma fase de depressão. No Brasil, foi convidado para trabalhar com um amigo na área de comércio exterior, por ser fluente em inglês e ter vivido uma experiência intercultural. Com esse trabalho, ele decidiu cursar a faculdade de comércio exterior e

fez uma pós-graduação. Caio continua trabalhando na área, porém não está satisfeito com a empresa (no caso, o Governo). Ele explica que já chegou a pensar em uma nova emigração considerando a qualidade de vida, o equilíbrio entre vida pessoal e profissional e a segurança que vivenciou em um país desenvolvido. Todavia, destaca que gostaria de poder ficar no Brasil, caso encontrasse essas condições.

- h) **Marcos** tem 47 anos, é casado, não tem filhos, possui ensino médio incompleto, mora em Sabará e trabalha como motoboy, prestando serviço de entregas para uma empresa de telecomunicações. Ele morou nos Estados Unidos (Boca Raton, Pompano Beach e Deerfield Beach), tendo emigrado aos 37 anos, em 2006, e retornado ao Brasil com 40, em 2009. Marcos relata que trabalhava como porteiro em dois empregos em Belo Horizonte e morava com sua então companheira (**Camila**), cuja única tia viva morava nos EUA, em Nova York. Marcos conhecia uma pessoa que já morava em Boca Raton e que o incentivou a se mudar, prometendo ajudá-lo a buscar trabalho e garantindo ser possível ganhar muito dinheiro nos EUA. Então, Marcos e sua companheira conseguiram o visto de turista, demitiram-se de seus empregos e foram para os EUA. Marcos relata que seu objetivo era ganhar dinheiro, e que ficaria nos EUA temporariamente. Após a expiração do visto de turista, ele continuou no país de maneira irregular. Na Flórida, Marcos trabalhou em restaurantes e pizzarias brasileiros como churrasqueiro, montador de pratos e pizzaiolo. Ele explica que mandava remessas de dinheiro para o Brasil com frequência, tendo uma vida confortável, apesar de trabalhar longos turnos. No aspecto pessoal, revela que sentia muita falta de sua liberdade e de compartilhar momentos de lazer com os amigos e a família residentes no Brasil. Além disso, Marcos conta que não aprendeu inglês, pois nos EUA vivia em círculos sociais de brasileiros. Sua motivação para o retorno foi o rompimento com Camila. Ele explica que não alcançou completamente sua meta, mas, de toda forma, contava com alguma poupança. Após ter regressado de forma impulsiva, Marcos explica que questionou sua escolha e que se sentia um “estranho no ninho”, embora reconheça que não teve grandes sofrimentos, mesmo tendo vivenciado uma fase de readaptação, como se ele estivesse sempre “pisando em ovos”. Marcos rapidamente encontrou uma vaga para trabalhar como motoboy e, após 2 anos no Brasil, decidiu abrir sua própria empresa de prestação de serviços em telecomunicações (entrega de chips). Ele explica que muitos o consideram como empresário, mas ele se define como motoboy. Ele diz que se readaptou bem ao Brasil e não pensa em emigrar novamente,

apenas em viajar como turista.

Esquematizamos no quadro abaixo os interlocutores da pesquisa:

**Quadro 1 – Interlocutores da Pesquisa**

<b>Nome</b>	<b>País de destino</b>	<b>Permanência no exterior</b>	<b>Retorno ao Brasil</b>	<b>Idade atual</b>
Carolina	EUA	17 anos	2007	54
Elaine	Holanda	5 anos	2010	32
Amanda	EUA	3 anos	2003	40
Jéssica	Chile	5 anos	2013	33
Larissa	Espanha	4 anos	2009	35
Raul	Rússia e Espanha	2,5 anos	2009	28
Caio	Canadá	5 anos	2007	45
Marcos	EUA	3 anos	2009	47

Fonte: Elaborado pela autora, 2016

Compreendendo as experiências e trajetórias conhecidas nas histórias de vida narradas pelos nossos interlocutores e considerando os objetivos e hipóteses desta pesquisa, foi possível proceder à organização de categorias para a análise da construção e negociação das identidades ao longo dos percursos migratórios, particularmente no movimento de retorno ao Brasil.

## **2.4 Categorias analíticas em pauta**

Para a nossa análise, é importante ressaltar que consideramos a concepção antropológica de identidade, isto é, a identidade que é assumida por indivíduos e grupos em situações concretas diversas (OLIVEIRA, 1976). O autor destaca o caráter bidimensional da identidade, uma vez que, em sua formação, duas dimensões estão em interação: a pessoal e a social. Assim, “o conceito de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações (OLIVEIRA, 1976, p. 5).

Considerando o fenômeno migratório, as relações sociais pautam-se na observância das diferenças, evidenciando um caráter contrastivo, de modo que assumir identidades

“implica a afirmação de nós diante dos outros” (OLIVEIRA, 1976, p. 5). Deste modo, ganha espaço um jogo dialético envolvendo processos de diferenciação e identificação entre indivíduos e grupos sociais. Segundo Oliveira (2006), trata-se de um fenômeno sociocultural. Vejamos:

Enfatiza-se o adjetivo social para dissociá-lo de sua dimensão psicológica, tal como em psicologia o mesmo fenômeno pode ser estudado. A perspectiva da antropologia orienta o nosso olhar para outra dimensão, aquela que se volta para as relações sociais, em cujo contexto a questão identitária é examinada (OLIVEIRA, 2006, p. 59).

Seguindo as recomendações do autor, lançamos nosso olhar para os processos identitários dos migrantes retornados considerando os contextos sociais nos quais eles se inserem e interagem, enfatizando a experiência da mobilidade internacional. Destacamos a discussão sobre os conceitos de *Eu* e de *Identidade*, articulando reflexões filosóficas à antropologia. O *Eu* representa o indivíduo, o sujeito, a pessoa acima de todos os outros seres. Já a *Identidade* diz respeito ao “indivíduo socializado, membro de uma comunidade [...] carregado de sentido sociocultural” (OLIVEIRA, 2006, p. 61). Em outras palavras, o *Eu* interage com o indivíduo socializado a partir das múltiplas identidades possíveis que podem ser assumidas por ele no cotidiano das relações sociais, sobretudo nas situações migratórias.

Partindo dessa perspectiva, passamos às categorias analíticas:

- a) **Deixando o Brasil: a emigração.** Essa categoria busca compreender em que contexto ocorreu a emigração: o primeiro movimento das trajetórias migratórias. É importante ter conhecimento sobre a situação dos interlocutores antes da emigração e os fatores em jogo que, combinados, os motivaram para que eles tomassem a decisão de viver em um país estrangeiro, fosse ela uma decisão baseada em um projeto bem definido ou na de busca de uma vida melhor, nova e diferente, porém sem um planejamento específico.
- b) **experiências na imigração e os laços mantidos com o Brasil.** Para além do movimento de deixar o Brasil, interessou-nos conhecer e analisar as experiências de imigração dos brasileiros no exterior. Por exemplo, suas expectativas e a realidade encontrada por eles; as emoções, os sentimentos e os desafios inerentes ao processo de adaptação e integração a uma nova cultura; o desenvolvimento da linguagem e da comunicação em um idioma diferente do português; as relações e interações mantidas com o Brasil e com os brasileiros, tanto no país de destino – a partir das comunidades

brasileiras - como no próprio Brasil, por meio da comunicação com os que ficaram, e os aprendizados obtidos durante a vida, nem sempre confortável, “longe de casa”. Compreender a experiência de nossos entrevistados foi fundamental para entender como o retorno dessas pessoas ao Brasil influenciou na construção e na negociação de suas identidades.

- c) **a questão da documentação e o status migratório** foi determinante em suas trajetórias como imigrantes. Ao residir no exterior, os sujeitos, necessariamente, encaixaram-se em uma condição legal específica, a depender do tipo de autorização que possuíam para permanecer naquele país, ou a ausência dessa e suas consequências. Nesse sentido, observamos que o status migratório – regular ou irregular – foi um marcador da identidade de nossos interlocutores e de seus constantes processos de negociação, uma vez que essa condição, além de importante distintivo de inserção no país de destino, apresentou-se como um guia nas suas atividades cotidianas, inclusive quando se trata do mercado de trabalho.
- d) **o mundo do trabalho e da educação**, categoria estabelecida a partir da leitura analítica do material de campo, contribuiu para entender os significados atribuídos e representações construídas pelos migrantes às oportunidades de trabalho e de estudos que tiveram no exterior, que notamos terem sido algo central em suas experiências e que lhes ofereceram elementos significativos para a construção e negociação de suas identidades. As variáveis trabalho e educação, conforme será discutido posteriormente, mostraram-se intimamente conectadas em nossa pesquisa e foram relevantes para a análise do retorno.
- e) **a migração internacional de retorno**, enquanto categoria analítica e tema central da nossa investigação, foi crucial para alcançar e compreender com clareza tanto os fatores que desencadearam a emigração, quanto aqueles que culminaram no retorno à terra natal, esse considerado pela literatura como uma incógnita, por ser uma migração para um local ainda mais desconhecido na perspectiva do sujeito que se deslocou entre lugares.
- f) **relações Sociais, familiares e afetivas como suporte ao migrante** mostraram-se fundamentais, pois observamos, no trabalho de campo, a ênfase dada pelos interlocutores às relações familiares e afetivas que lhes forneceram apoio e suporte em diversos momentos da trajetória migratória, desde a emigração até o retorno. Viver no exterior muitas vezes é visto como símbolo de status e sucesso, mas não há ninguém melhor que os próprios migrantes para desconstruírem alguns mitos em torno desse

fenômeno e, inclusive, exporem as dificuldades existentes no processo, que podem acompanhá-los no retorno ao Brasil. Dessa forma, o apoio recebido por amigos, parceiros e, principalmente, familiares mostrou-se relevante durante o processo de imigração e, especialmente, na experiência de retorno.

- g) **processos identitários e deslocamento do sujeito.** No cerne da migração, está a inserção internacional e intercultural dos imigrantes, que lhes possibilita o contato com a diferença, influenciando na construção de suas identidades, já que novos elementos (como hábitos, costumes, modos de vida e capital humano) podem ser incorporados a elas, enquanto outros podem ser negados a partir das manifestações de oposição. Dado o caráter flexível e móvel da identidade, os imigrantes que retornam passaram por um novo processo identitário, envolvendo a readaptação e reinserção ao Brasil, espaço ora familiar que se tornou estranho após a ausência desses sujeitos.



### **3 O BRASIL NO CAMINHO DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS**

As migrações internacionais são resultados de dinâmicas globais que envolvem transformações sociais, econômicas, políticas e culturais nos países de origem e nos países de destino. Tal fenômeno implica o questionamento de fronteiras tradicionais entre línguas, culturas, grupos étnicos e Estados-nação (CASTLES, 2000), devido às interações, relações sociais e conflitos que se desenrolam nos contextos migratórios. Para Canales (2015), os fluxos migratórios internacionais constituem-se em tema central de debate na sociedade contemporânea, sendo parte das agendas de organismos supranacionais, de governos e de demais organizações e empresas, em vista dos desafios inerentes às mobilidades na atualidade.

Nesse sentido, elencamos para este capítulo a discussão conceitual dos termos que integram o universo das migrações; uma abordagem histórica sobre a situação do Brasil neste cenário, privilegiando autores que argumentam que o país ocupa uma posição dupla: tanto um país de imigração, recebendo fluxos de diversas nacionalidades – inseridos aqui os brasileiros retornados, quanto de emigração, com grandes comunidades brasileiras vivendo no exterior. Como esforço de explicação para este fenômeno internacional plural, discorreremos sobre as principais teorias migratórias.

#### **3.1 A natureza do migrante e da migração**

As migrações internacionais constituem-se em um complexo fenômeno social que pode ser objeto de pesquisa para diversas áreas do conhecimento, com ênfases e perspectivas distintas, de acordo com o exposto:

A migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema econômico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios econômicos; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido de que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida, e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso de integração na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afectados pela migração e, em contrapartida, afectam o migrante (JANSEN, 1969, p. 60 apud GONÇALVES, 2009, p. 23).

Na leitura do autor, existem várias possibilidades de abordagem sobre o tema, mas, de acordo com Sayad (1998), deve-se levar em conta que a pesquisa sobre a imigração implica a sua constituição como um problema social em que, necessariamente, estão envolvidos atores sociais.

Almeida e Baeninger (2013) argumentam que, apesar de ser muito questionável, é comum se referir à migração como uma mudança definitiva de residência e, se envolver o cruzamento de fronteiras nacionais, esse deslocamento é caracterizado migração internacional. Por outro lado, as autoras explicam que analisar a migração a partir apenas do ponto de vista de residência definitiva seria negligenciar a heterogeneidade dos percursos dos migrantes e a diversidade e complexidade dos deslocamentos.

Começando com o próprio conceito de migração, defini-lo como mudança definitiva de residência é demasiadamente restritivo, dada a dificuldade em se classificar os deslocamentos como temporário ou definitivo; as trajetórias migratórias e as durações dos deslocamentos estão muito mais matizadas. Além disso, a própria definição de residência pode ser problematizada, dado que o lugar de residência de um indivíduo depende de sua percepção subjetiva, do sentimento de pertencimento e de apropriação espacial, e nem sempre o “seu” lugar de residência coincide com o espaço geográfico no qual ele vive (ALMEIDA; BAENINGER, 2013, p. 28).

Dessa forma, é importante reconhecer as diferentes formas de mobilidades e deslocamentos a fim de analisar os perfis e os percursos dos migrantes. Ademais, é fundamental que os conceitos e teorias utilizados para compreensão das migrações internacionais estejam de acordo com o fenômeno específico investigado, que, em nosso caso, é a migração internacional de retorno de brasileiros, pois:

Assumindo esta perspectiva, a investigação demanda uma reflexão sobre o que é migração e quem é o migrante na sociedade de acolhimento, contemplando nesta abordagem a diversidade das modalidades de migração e de circulação no fluxo pesquisado (ALMEIDA; BAENINGER, 2013, p. 33).

Tendo em vista a multiplicidade de conceitos existente, para analisar a migração de retorno é necessário empreender uma discussão teórico-conceitual sobre o tema e o fenômeno das migrações em geral.

Inicialmente, Sayad (1998) define a imigração como um deslocamento de pessoas no espaço físico. Todavia, esse espaço, além de físico, é “qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas relações culturais que são a língua e a religião) etc” (SAYAD, 1998, p. 15). Assim, tal deslocamento envolve a inserção dos migrantes em novos contextos sociais, gerando

implicações nos âmbitos econômico, político e cultural, e é caracterizado pela alteridade, em decorrência de contrastes e diferenças observados, a partir dos quais os sujeitos se situam no mundo.

O autor explica que, nos processos migratórios, existe uma dupla contradição, que é constitutiva da condição do imigrante, tanto na perspectiva da sociedade de origem como da sociedade de destino. Tal contradição diz respeito ao período de duração da migração, que oscila entre um estado provisório, que pode se prolongar indefinidamente, ou então, um estado duradouro caracterizado por um sentimento de provisoriedade. Isso ocorre, pois na sociedade receptora a presença do imigrante é tolerada por ser provisória e revogável a qualquer hora, enquanto na sociedade de origem ele é percebido por sua ausência indeterminada.

Sayad (1998) afirma que, para lidar com essa contradição, os imigrantes “precisam convencer a si mesmos, às vezes contra as evidências, de que sua condição é efetivamente provisória” (SAYAD, 1998, p. 46), já que deixar a sociedade de origem, ou seja, o “universo familiar [...] ao qual se pertence naturalmente só seria possível com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira por definição” (SAYAD, 1998, p. 57). Esse é o caso, por exemplo, de nossa interlocutora Larissa, que desde sua chegada à Espanha, enfrentou dificuldades, como se desvencilhar da amiga que a havia levado com falsas promessas e esperanças e se estabelecer no país, mesmo com a barreira do idioma. Seu primeiro trabalho foi possível graças à ajuda de uma senhora brasileira, evidenciando um aspecto de solidariedade entre conterrâneos, mas que não pode ser considerado como regra:

Eu dei sorte que aonde a gente alugava tinha uma brasileira [...] Ela pegou e me indicou pra mim trabalhar num restaurante, sabe, dentro da cozinha porque eu não falava nada em espanhol, nada, nada, nada [...] aí ela que me ajudou, porque a outra tentou roubar meu passaporte pra me vender, entendeu?! Ela tentou pegar o tempo todo desde a hora que a gente saiu aqui do Brasil ela queria pegar meu passaporte (Larissa).

Larissa ressalta que, da primeira vez que foi para a Espanha, tinha muitas expectativas, acreditando conseguir obter melhores condições de vida, além de nutrir a esperança de dar uma guinada financeira que lhe possibilitaria a aquisição de bens materiais, como casa e carro. Ela não falava o idioma, mas afirma que conseguiu se comunicar relativamente rápido: “Por necessidade eu tive que aprender. Eu acho que em três semanas eu já estava pelo menos entendendo o que eles falavam [...] O que eu esperava lá era que era tudo fácil, foi tudo ao contrário, tudo difícil demais” (Larissa).

Seu período no país foi marcado por situações atribuladas e adversas, por exemplo, a moradia precária quando ela trabalhou em um hotel e morou no alojamento das funcionárias: “um quarto grande para 60 mulheres de tudo quanto é tipo de nacionalidade, ilegal, legal, uma cozinha, um banheiro. Dormi no chão e no frio por 4 meses. Era bem ruim, foi horrível” (Larissa). Ela se submeteu a condições degradantes, pois eram essas as possibilidades que surgiram na condição de indocumentada, para seguir buscando a recompensa financeira que fizesse valer a pena todo o sofrimento. Para a entrevistada, o que lhe dava fôlego e coragem para seguir nessa situação era a percepção de que isso seria temporário “Eu nunca pensei em ir pra morar pra sempre, foi temporário. Eu só queria mesmo era ganhar o dinheiro pra poder vir embora” (Larissa).

Através da discussão realizada, observamos que, para Sayad (1998), o imigrante é um trabalhador provisório e a imigração internacional, a estadia provisória em outro país: “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (SAYAD, 1998, p. 54). Essa provisoriedade é condicionada às circunstâncias no país de origem. Caso essas se tornem favoráveis, em decorrência de progresso em aspectos econômicos e boas oportunidades de trabalho, por exemplo, o imigrante avaliaria a possibilidade de retorno. Isso é ilustrado por nossa entrevistada Elaine, ao afirmar que, em seu processo decisório para retornar da Holanda pela terceira e última vez – até o momento, dentre outros fatores, estava a sua visão do Brasil como um país em crescimento e, conseqüentemente, com boas perspectivas no mercado de trabalho.

Em seus estudos, Sayad (1998) enfatiza o trabalho como uma categoria importante, pois a imigração está relacionada, em geral, à busca de condições de vida mais elevadas, o que pode ser proporcionado pela atividade laboral. Para o autor, a imigração é condicionada pelo trabalho. No caso de perda da ocupação no país receptor, é como se desaparecesse o imigrante, havendo inclusive um paradoxo em ser imigrante e ao mesmo tempo desempregado (SAYAD, 1998, p. 55). Nessa perspectiva, a dimensão econômica determina todos os outros aspectos sobre a condição do imigrante no país de destino, desde a legalidade ou não de sua estadia, a inserção social e o caráter permanente ou provisório de sua permanência. Isso pode ser observado no relato do informante Marcos, que teve sua decisão de emigrar moldada pelos prováveis ganhos financeiros, garantidos por um amigo que já vivia nos EUA:

Quando eu fui pros EUA, eu fui sem nenhuma expectativa. Quer dizer, eu fui com interesse de ganhar dinheiro. Porque o que eles diziam lá é que era muito bom, que dava pra ganhar dinheiro. Aí eu falei: ah, quero sair do serviço mesmo pra ir lá, se

eu tiver de quebrar a cara eu quebro. Porque se eu ficar sem ir também, depois eu posso me arrepender de não ter ido. Então é preferível eu ir de uma vez, se tiver de quebrar a cara já quebro, se tiver que dar sorte, deu sorte. Era assim que eu pensei (Marcos).

Como benefícios econômicos por meio do trabalho, e conseqüentemente motivação do deslocamento, muitos migrantes brasileiros “se sujeitam a um rebaixamento de seu *status* social em prol da recompensa financeira imediata [...]. Assim, a imigração torna-se uma boa estratégia econômica” (PATARRA, 2005, p. 27). Retomamos o caso de Marcos, que relata ter conseguido emprego rapidamente em um restaurante e em uma pizzaria, dois estabelecimentos de proprietários brasileiros, onde trabalhou durante todo seu percurso migratório, caracterizado por ele como um tempo em que só passou por dificuldades. As jornadas eram extenuantes e o trabalho, pesado, como explica: O serviço lá não é pra qualquer um não. Vou te falar a verdade. A gente traz o ouro, mas deixa o couro. “Lá todo mundo fala essa frase, é verdade mesmo, ninguém chega lá pra trabalhar pra poder brincar não” (Marcos). Para imigrantes como ele, que permaneceu irregularmente no país, tendo baixa escolaridade e não conhecendo a fundo o idioma local, estes eram os trabalhos possíveis. Todavia, Marcos enfatiza que tinha condições de enviar dinheiro com frequência para o Brasil - para a mãe e o irmão, orgulhando-se disso.

Tais benefícios econômicos da imigração não se restringem apenas ao trabalho propriamente dito, muito menos àquele trabalho caracterizado como subemprego, elucidado por Sayad (1998) como o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído” (SAYAD, 1998, p. 55).

De acordo com Sassen (2010), apesar do histórico da contratação de imigrantes para trabalhos que não exigem qualificação, situados em setores menos avançados e mal remunerados, há uma nova tendência observada em sociedades pós-industriais e em economias avançadas, que estão demandando cada vez mais trabalhadores – migrantes – qualificados. Dessa maneira, observamos que a posição dos imigrantes no mercado de trabalho varia a depender principalmente de fatores como a documentação ou ausência desta, a i(regularidade), formação acadêmica, domínio do idioma e experiências profissionais anteriores, além das demandas e da oferta de oportunidades nas sociedades de destino

Em sua experiência, nossa interlocutora Carolina passou por essas duas realidades no mundo do trabalho. Inicialmente, embora em situação migratória regular devido ao casamento, ela teve ocupações que considerava como subemprego, mas apenas temporariamente, porque ainda não conseguia se comunicar bem no idioma nativo. Após

conseguir se comunicar melhor, Carolina buscou outras oportunidades, que se tornaram possíveis em decorrência da realização de um curso de qualificação em engenharia, área técnica altamente qualificada.

Carolina conseguiu empregos em empresas multinacionais no setor de microeletrônica, avaliado por ela como muito estressante, competitivo e impessoal, apesar do bom salário: “A única coisa que não gostei muito lá foi o trabalho na Intel e na Phillips, era uma área muito técnica, e eu sou uma pessoa que gosta de gente” (Carolina). Devido ao desgaste gerado nesse período, ela decidiu sair da empresa a fim de estudar e mudar de área, objetivo viabilizado pelos altos ganhos durante seu período nas multinacionais. Após a concretização de seu primeiro mestrado, ela conseguiu oportunidades de trabalho em projetos governamentais e universitários:

Trabalhei no programa Welfare to Work Program, programa de bem-estar social, na época do presidente Bill Clinton. Trabalhei com o programa da Corte Metropolitana que chama DWI e eu era instrutora. Trabalhei num programa da Universidade com tabagismo, na Faculdade de Medicina, como treinadora e como consultora. Trabalhei na Coalização contra a violência doméstica. E aí nessa época trabalhei muito (Carolina).

Atuando neste meio, Carolina revela ter se encontrado profissionalmente, por se identificar bastante com a nova área escolhida. Por outro lado, explica que, quando mais “sentiu o fato de ser estrangeira”, foi justamente no trabalho, por ter a percepção de que o seu sucesso profissional era motivo de discórdia entre os colegas. Simmel (2005) argumenta que, enquanto estrangeiro em um novo espaço, “a sua posição neste é determinada largamente pelo fato de não pertencer imediatamente a ele, e suas qualidades não podem originar-se e vir dele, nem dele adentrar-se” (SIMMEL, 2005, p. 265). Nesse sentido, observamos que a posição de Carolina no ambiente de trabalho foi marcada por sua condição de estrangeira, que gerava conflitos, demandando dela um esforço de negociação para a sua aceitação, e tolerância tanto por parte dos colegas quanto dela em relação às diferenças. Seguindo sua trajetória, após prestar um concurso, ela começou a lecionar em escolas públicas de Albuquerque, quando teve a oportunidade de cursar o segundo mestrado, dessa vez na área de educação, na qual atuou até o seu retorno ao Brasil.

A despeito da relevância da categoria trabalho nas migrações, diversas são as reconfigurações pelas quais o fenômeno passou ao longo dos anos, gerando repercussões políticas, econômicas, sociais e culturais nas sociedades de partida e de acolhida e apontando para a necessidade de se considerar novas abordagens na análise dos fluxos populacionais

entre os países. Citando o exemplo da imigração argelina na França, Sayad (1998) explica que apesar do status de provisoriedade e subordinação ao trabalho, o que se observou foi a evolução de uma imigração de trabalho para uma de povoamento: “Pode-se dizer que não há imigração reconhecida como de povoamento [...] que não tenha começado com uma imigração de trabalho” (SAYAD, 1998, p. 67). Em outras palavras, o povoamento foi decorrente de uma imigração essencialmente laboral no início e remete a uma pluralidade de situações como:

Os imigrantes e o emprego ou os imigrantes e o desemprego, os imigrantes e a habitação, os imigrantes e a formação, os imigrantes ou os filhos de imigrantes e a escola, os imigrantes e o direito de voto, os imigrantes e sua integração, os imigrantes e a volta pra sua terra e, para coroar, os imigrantes e a velhice, ou os velhos imigrantes, etc (SAYAD, 1998, p. 56-67).

Neste sentido, o autor esclarece que a imigração argelina para França é um grande exemplo dos paradoxos que esse fenômeno pode apresentar, já que, apesar do fator trabalho/economia geralmente representar o gatilho para emigrar, existem outras modalidades, como o reagrupamento familiar. Ainda, Sayad (1998) destaca o caso de jovens filhos de imigrantes, ou imigrantes de segunda geração: aqueles que “jamais emigraram de lugar algum” (SAYAD, 1998, p. 71), por já terem nascido no território de acolhimento de suas famílias.

A provisoriedade, no caso específico da imigração argelina para a França, parece ser cada vez mais substituída pela estadia indeterminada na sociedade receptora, criando comunidades imigrantes significativas que demandam atenção das políticas públicas por se constituírem em problemas sociais diversos. “Não deixam de surgir todos os casos, todas as situações, todas as configurações familiares que são outros tantos desmentidos da definição estrita da imigração e dos imigrantes pelo trabalho” (SAYAD, 1998, p. 70). Ou seja, o autor, apesar de considerar relevante e principal a imigração em decorrência do trabalho, não desconsidera outras possibilidades para a existência e permanência dos imigrantes nos territórios de destino.

Por outro lado, na perspectiva de alguns estudiosos, essa mesma provisoriedade implica a possibilidade de retorno, que pode ou não ser concretizado. De toda forma, importa desconstruir a visão de que a migração é necessariamente um projeto de caráter duradouro. O desejo de retornar ao país de origem é decorrente, dentre outros fatores, do sentimento de nostalgia em relação à terra natal. Ressalta o autor que:

O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra [...] A noção do retorno estaria no centro do que pode ser ou do que desejaria ser uma antropologia total do ato de emigrar e de imigrar: antropologia social, cultural, política, na qual se introduz eficazmente a lembrança da dimensão universal do fenômeno migratório (SAYAD, 2000, p. 11-12).

Analisar a migração é levar em conta o sentido atribuído às experiências, as expectativas, as memórias, as imagens, as representações e relações sociais. Cabe, nesse caso, um estudo antropológico centrado nessas variadas dimensões do processo de migração, pois mesmo que o migrante retorne para o lugar exato que deixou, esse lugar possivelmente terá passado por transformações sociais e físicas. Igualmente, o sujeito, enquanto imigrante em outro país, também vivenciou mudanças subjetivas e objetivas no contato com outras culturas. Ilustra o autor:

Eles são os grãos de areia [...] arrancados à rocha mãe (i.e.: a sua sociedade, as suas comunidades de origem) pela ação de um vento [...] e que transplantados para longe [...] acabaram constituindo essa imensa “duna” em que hoje se transformaram os imigrantes. [...] Eles também estão descobrindo que, afinal, a tempestade inicial que os levara e o elemento que os manteve em sua louca corrida eram uma só e única coisa: a economia capitalista e seus efeitos de transferência de um campo econômico [...] para outro [...], de um país para outro, de um continente para outro, de uma civilização para outra. Será preciso que essa tormenta ainda dure e que hoje levante ou retome os imigrantes para voltar a transportá-los para seu ponto de partida, sem poder contudo colá-los de volta a “rocha” de origem, que aliás, já não existe? (SAYAD, 1998, p. 72).

Entendemos dessa metáfora que a migração internacional produz alterações pessoais e, ao mesmo tempo, na sociedade de origem durante a ausência do imigrante. Por essa razão, ao retornar à *rocha de origem que já não existe*, o imigrante tem a percepção de tormenta.

Tal é o caso de nossa entrevistada Jéssica, que encarou transtornos em seu processo de retorno do Chile, motivado por alterações de objetivos profissionais, que posteriormente foram frustrados. A separação do marido chileno, quando os dois moravam em Curitiba, fez com que ela retornasse à sua cidade natal, Belo Horizonte. Não obstante, por mais que o relacionamento com seus pais e seu irmão tenha se fortalecido durante a sua ausência, morar com eles já não era mais uma opção. De acordo com a interlocutora: “aquele não era mais o meu espaço”. Jéssica relata ter se sentido discriminada pelas amigas de colégio, que estavam se casando e tendo filhos, enquanto ela havia acabado de se separar e passava por uma nova e conflituosa fase de reencontro consigo mesma e de readaptação a um contexto que foi um dia familiar. “A gente não se reconheceu mais [...] Com meus primos também teve isso, quando

eu voltei eles já eram adolescentes, eu tinha perdido uma fase importante do desenvolvimento deles” (Jéssica). A situação da interlocutora ilustra as mudanças nos espaços sociais durante os processos migratórios e a impossibilidade prática do retorno, visto que as pessoas, as relações sociais e os próprios espaços de origem transformaram-se ao longo do tempo e das experiências vivenciadas.

Em suma, Sayad (1998, 2000) nos alerta sobre o caráter provisório da migração e, por conseguinte, a noção do retorno. Há também a questão do trabalho como principal elemento que faz “nascer o imigrante”, embora reconheça outras modalidades de migração. Esses fatores são fundamentais, porém não suficientes para compreender os fluxos internacionais de pessoas envolvendo dois ou mais países.

Gonçalves (2009) relaciona o processo migratório com o desenvolvimento e explica que esse fenômeno não se trata apenas de um fluxo de mobilidade de pessoas e/ou de trabalhadores entre países, mas também faz parte de uma troca “de bens materiais e simbólicos, isto é, de recursos econômicos, culturais, sociais e políticos entre os territórios de origem e acolhimento” (GONÇALVES, 2009, p. 18). Nessa perspectiva, o ato de imigrar envolve necessariamente relações econômicas, políticas, sociais e culturais nas trocas entre os indivíduos, grupos e sociedades. Portanto, é um fenômeno que suscita várias disciplinas, saberes e abordagens.

Segundo Massey et al. (1993), as migrações internacionais voluntárias podem ter caráter temporário ou permanente, tendo por objetivo o alcance de benefícios econômicos e de melhores condições de vida. Ainda, são motivadas por fatores além do trabalho, tais como qualificação educacional e/ou profissional no exterior, em geral sendo temporárias nesses casos, ou seja, desdobram-se no retorno ao país de origem, que por sua vez não necessariamente é voluntário, a exemplo de episódios de deportação. Introduzimos a experiência do interlocutor Caio, que conta nunca haver saído do país até então, com 32 anos, e que gostaria de ter uma experiência internacional e de conhecer outras culturas. Sua principal motivação, como explica, foi aprender inglês, cujo conhecimento adquirido no Brasil ainda era bastante limitado. Ele optou pelo Canadá, pois tinha um amigo que já morava em Toronto e que se dispôs a ajudá-lo no início.

Em situação semelhante, a informante Amanda emigrou para os EUA, com o objetivo de morar no país por dois anos, estudando inglês a fim de adquirir proficiência e atuar como professora do idioma no Brasil, ou seja, um projeto migratório temporário. Amanda demonstrava grande identificação com a língua no sentido de fazer de seu ensino uma profissão, e também havia o interesse na mudança de área profissional, já que até então ela

atuava como professora de história. Seu percurso como imigrante nos EUA é marcado pelo desejo de qualificação profissional, que determinou as ocupações exercidas no país. Trabalhando em um restaurante brasileiro, ela explica que não tinha a possibilidade de praticar o idioma com os clientes e funcionários, a maioria brasileiros. Já na locadora de veículos, ela conseguiu desenvolver o inglês, uma vez que suas atribuições envolviam o atendimento aos clientes de perfil variado: “Eu atendia todos os dias vários povos, várias etnias”. Mesmo com outros brasileiros trabalhando na empresa, ela se comunicava em inglês, em respeito aos funcionários e clientes de outras nacionalidades, de forma que todos pudessem entender o que estava sendo dito. Além disso, Amanda conseguia conciliar o trabalho com os cursos de inglês:

E aí, enquanto eu trabalhava, todo curso que eu ficava sabendo de inglês que pudesse me ajudar a desenvolver mais eu fazia, que dava pra conciliar com o trabalho. Então fiz cursos de dois meses, tinha às vezes escolas de ensino médio que ofereciam cursos pra comunidade estrangeira de aquisição de línguas. E aí eu ia fazer [...] Minha escola também foi o meu trabalho, o local de trabalho propiciou muito isso, quando eu cometia algum erro alguém dava suporte. Então, era o tempo todo estudando, né, praticando [...] Foi uma experiência muito bacana, ao longo de um ano eu já me sentia muito segura com a proficiência e eu ia sempre buscando outros cursos (Amanda).

É importante ressaltar que os cursos voltados às comunidades estrangeiras, além de ensinarem o idioma local, também auxiliam os imigrantes a compreenderem o funcionamento da sociedade e da cultura em que estão inseridos, como as regras e normas implícitas e a lógica ali existente, sendo, portanto, uma ferramenta facilitadora da integração.

Igualmente por motivos educacionais, Raul emigrou para a Rússia, a princípio com um projeto temporário de 6 anos para se graduar em medicina. Segundo Almeida (2013), consideramos que seu caso é exemplo de uma modalidade migratória específica, a estudantil. Conforme sua narrativa, a ida para a Rússia se deu no contexto de um programa de educação superior russo divulgado internacionalmente, por meio de redes de informações, buscando atrair estudantes de graduação estrangeiros para o país. Após ter sido aprovado, nosso interlocutor, então com 18 anos, conta que buscou validação com os pais e informações junto a órgãos oficiais, como a Embaixada da Rússia no Brasil, para verificar a credibilidade do programa e da instituição para onde ele tinha sido admitido, antes de tomar a decisão final, conforme explica:

Na época o jornal colocou que a faculdade era conceituada, já tinham algumas pessoas indo, aí pensei que era interessante e mandei meus dados, levantamento de histórico escolar, certificados de conclusão, aquela parafernália toda de

documentos... Passou um tempo e eles mandam um email pra mim falando que eu tinha sido selecionado e tal... eu estava sem nenhuma expectativa, achei que jamais seria selecionado pra uma coisa assim. Só que aí eles mandaram o e-mail falando que eu tinha sido selecionado, parabéns e tal, você tem até o dia tal pra fazer sua inscrição, providenciar a documentação, o visto... Aí eu falei com os meus pais e eles falaram: dá uma olhada nisso aí direitinho, confirma se é isso mesmo, é um país que a gente conhece pouco, não tem ninguém conhecido que more ou já morou lá, não tem ninguém, não conheço ninguém que cogitou ir, nem de turismo, não conheço ninguém. Então eu verifiquei, liguei pra embaixada, a embaixada meu confirmou que realmente existia esse programa e que emitia o visto pra ele. Então fiz todo o processo de documentação e embarquei pra Rússia em setembro de 2006 (Raul).

Sobre as qualificações, tratam-se de deslocamentos em razão da realização de cursos de idiomas, técnicos, de graduação e de pós-graduação, desde que o período de permanência no exterior seja de no mínimo um ano, conforme ressalta Castles (2000): “migração significa estabelecer residência por um período mínimo: digamos de 6 meses ou um ano” (CASTLES, 2000, p. 270, tradução nossa<sup>1</sup>). O autor complementa explicando que os países possuem diversas categorias em seus estudos estatísticos e em suas políticas de migração, citando o exemplo da Austrália, que distingue entre imigrantes permanentes, imigrantes de longo prazo (ficam pelo menos 12 meses, geralmente a trabalho, negócios ou por motivos educacionais), e visitantes temporários.

As qualificações e capacitações do migrante a médio e longo prazo podem proporcionar benefícios econômicos no país de destino e no país de origem, caso ocorra o retorno. Ainda, a busca por qualificação é um reflexo das demandas individuais aliadas às necessidades do mercado de trabalho.

No contexto brasileiro, foi elaborado um projeto de lei federal com o intuito de substituir a legislação migratória atual: o Estatuto do Estrangeiro. Esse projeto considera imigrante “todo estrangeiro que transite, trabalhe ou resida e se estabeleça transitória, temporária ou definitivamente no país” (NUNES, 2013, p. 1). No anteprojeto, elaborado em 2014, está incluído ainda que o migrante é “todo aquele que se desloca de um país ou região geográfica ao território de outro país ou região geográfica, incluindo o imigrante transitório ou permanente e o emigrante” (COMISSÃO DE ESPECIALISTAS, 2014, p. 17). Além disso, a classificação como transitórios e temporários envolve a finalidade de realização de atividades acadêmicas ou profissionais, objetivo no qual se insere a mobilidade motivada por educação e qualificação. Encontramos convergência nos conceitos aqui utilizados para migração e migrante nas definições estabelecidas pela Organização Internacional para as Migrações – OIM:

---

<sup>1</sup> Migration means taking up residence for a certain minimum period—say 6 months or a year.

**Migração:** O deslocamento de uma pessoa ou de um grupo de pessoas tanto cruzando uma fronteira internacional, como dentro de um Estado. É um movimento populacional, **englobando qualquer tipo de movimentação de pessoas, independente de sua duração, composição e causas.** Inclui migração de refugiados, pessoas deslocadas, migrantes econômicos e pessoas mudando por outros propósitos, incluindo reunificação familiar (OIM, 2011, p. 61-62, grifo nosso, tradução nossa<sup>2</sup>).

**Migrante:** No nível internacional, nenhuma definição universalmente aceita para “migrante” existe. O termo migrante era usualmente compreendido referindo-se a todos os casos em que a decisão de migrar era tomada livremente pelo indivíduo por razões de “conveniência pessoal” e sem intervenção de algum fator determinante externo; Portanto, era aplicado a pessoas e familiares, mudando para outro país ou região para melhorar suas condições materiais ou sociais e melhorar a perspectiva para eles ou sua família. **As Nações Unidas definem migrante como um indivíduo que residiu em um país estrangeiro por mais de um ano, independentemente das causas, voluntária ou involuntariamente, e dos meios, regular ou irregular, utilizados para migrar.** A partir dessa definição, aqueles viajando por curtos períodos como turistas e executivos não são considerados migrantes. Todavia, o uso comum do termo inclui certos tipos de migrantes de curto prazo (OIM, 2011, p. 61-62, grifo nosso, tradução nossa<sup>3</sup>).

A OIM diferencia emigração de imigração, sendo que a primeira diz respeito a sair de um país com o propósito de se estabelecer em outro, e o segundo é o processo de estabelecimento em si, na sociedade de destino. Ainda, a Organização define o emigrante econômico como aquele que deixa seu local habitual de residência para se estabelecer em outro país, objetivando a melhoria de sua qualidade de vida, inclusive a partir de oportunidades de trabalho.

Ressaltamos a distinção feita pela OIM entre migrante de curto prazo e migrante de longo prazo. O primeiro é aquele que muda para outro país por um período de, no mínimo, três meses, mas não superior a um ano, exceto nos casos de fluxos motivados por turismo, visitas a parentes ou amigos, viagem a negócios ou tratamento médico. Já o migrante de longo prazo é aquele que muda de país por um período de, no mínimo, um ano, então o país de destino torna-se o seu país de residência habitual (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2011), convergente com a definição de Castles (2000).

---

<sup>2</sup> Migration: The movement of a person or a group of persons, either across an international border, or within a State. It is a population movement, encompassing any kind of movement of people, whatever its length, composition and causes; it includes migration of refugees, displaced persons, economic migrants, and persons moving for other purposes, including family reunification.

<sup>3</sup> Migrant: At the international level, no universally accepted definition for “migrant” exists. The term migrant was usually understood to cover all cases where the decision to migrate was taken freely by the individual concerned for reasons of “personal convenience” and without intervention of an external compelling factor; it therefore applied to persons, and family members, moving to another country or region to better their material or social conditions and improve the prospect for themselves or their family. The United Nations defines migrant as an individual who has resided in a foreign country for more than one year irrespective of the causes, voluntary or involuntary, and the means, regular or irregular, used to migrate. Under such a definition, those travelling for shorter periods as tourists and businesspersons would not be considered migrants. However, common usage includes certain kinds of shorter-term migrants.

Ainda, faz-se necessário explicitar que a ONU (Organização das Nações Unidas), por meio da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), reconhece a abrangência do termo “migrante”, aplicável às diversas situações de mobilidade internacional. A UNESCO (2016) explica que migrantes internacionais são pessoas que fazem escolhas sobre quando deixar seu país e para onde ir. Nesse sentido, afirma que aqueles que se veem forçados a deixarem seus países não são classificados como migrantes, mas sim como refugiados, cuja própria integridade e sobrevivência ficam ameaçadas nos países de origem, por razões de perseguição, conflitos políticos e guerras.

Já o conceito de migração internacional é definido pela UNESCO (2016) como a realocação internacional de pessoas entre Estados-nação. Todavia, destaca-se que dessa definição excluem-se duas formas de mobilidade: o deslocamento a fim de turismo e a aquele em que os indivíduos ou grupos envolvidos são mais objetos passivos do que agentes ativos do movimento migratório, como a transferência organizada de refugiados de seus países de origem para países seguros (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2016). Conforme a OIM (2011), exclui-se também o deslocamento para viagens de trabalho.

Nesse caso, os principais tipos de migração distinguem-se pelas razões que motivam a mobilidade, podendo ser econômicas, educacionais, familiares, refúgio e pelo status em que ocorrem: migração irregular ou regular (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2016). Ainda, segundo Castles (2000), o fenômeno é considerado um desafio devido ao arranjo do sistema internacional segmentado em Estados-nação, de modo que permanecer no país de origem é visto como a norma e mudar de país é percebido como um desvio. Assim, a migração ganha contornos problemáticos, e surge a necessidade de seu controle. Nesse sentido, na construção de suas políticas migratórias, os países empregam esforços para categorizar os imigrantes. A grande variedade de categorias observadas evidencia que não há definições universais sobre a migração, fenômeno constantemente em problematização e transformação. Sintetizamos no quadro abaixo a categorização de imigrantes apresentada por Castles (2000):

**Quadro 2 - Categorias de imigrantes**

<b>Imigrantes de trabalho temporários</b>	((Também conhecidos como trabalhadores convidados ou trabalhadores estrangeiros contratados): homens e mulheres que migram por período limitado (de alguns meses até muitos anos) para trabalhar e enviar remessas financeiras pra casa.
<b>Imigrantes altamente qualificados</b>	Pessoas com qualificações como gestores, executivos, profissionais, técnicos ou similares, que se mudam dentro do mercado de trabalho de corporações transnacionais e organizações internacionais, ou que buscam emprego através de mercados de trabalho internacionais voltados a habilidades escassas. Muitos países acolhem esses migrantes e tem programas especiais para migração altamente qualificada para os encorajarem a migrar.
<b>Imigrantes irregulares</b>	(Também conhecidos como indocumentados ou migrantes ilegais): pessoas que entram em outro país, geralmente em busca de emprego, sem a documentação e permissão necessárias. Muitos fluxos de migração laboral consistem predominantemente de migrantes indocumentados. Em alguns casos, os países de imigração tacitamente autorizam essa migração desde que ela permita a mobilização de trabalho em resposta à demanda de empregadores, sem custos sociais ou medidas para proteção dos migrantes. (...)
<b>Membros familiares</b>	(Também conhecidos como migrantes de reunificação familiar): migração para unir pessoas que já tenham entrado no país de imigração em alguma das categorias acima. Muitos países, incluindo Estados Unidos, Canadá, Austrália e a maioria dos países da União Europeia, reconhecem em princípio o direito de reunificação familiar para migrantes legais. Outros países, especialmente aqueles com sistemas precários de trabalho, negam o direito à reunificação familiar. Nesses casos, os membros familiares talvez entrem ilegalmente.
<b>Imigrantes de retorno</b>	Pessoas que retornam aos seus países de origem após um período em outro país. Migrantes de retorno são geralmente vistos favoravelmente, já que podem trazer com eles capital, habilidades e experiência úteis ao desenvolvimento econômico. Muitos países têm esquemas especiais para utilizar esse potencial para desenvolvimento. Por outro lado, alguns governos veem retornados com desconfiança, já que eles podem atuar como agentes de mudança social ou cultural.

Fonte: (CASTLES, 2000, p. 270-271, tradução nossa<sup>4</sup>).

<sup>4</sup> **Temporary labour migrants:** (Also known as guest-workers or overseas contract workers): men and women who migrate for a limited period (from a few months to several years) in order to take up employment and send money home (remittances).

**Highly skilled and business migrants:** People with qualifications as managers, executives, professionals, technicians or similar, who move within the internal labour markets of transnational corporations and international organisations, or who seek employment through international labour markets for scarce skills. Many countries welcome such migrants and have special ‘skilled and business migration’ programmes to encourage them to come.

**Irregular migrants:** (Also known as undocumented or illegal migrants): people who enter a country, usually in search of employment, without the necessary documents and permits. Many labour migration flows consist predominantly of undocumented migrants. In some cases immigration countries tacitly permit such migration since it allows mobilisation of labour in response to employer demands without social costs or measures for protection of migrants.

**Family members:** (Also known as family reunion or family reunification migrants): migration to join people who have already entered an immigration country under one of the above categories. Many countries, including the USA, Canada, Australia and most European Union (EU) member states recognise in principle the right to family reunion for legal immigrants. Other countries, especially those with contract labour systems, deny the right to family reunion. In such cases, family members may enter illegally.

**Return migrants:** People who return to their countries of origin after a period in another country. Return migrants are often looked on favourably as they may bring with them capital, skills and experience useful for economic development. Many countries have special schemes to make use of this ‘development potential’.

Observamos que a definição do migrante não se pauta apenas na força de trabalho em trânsito entre nações. Ao contrário, “a diversidade de situações migratórias locais, regionais, internacionais recodifica a complexidade do fenômeno” (BAENINGER, 2013, p. 9). Igualmente, como apontado nos documentos da UNESCO (2016), a migração não é simplesmente o ato de cruzar fronteiras, mas sim um processo que afeta todos os aspectos da vida dos envolvidos: “Mesmo aqueles que não migram são afetados pelos movimentos populacionais dentro ou fora de suas comunidades, e pelas mudanças resultantes” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2016, tradução nossa<sup>5</sup>).

Conforme Sassen (2010), a ênfase a ser dada no estudo das migrações internacionais difere de abordagens gerais ou simplificadas. Isto é, é necessário considerar todas as variáveis que ofereçam explicações sobre os fluxos migratórios em análise.

Nos estudos sobre os processos migratórios, existe uma imprecisão em relação à temporalidade dos fluxos migratórios atuais, dado as características da sociedade contemporânea, os avanços tecnológicos, a facilitação da mobilidade das pessoas e as relações e práticas transnacionais. Assim, migrar não necessariamente diz respeito a um movimento definitivo de estabelecimento de residência noutro país, nem tampouco o estabelecimento temporário, dando origem à noção de circularidade. De acordo com a OIM (2011), a migração circular é o movimento fluído de pessoas entre países incluindo movimentos temporários ou de longo prazo. A migração circular nada mais é do que uma das diversas modalidades migratórias, que conseqüentemente refletem no perfil do migrante, como afirma Canales (2015), relacionando o processo na atual conjuntura com os períodos anteriores: “Não apenas se intensificaram, como também se ampliaram, diversificando-se em suas origens, destinos, modalidades migratórias e perfis dos sujeitos envolvidos, como resultado do acúmulo de processos que denominamos globalização” (CANALES, 2015, p. 5, tradução nossa<sup>6</sup>).

Segundo o autor, os conceitos de migração transformaram-se acompanhando o desenvolvimento dos fluxos migratórios ao longo dos anos e o perfil das pessoas que migram. Nesse sentido, a migração internacional faz parte das realidades das sociedades em questão, ela é constituinte de seus processos internos, sobretudo em decorrência da globalização, que

---

However, some governments view returnees with suspicion since they may act as agents of cultural or political change.

<sup>5</sup> Even those who do not migrate are affected by movements of people in or out of their communities, and by the resulting changes.

<sup>6</sup> No sólo se han intensificado, sino que también se han extensificado, diversificándose se en sus orígenes, destinos, modalidades migratorias y perfiles de los sujetos involucrados, como resultado del cúmulo de procesos que denominamos globalización.

propiciou a expansão de fronteiras sociais e territoriais, tornando-as fluidas.

Dessa forma, na medida em que a sociedade se mundializa, já não podemos conceber a migração como um problema que vem de fora, mas sim como um fenômeno social que é gerado pelos mesmos fatores que estruturam a sociedade global (CANALES, 2015, p. 19, tradução nossa<sup>7</sup>).

De tal modo, enfatizamos que a natureza do migrante e do processo social vivenciado por ele não possuem caráter universal e inflexível, sendo fundamentais para a sua análise a investigação sobre as motivações para os deslocamentos, os objetivos visados com a migração, os contextos em que os sujeitos estão inseridos, a duração desses movimentos, os seus desdobramentos nas esferas social, política, econômica e cultural e a questão do retorno. Assim, é possível empregar e propor abordagens metodológicas e teóricas mais adequadas ao objeto de estudo em questão e contribuir para a discussão do fenômeno em suas várias nuances.

Em nosso universo de investigação, identificamos perfis variados, o que reflete a realidade plural das migrações. Temos interlocutores que emigraram com o intuito de estudar, de trabalhar ou de se reunir com familiares. Alguns tinham o objetivo de realizar um deslocamento permanente, enquanto outros tinham a migração como um projeto temporário ou então não tinham essa questão bem definida, tendo emigrado em caráter experimental. No retorno, as motivações são igualmente diversificadas, como o alcance dos objetivos no exterior, a crise econômica, a saudade do Brasil, as mudanças de objetivos, o cuidado de parentes idosos, dentre outras.

### **3.2 A migração internacional brasileira: perspectiva histórica até a atualidade**

O debate sobre migrações internacionais no Brasil mescla-se com a própria história do país, marcada “pela formação do Estado nacional permeada por um sistema mundial produzido, entre outras coisas, pela expansão do colonialismo e do capitalismo, e pela imigração em massa de europeus” (SEYFERTH, 2011, p. 48). Para sustentação desse sistema de colonização e povoamento, imperava uma lógica geopolítica que envolvia a ocupação

---

<sup>7</sup> De esta forma, em la medida que lasociedad se mundializa, ya no podemos concebir la migración como un problema que nos viene de fuera, sino como un fenómeno social que es generado por los mismos factores que estructuran la sociedad global.

pelos colonos/imigrantes de terras devolutas<sup>8</sup> (SEYFERTH, 2002). Ainda, considerava-se a “pressuposição da superioridade europeia para a escolha do colono ideal” (SEYFERTH, 2002, p. 119). De acordo com a autora, o europeu, sobretudo os alemães, agricultores brancos, civilizados e que migravam em família foram classificados como o tipo ideal de imigrante, o que inclusive constava na legislação migratória vinculada à colonização, além da possibilidade de recebimento de subsídios.

Como não havia, até o momento, uma imigração espontânea para o Brasil e o fluxo dependia de agenciamento, em 1830, foi encerrada essa primeira fase de imigração europeia, devido à aprovação de legislação que não autorizava gastos com o fluxo de pessoas (SEYFERTH, 2002). Em 1845, foi retomada a política migratória para o Brasil, com os alemães no sul do país e nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Esse período coincidiu com a vinculação da colonização/imigração ao trabalho livre, conforme a Lei Eusébio de Queiroz, de 1850, proibindo o tráfico internacional de escravos. Persistiam o agenciamento e os critérios que classificavam o colono/imigrante ideal como apto ao trabalho agrícola, “ter amor ao trabalho e à família e respeito às autoridades [...]. Alemães e italianos são as nacionalidades mais frequentemente situadas no topo da hierarquia dos desejáveis bons agricultores” (SEYFERTH, 2002, p. 120).

Esse contexto contribuiu para profundas discussões sobre a transformação do Brasil em um país de imigração, sobretudo com o conceito de “imigrante ideal”, por vezes polêmico, já que era questionado que muitos desses colonos/imigrantes distanciavam-se enormemente do ideal brasileiro de nação/ tipo nacional e seriam uma ameaça à formação católica e latina do país, sendo fundamental sua assimilação (SEYFERTH, 2002).

Além do fluxo europeu de imigrantes para o sul do Brasil, sobretudo no período do Império (1822-1889), destaca-se também o grande fluxo de japoneses no início do século XX, sobre o qual suscitaram, de acordo com Seyferth (2008), debates em relação ao “problema da assimilação com seu duplo sentido – biológico (caldeamento racial) e sociológico (integração à sociedade nacional)” (SEYFERTH, 2008, p. 11), por mais que fosse reconhecida a aptidão dos japoneses ao trabalho agrícola. A região sudeste, principalmente São Paulo, passou a ser destino principal desses imigrantes, para o trabalho agrícola, com destaque às lavouras de

---

<sup>8</sup> São terras públicas que em nenhum momento integraram o patrimônio particular, ainda que estejam irregularmente em posse de particulares. O termo "devoluta" relaciona-se ao conceito de terra devolvida ou a ser devolvida ao Estado. Para estabelecer o real domínio da terra, ou seja, se é particular ou devoluta, o Estado propõe ações judiciais chamadas ações discriminatórias. A Constituição inclui entre os bens da União as terras devolutas indispensáveis à preservação ambiental e à defesa das fronteiras, das construções militares e das vias federais de comunicação. As demais terras devolutas pertencem aos estados (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2006).

café.

Nessa abordagem histórica, Sayad (2000) destaca o Brasil como um exemplo do Novo Mundo de terra de encontro de todos os imigrantes e que, por essa razão, apresentou um povoamento heterogêneo, no qual a homogeneidade estava sempre por se construir. A tabela abaixo mostra o fluxo de imigrantes estrangeiros para o Brasil, por período e nacionalidade, de 1884 até 1959:

**Tabela 1 – Imigração por nacionalidade e por períodos**

NACIONALIDADE	PERÍODO									TOTAL
	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933	1934-1944	1945-1949	1950-1954	1955-1959	
<b>Alemães</b>	22.778	6.698	33.859	29.339	61.723	N/D	5.188	12.204	4.633	176.422
<b>Espanhóis</b>	113.116	102.142	224.672	94.779	52.405	N/D	4.092	53.357	38.819	683.382
<b>Italianos</b>	510.533	537.784	196.521	86.320	70.177	N/D	15.312	59.785	31.263	1507.695
<b>Japoneses</b>	N/D	N/D	11.868	20.398	110.191	N/D	12	5.447	28.819	176.735
<b>Portugueses</b>	170.621	155.542	384.672	201.252	233.650	N/D	26.268	123.082	96.811	1391.898
<b>Sírios/Libaneses</b>	96	7.124	45.803	20.400	20.400	N/D	N/D	N/D	N/D	93.823
<b>Outros</b>	66.524	42.820	109.222	51.493	164.586	N/D	29.552	84.851	47.599	596.647
<b>Total</b>	979.572	852.11	1.006.617	503.981	713.132	N/D	92.412	338.726	247.944	4.626.602

Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Brasil: 500 anos de povoamento, 2000).



Até então, a imigração no Brasil era dirigida e subsidiada, com algumas restrições, mas também facilitada a depender do tipo de imigrante, demonstrando a prevalência de um perfil ideal, principalmente em relação a nacionalidades específicas e à aptidão da mão de obra para o trabalho agrícola. Todavia, com o fim da Primeira Guerra Mundial, novas categorias foram estabelecidas e algumas passaram a ser consideradas indesejáveis, como os refugiados e apátridas, contribuindo para o controle mais rígido, inclusive com a criação de um regime de cotas, em 1934, com o pretexto de “preservar o país de uma imigração desordenada e prejudicial à sua formação étnica, cultural e social” (SEYFERTH, 2008, p. 14). Após 1945, findada a Segunda Guerra Mundial, a legislação migratória do Brasil permaneceu com grandes restrições político-sociais, raciais, policiais, judiciárias e ideológicas para a entrada de “estrangeiros considerados nocivos à ordem pública ou aos interesses nacionais” (SEYFERTH, 2008, p. 17), sob o arcabouço do Estatuto do Estrangeiro, elaborado durante a ditadura militar, em 1980.

Ressalta-se que os estrangeiros classificados como refugiados atualmente são regidos por uma lei específica (Lei 9.474 de 22/07/1997), que considera convenções internacionais às quais o Brasil se integra, garantindo refúgio àqueles que “são perseguidos por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas e que se encontram fora do seu país de nacionalidade ou não podem ou não querem, ficar sob a proteção de tal país” (SEYFERTH, 2008, p. 17).

Em relação ao estrangeiro em geral, permanece, ainda que em vias de substituição, a Lei 6.815 de 19/08/1980 alterada pela Lei 6.964 de 10/12/1981 – o Estatuto do Estrangeiro, que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e toma outras providências. A legislação vigente veda ao estrangeiro, por exemplo, o exercício de atividades políticas (BRASIL, 1980). Assim, essa lei é vista como ultrapassada, principalmente, por ter sido elaborada durante o período da Ditadura Militar (1964-1985), que destacava a imigração como uma ameaça à segurança nacional ao invés de um vetor para o desenvolvimento (VASCONCELOS, 2015).

No entanto, o Ministério da Justiça, por meio da Portaria nº 2.162/2013, estabeleceu uma comissão de especialistas com o intuito de construir uma nova proposta de Lei de Migrações que tivesse como base a promoção dos direitos dos migrantes no Brasil. Como resultado de estudos sobre a atual legislação migratória do Brasil e de outros países e sobre tratados internacionais, foram realizadas audiências públicas envolvendo órgãos governamentais e não governamentais, organizações internacionais, universidades e sociedade civil, chegando-se ao Projeto de Lei do Senado Nº 288, de 2013, que “Institui a Lei da

Migração e regula a entrada e estada de estrangeiros no Brasil”, uma proposta de substituição do atual Estatuto do Estrangeiro (COMISSÃO DE ESPECIALISTAS, 2014). O projeto já foi votado e aprovado no Senado Federal e na Câmara dos Deputados (PL nº 2516, de 2015), nesta casa com algumas alterações. Assim sendo, será reencaminhado ao Senado para nova votação.

As principais novidades da legislação proposta dizem respeito à mudança de paradigma na política migratória, substituindo a abordagem da segurança nacional e do controle documental para uma lógica voltada aos direitos humanos, incluindo os brasileiros que deixam o país rumo a uma vida no exterior. O projeto é fundamental, principalmente, devido à necessidade de adequação da política migratória brasileira à Constituição Federal de 1988 e aos tratados internacionais na temática de Direitos Humanos dos quais o Brasil é signatário (COMISSÃO DE ESPECIALISTAS, 2014). Conforme a Comissão de Especialistas (2014, p. 6), “trata-se de uma dívida histórica do Brasil para com os migrantes que são parte imprescindível da cultura e do desenvolvimento econômico de nosso país”.

A nova proposta é um projeto fundamentado em direitos e garantias aos imigrantes. É um projeto de lei fundamentado em direitos humanos. Um projeto de lei, que para além das questões humanitárias que incorpora em seu texto, é [...] dinâmico, flexível, moderno que garantirá também melhor intercâmbio científico, cultural e laboral de pessoas que queiram vir ao Brasil trazendo seu conhecimento, seu capital humano. [...] É um projeto estratégico para o desenvolvimento social, desenvolvimento econômico do país (VASCONCELOS, 2015).

Se até os anos de 1970 o Brasil recebeu fluxos diversos de imigrantes internacionais, na década de 1980 esse fenômeno se modificou: observou-se um número crescente de brasileiros emigrando, sobretudo para Estados Unidos, Japão e países europeus. Esse acontecimento foi consequência da crise nacional que levou a economia do país à estagnação, com paralisação de investimentos e altas taxas de desemprego (OLIVEIRA, 2013). O autor argumenta que:

Nos anos 1980, no auge da crise econômica brasileira, o país assistiu a emergência da emigração internacional enquanto fenômeno demográfico e social revestido de alguma relevância, processo que se manteve com força na década seguinte, levando a estimativas que sugeriam até 4 milhões de brasileiros vivendo no exterior (OLIVEIRA, 2013, p. 197).

Com tal número expressivo, os fluxos migratórios começaram a ganhar espaço na agenda das políticas públicas, tanto em relação aos brasileiros emigrados residentes no exterior quanto em relação aos estrangeiros imigrantes no Brasil, sobretudo no que diz

respeito à garantia de direitos (OLIVEIRA, 2013, p. 195). Ressalta-se que o número de brasileiros emigrados varia, a depender da fonte das estimativas e, conseqüentemente, das suas metodologias e limitações. Por exemplo, de acordo com a OIM seriam de 1 a 3 milhões de emigrantes. O MRE contabiliza de 2 a 3,7 milhões de pessoas (OLIVEIRA, 2013). O IBGE, a partir do Censo 2010, estimou cerca de 500 mil brasileiros residentes no exterior, cifra muito inferior às apresentadas pela OIM e MRE.

Observa-se que existe um descompasso nas estimativas referentes aos brasileiros residentes no exterior, constatado pela discrepância dos dados apresentados pelas diferentes instituições em relação à quantificação de um mesmo contingente de pessoas. O MRE reconhece uma provável subnotificação em seus números, que seria justificada pelo receio de exposição a alguma autoridade, principalmente, no caso de imigrantes brasileiros irregulares (BRASIL, 2016b). Sobre essa questão, o IBGE também busca esclarecer o subdimensionamento, conforme o exposto:

Algumas limitações que surgem de imediato é o da possibilidade de todas as pessoas que residiam em determinado domicílio terem emigrado ou que aquelas que ficaram em território brasileiro tenham vindo a falecer. Além disso, pessoas que fizeram o movimento rumo ao exterior há muito tempo podem ser desconsideradas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011, p. 56).

Esses fatores são importantes para explicar a omissão de emigrantes internacionais nas pesquisas. Apesar dessa questão, com a realização do censo, foi possível identificar o perfil de emigrantes internacionais brasileiros considerando a faixa etária e o sexo, revelando significativa migração laboral e feminina (OLIVEIRA, 2013).

O Censo 2010 apresentou um bloco de perguntas específico dedicado a compreender detalhadamente a manifestação da emigração internacional brasileira, de modo a obter informações sobre a origem e o destino dos migrantes, além de seu perfil, a partir de sexo e idade (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010b<sup>9</sup>). A pergunta feita no questionário básico<sup>10</sup> foi se alguma pessoa que residia anteriormente no domicílio em questão estaria vivendo no exterior no momento da realização do censo – data referência de 31 de julho de 2010<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Ver ANEXO A: Questionário da Amostra, item 6 – Censo Demográfico 2010.

<sup>10</sup> Questionário Básico - aplicado em todas as unidades domiciliares, exceto naquelas selecionadas para a amostra, e que contém a investigação das características do domicílio e dos moradores (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010a, p. 12).

<sup>11</sup> Ver ANEXO B: Questionário Básico, item 3 - Censo Demográfico 2010.

A partir dos resultados do universo da pesquisa<sup>12</sup> obtidos pelo Censo 2010, foi possível verificar, por exemplo, que a principal faixa etária em que se concentravam os emigrantes internacionais brasileiros, no momento da saída do Brasil, estava entre os 15 a 59 anos (94,3% dos emigrantes), em que 60% destes tinham 20 a 34 anos, predominando mulheres em todos os grupos etários, como ilustram a Tabela 2 e o Gráfico 1:

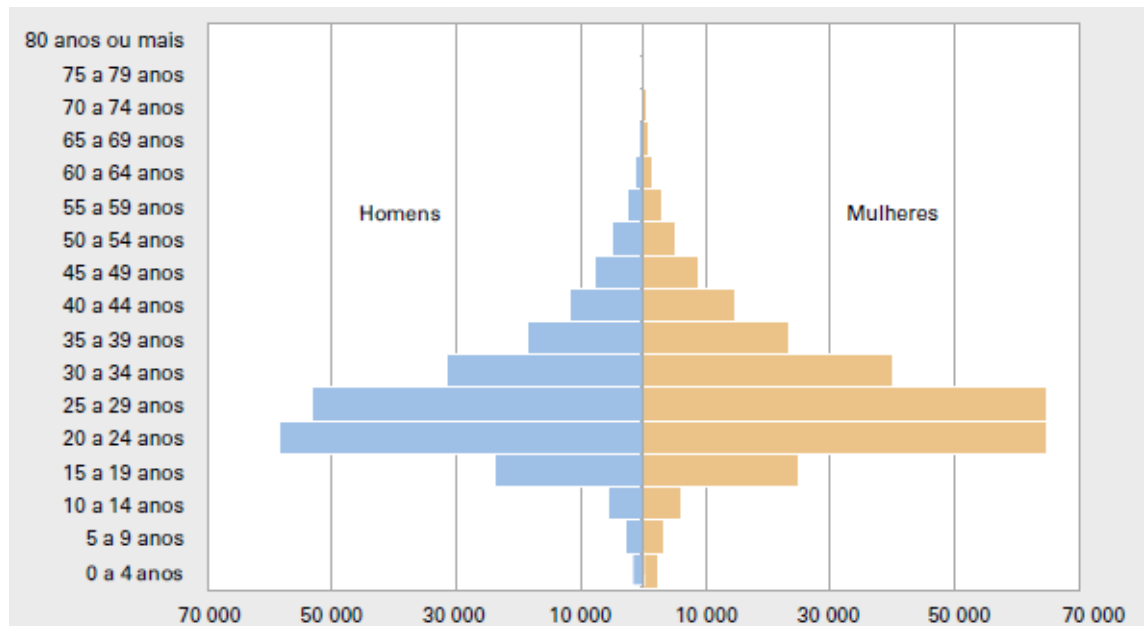
**Tabela 2 - Emigrantes internacionais, por sexo, segundo os grupos de idade na data da partida – Brasil - 2010**

Grupo de idade na data da partida	Emigrantes internacionais		
	Total (1)	Sexo	
		Homens	Mulheres
<b>Total</b>	<b>491 243</b>	<b>226 548</b>	<b>264 695</b>
0 a 4 anos	3 740	1 781	1 959
5 a 9 anos	6 166	3 007	3 159
10 a 14 anos	11 614	5 521	6 093
15 a 19 anos	48 759	23 832	24 927
20 a 24 anos	123 225	58 450	64 775
25 a 29 anos	118 045	53 176	64 869
30 a 34 anos	71 842	31 675	40 167
35 a 39 anos	42 029	18 576	23 453
40 a 44 anos	26 472	11 860	14 612
45 a 49 anos	16 934	7 971	8 963
50 a 54 anos	10 147	4 921	5 226
55 a 59 anos	5 543	2 676	2 867
60 a 64 anos	3 040	1 464	1 576
65 a 69 anos	1 589	738	851
70 a 74 anos	934	399	535
75 a 79 anos	540	234	306
80 a 84 anos	302	126	176
85 a 89 anos	130	50	80
90 a 94 anos	50	21	29
95 a 99 anos	7	3	4
100 anos ou mais	135	67	68

Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011, p. 57).

<sup>12</sup>Os dados que compreendem as características dos domicílios e das pessoas que foram investigadas para a totalidade da população são denominados, por convenção, resultados do universo. Esses dados foram obtidos reunindo informações captadas por meio da investigação das características dos domicílios e das pessoas, que são comuns aos dois tipos de questionários utilizados para o levantamento do Censo Demográfico 2010 – questionário básico e questionário da amostra (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010a, p. 12-13).

**Gráfico 1 – Composição da população de emigrantes internacionais, por sexo, segundo os grupos de idade na data de partida – Brasil – 2010**



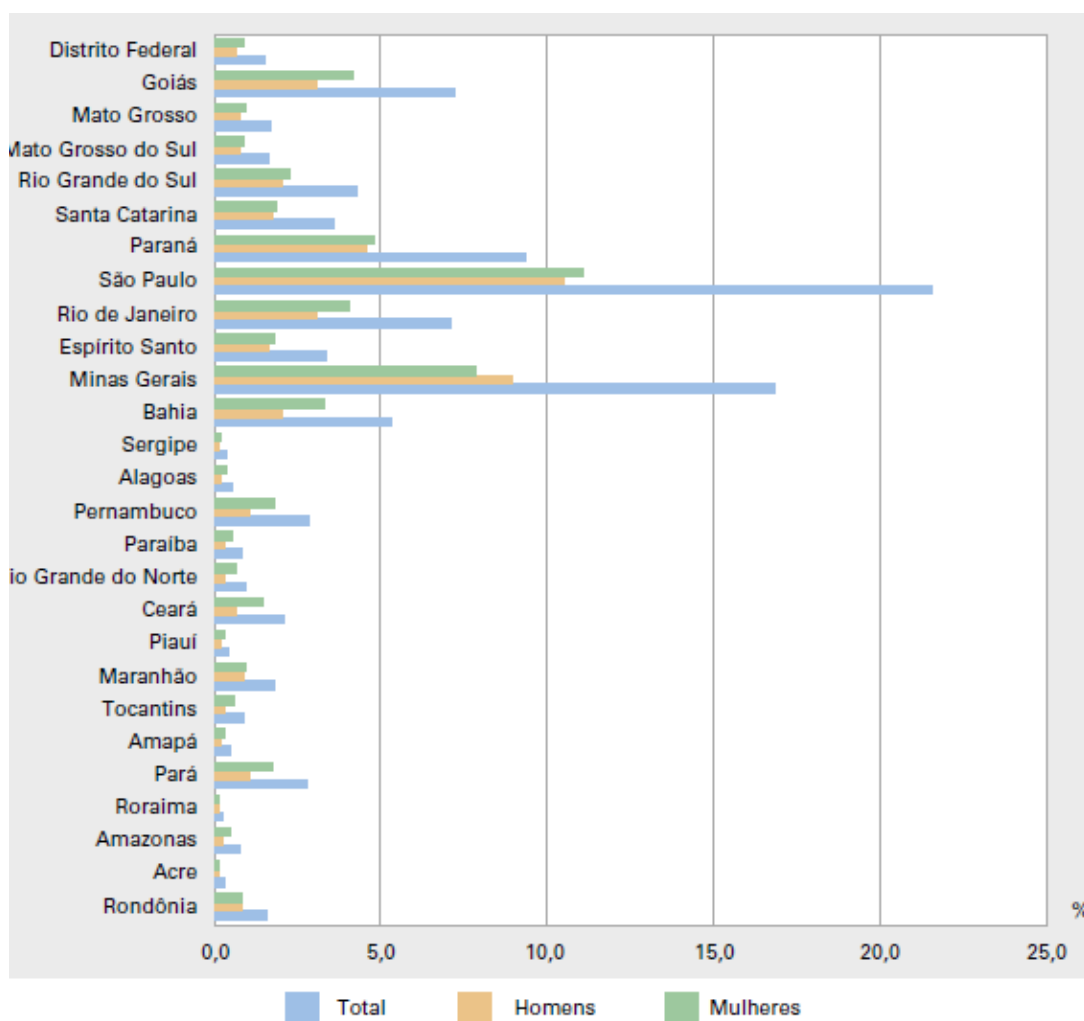
Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011, p. 57).

Os dados referentes à faixa etária, marcada por emigrantes considerados em idade ativa pelo IBGE – 15 a 64 anos – parecem evidenciar uma migração essencialmente laboral, em vista da “necessidade da venda da força de trabalho no estrangeiro” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011, p. 56) e também a migração para qualificação, considerando que essas pessoas buscam oportunidades de ascensão em suas carreiras por meio de experiências no exterior.

Por sua vez, a quantidade significativa de mulheres nesses fluxos demonstra a importância da categoria gênero na análise das migrações, uma vez que muitas mulheres migram assumindo papéis sociais diversificados, principalmente como protagonistas nestes processos por meio de sua força de trabalho, ressignificando e rearranjando dinâmicas profissionais e familiares (BOTEGA; RUANO, 2015). Identificamos essa situação nos depoimentos da interlocutora Larissa, que até determinado momento de sua imigração conseguia enviar remessas financeiras para o Brasil, contribuindo com as despesas da família no país, chefiada por sua mãe. A entrevistada Carolina também revelou ter obtido conquistas no mercado de trabalho americano, no qual ela estava sempre em ascensão e ocupando posições importantes. Ela conta que, em certo período, chegou a receber um salário superior ao do marido, o que pra ela foi uma distinção, tendo em vista a disparidade salarial entre homens e mulheres, ainda que no exercício das mesmas funções.

A principal região de onde partiram os emigrantes foi a sudeste (49% do total de emigrantes), sendo que desses 16,8% saíram de Minas Gerais e 21,6%, de São Paulo.

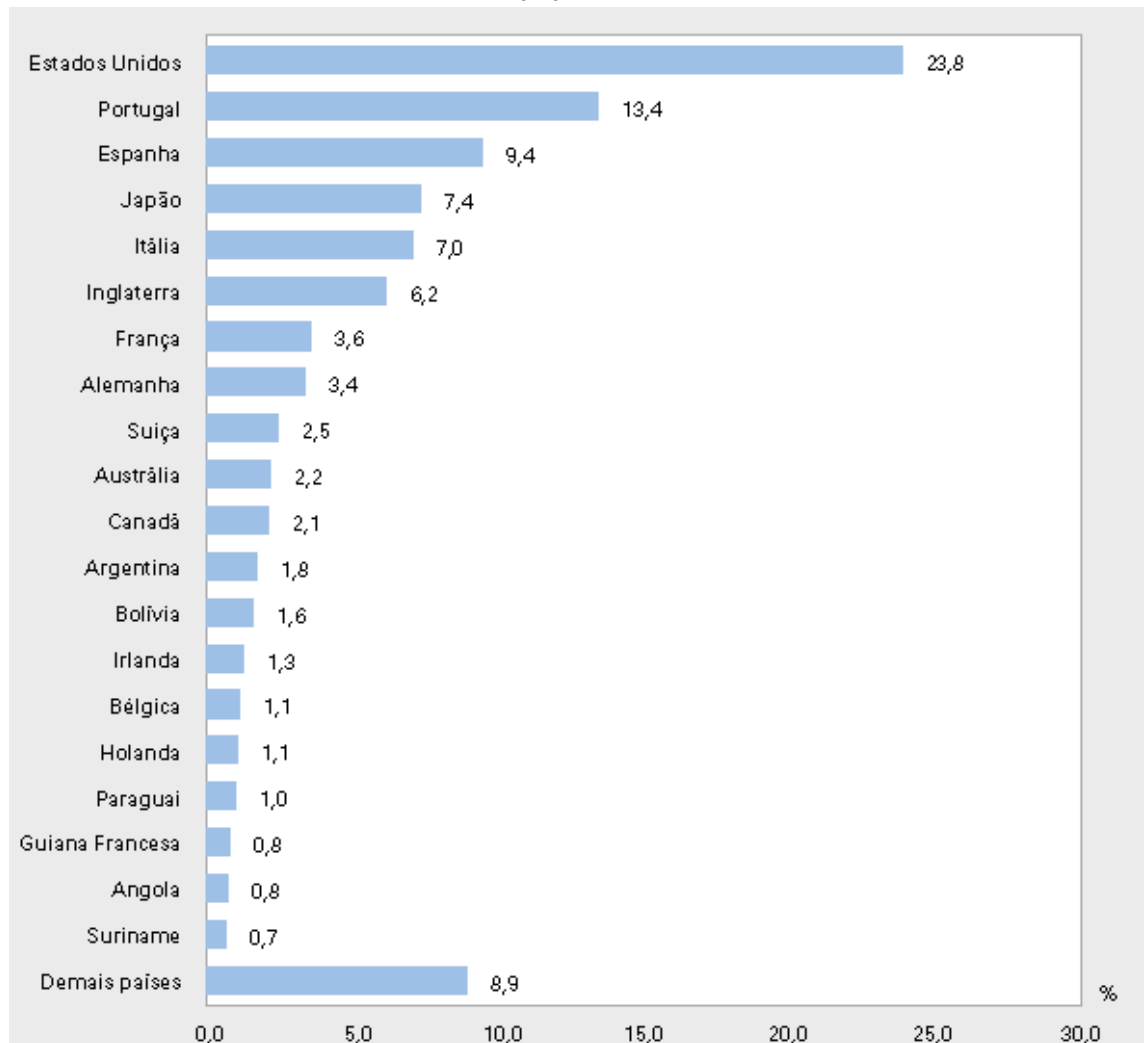
**Gráfico 2 - Proporção de emigrantes internacionais total, por sexo, segundo as Unidades da Federação de residência das pessoas com quem residiram antes de emigrarem – 2010**



Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011, p. 68).

Ainda, apesar da identificação de brasileiros residentes em 193 países, os emigrantes concentraram-se nos Estados Unidos (23,8%), em Portugal (13,4%), na Espanha (9,4%), no Japão (7,4%), na Itália (7%) e na Inglaterra (6,2%), representando em torno de 70% do total de emigrantes brasileiros (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011), conforme mostra o seguinte gráfico:

**Gráfico 3 - Percentual de emigrantes internacionais, segundo o país de residência Brasil – 2010**



Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011, p. 59).

Ressaltamos que identificamos esses países de destino nas entrevistas com nossos interlocutores, sendo que 3, de um total de 8 pessoas, retornaram dos EUA, enquanto 2 retornaram da Espanha, além de retornados do Chile, da Holanda e do Canadá, países considerados mais desenvolvidos do que o Brasil e que apresentam atrativos para a imigração.

Considerando a natureza predominantemente transnacional das migrações, o fenômeno apresenta-se como um desafio a ser gerido e destaca-se como um alerta aos governos para que tratem sobre a questão em foros multilaterais e regionais, além da necessidade de se considerar as migrações como um objeto de cooperação internacional entre os países (FIRMEZA, 2007), uma questão de direitos humanos, e não como uma ameaça, um “outro problemático” (SEYFERTH, 2008, p. 18). Alguns autores consideram que a posição do Brasil neste cenário é dupla: tanto um país de emigração, com comunidades brasileiras no

exterior de 2,5 milhões de pessoas (referência de 2005) como um país de imigração, com aproximadamente 830 mil estrangeiros regulares e mais de 300 mil irregulares (FIRMEZA, 2007, p. 24).

Nesse sentido, conforme Patarra (2005), os movimentos migratórios internacionais tendo o Brasil tanto como país de origem ou como país de destino são efeitos, dentre outras causas, da reestruturação produtiva internacional, que, conseqüentemente, influencia a mobilidade humana entre os países. Assim, historicamente, o país não teve, de fato, uma inversão do fluxo migratório; “em outras palavras, não teria passado de receptor a expulsor de população” (PATARRA, 2005, p. 25); não deixou de ser um país de imigração para ser um país de emigração. Apesar de haver momentos em que determinados fluxos são mais notáveis, “a entrada e saída de pessoas do território nacional nunca cessou” (PATARRA, 2005, p. 25). O que ocorre, além de conjunturas particulares, é a coexistência de mobilidades variadas que englobam diferentes grupos sociais e interesses, demandando políticas migratórias específicas.

Nesta perspectiva, Oliveira (2013) argumenta que:

Mais que buscar adjetivações, no momento nossas energias devem estar canalizadas para a promoção de políticas públicas e de um estatuto jurídico que assegurem os direitos dos migrantes, sejam os dos nossos nacionais no exterior, sejam os dos estrangeiros que pra cá se dirigem. Avançar nessas conquistas significa preparar as bases para que, se viermos a nos tornar um país de imigração, o seja com garantias dos direitos da população migrante e livre da xenofobia (OLIVEIRA, 2013, p. 209).

Como causas dos fluxos migratórios internacionais, em geral, destacam-se conflitos, guerras, opressão política, transformações econômicas, aperfeiçoamento educacional, reunificação familiar, entre outras, todas as razões convergindo no objetivo de uma vida melhor (FIRMEZA, 2007). Em nossas entrevistas, Elaine, ao relatar ter vivido na Holanda em três momentos da sua vida, deixa claro que sua decisão referente à primeira saída do Brasil foi motivada devido à presença da mãe na Holanda, que já havia emigrado e lá trabalhava como faxineira:

A Holanda foi porque minha mãe tinha ido pra Holanda, né. Então a oportunidade que eu tive foi a Holanda porque minha mãe foi primeiro. E ela foi porque ela teve uma amiga que a levou. Sempre é alguém que leva, né, que dá essa oportunidade. Nós tínhamos uma vizinha no mesmo prédio que tinha ido por causa do marido e levou a minha mãe (Elaine)

A interlocutora explica que naquele momento desfrutava de uma situação financeira confortável, não havendo um fator de repulsão em relação ao Brasil. Por outro lado, tinha o

desejo de avançar nos estudos, principalmente aprender inglês, um fator de atração para a Holanda. Outro fator, em particular, foi a presença da mãe. Em um contexto de circularidade, a experiência migratória de Elaine evidencia sua inserção em redes migratórias transnacionais, tendo mantido vínculos sociais entre os dois países em questão que contribuíram para os seus deslocamentos.

Em contrapartida, apesar de fatores como reunificação familiar e educação serem relevantes, as causas econômicas e as oportunidades de trabalho pesam na tomada de decisão do migrante em potencial, fato observado nas histórias narradas por nossos entrevistados. Os países de destino, mais desenvolvidos, possuem níveis salariais mais altos e alta demanda de mão de obra, seja ela qualificada ou não, ampliando os mercados de trabalho nos diversos setores econômicos. Não por acaso, todos os colaboradores que integram esta pesquisa optaram por emigrar para países considerados desenvolvidos, inclusive o Chile, que se destaca na América Latina.

Nosso entrevistado Caio emigrou para o Canadá a fim de estudar, mas conta que, desde sua partida, já sabia que não ficaria lá apenas 6 meses, período do curso de inglês. Com a conclusão do curso, ele começou a buscar trabalho para se manter no país, inicialmente com a extensão do visto de estudante e, posteriormente, em situação irregular. Essa situação ilustra a discussão apresentada por Almeida (2013), em que a autora argumenta que, dada à intensificação do deslocamento internacional de pessoas, em especial as migrações do hemisfério sul em direção ao norte, os países de destino têm tratado a mobilidade educacional como uma “imigração disfarçada” (ALMEIDA, 2013, p. 214).

O trabalho parece não ter sido a principal razão para a emigração do interlocutor, mas sim a estratégia encontrada para permanecer no país como imigrante. Em diversos momentos, ele enfatiza a vontade de “viver o Canadá”, de imergir na cultura, de experimentar o novo e de aprender cada vez mais com a experiência no país desenvolvido. Caio explica ter tentado atuar como protético, profissão em que tinha formação e experiência no Brasil, mas não obteve sucesso devido ao seu status irregular: “cheguei a fazer teste no laboratório, gostaram do meu trabalho, mas aí me disseram: como eu vou te contratar se você não tem visto de trabalho? Não posso” (Caio). Dessa forma, outras possibilidades foram consideradas na área da construção civil.

O interlocutor explica sobre a pujança do setor, em crescimento na época, com grande demanda de trabalhadores. Assim, as oportunidades na área eram muitas, “era um campo aberto para imigrantes, principalmente imigrantes ilegais”. Caio alega que por mais que o setor empregasse imigrantes irregulares e sem a exigência da documentação adequada, a mão

de obra não era barata e o trabalho oferecia boa condição de trabalho e salários altos: “economicamente era muito bom pra mim”. Com esse emprego, ele fez uma reserva financeira que serviu para bancar seu curso universitário quando retornou ao Brasil.

Observamos que o mundo do trabalho, no contexto da migração internacional, é um mecanismo de sociabilidade que possibilita aos imigrantes criar vínculos no país de destino ao mesmo tempo em que buscam concretizar sonhos e projetos pessoais, inclusive planos que envolvam o retorno ao Brasil. Por meio de sua inserção em grupos e redes sociais, eles ainda contribuem para a continuidade das correntes migratórias difundindo em seus círculos as informações relativas às oportunidades existentes nos países de imigração e na origem.

### 3.3 Entre as múltiplas realidades da migração internacional: teorias migratórias

Para a compreensão da diversidade característica do fenômeno migratório internacional, é relevante discorrer sobre as principais teorias que explicam as causas e os fatores que o desencadeiam, e também que o perpetuam ao longo do tempo. Autor clássico considerado precursor na temática das migrações, o geógrafo Ravenstein (1885) é citado na literatura por ter encontrado “leis” “que pareciam governar os movimentos migratórios” (SILVA, 2015, p. 37). Ravenstein (1885) chegou às “leis da migração” por meio da pesquisa com dados censitários dos movimentos migratórios do Reino Unido. Essas leis nada mais são do que padrões observados nos deslocamentos populacionais, que foram encontrados durante a pesquisa empírica do geógrafo e que ofereceram elementos explicativos ao fenômeno da migração naquele contexto, além de terem contribuído para o desenvolvimento das teorias mais contemporâneas.

Dentre as 7 leis encontradas pelo autor, que podem ser acessadas no Anexo C desta dissertação, destacamos a terceira:

**Correntes e contracorrentes:** Cada corrente migratória produz uma contracorrente compensadora; os fluxos migratórios seriam caracterizados pela existência de movimentos populacionais de ida e de volta, ou seja, **para todo o grupo de migrantes que se deslocasse em determinada direção (corrente) existiria um movimento na direção contrária e de menor intensidade (contracorrente), que poderia ser representado pelo grupo dos chamados migrantes de retorno** (SILVA, 2015, p. 38-39, grifo nosso).

Assim, observamos que o autor considera a eventualidade dos movimentos de retorno aos países de origem.

Ravenstein (1885) constatou em seus estudos que o índice de crescimento

populacional em determinadas localidades não correspondia ao crescimento de sua população nativa, mas sim à migração interna dentro do Reino Unido e à migração originária de outros países (RAVENSTEIN, 1885). Com esses resultados, foram desenvolvidos os conceitos de absorção e dispersão, em que regiões de absorção, marcadas pela presença de centros comerciais e industriais, seriam aquelas que, no geral, mais recebiam do que registravam a saída de pessoas, enquanto regiões de dispersão seriam o oposto, caracterizando-se economicamente por atividades agrícolas. Tais conceitos forneceram os elementos para a construção de modelos de *push-pull*, que explicam as migrações como consequência do interesse do potencial migrante em melhorar a sua condição econômica (PEIXOTO, 2004). Sobre o modelo *push-pull*, Gonçalves (2009) destaca que ele:

Não consegue explicar por que razão, face ao mesmo contexto e às mesmas condições, alguns indivíduos migram e outros não. Por outro lado, qualquer acto migratório não inclui, como é óbvio, somente elementos de escolha individual. Mais tarde, alguns novos contributos teóricos valorizaram a existência de lações históricas, - de carácter colonial -, de redes migratórias e outros, para explicar a existência de fluxos migratórios entre os países (GONÇALVES, 2009, p. 27).

Silva (2015) explica que, apesar de considerados ultrapassados por alguns autores, “pesquisas empíricas vêm demonstrando que sozinha a concepção de fatores de atração e repulsão não é plenamente explicativa da realidade migratória, mas não pode ser descartada como mais um elemento explicativo” (SILVA, 2015, p. 39). Apresentamos a situação de nosso informante Marcos, que emigrou considerando o fator de atração dos ganhos econômicos, provavelmente superiores aos que ele tinha no Brasil exercendo a profissão de porteiro. Por outro lado, na análise de seu caso, outra variável se sobressai: a presença de pessoas conhecidas nos EUA, que incentivaram a ida dele e de sua companheira para o país e prometeram auxílio para moradia e para encontrar emprego, evidenciando a relevância das redes de apoio nos processos decisórios para a emigração.

Em prosseguimento aos esforços para explicação das migrações, Massey et al. (1993) elencam as principais teorias migratórias<sup>13</sup> em quatro grupos: teorias econômicas neoclássicas, nova economia da migração, mercado de trabalho segmentado e sistema mundo.

As teorias econômicas neoclássicas compartilham a perspectiva de que os migrantes são “sujeitos que tomam a decisão de emigrar a partir de uma análise das possibilidades nos locais de origem e destino” (SILVA, 2015, p. 47). Esse grupo de teorias divide-se nos níveis macro e micro.

---

<sup>13</sup> As principais teorias foram organizadas em um quadro e encontram-se no Apêndice A desta dissertação.

A abordagem macro considera as migrações como resultados de diferenças salariais e de condições de trabalho entre os países, além dos custos envolvidos no ato de migrar (FIRMEZA, 2007). Provavelmente uma das mais antigas e conhecidas teorias explicativas para a migração internacional (MASSEY et al., 1993), ela forneceu a base intelectual para muitas políticas migratórias. Em suma, a teoria defende que a migração internacional de trabalhadores é causada por diferenças salariais entre os países e, caso essa disparidade fosse eliminada, o movimento migratório cessaria. Assim, considera que o mercado de trabalho é o mecanismo primário que induz os fluxos migratórios internacionais (MASSEY et al., 1993). Isso se adequa à situação de nossa interlocutora Larissa, que buscava benefícios econômicos por meio da inserção no mercado de trabalho espanhol, ainda que informal, pela sua condição de indocumentada. A presença de uma amiga no país foi o motivador para sua primeira emigração, todavia, tal fato não se materializou em apoio e suporte para Larissa, pois desde o início ela relatou que “teve que se virar” por conta própria:

Nunca tinha pensado em morar fora. Eu tinha um emprego ainda que ganhando pouco, a minha vida sempre foi boa aqui no Brasil porque minha mãe sempre ajudou, não posso reclamar, né... minha mãe sempre me sustentou. Eu fui porque na época eu tinha terminado um noivado, eu estava trabalhando já, mas pra mim não tinha nada e ninguém que me prendia aqui e apareceu uma amiga... ex-amiga minha, né. Eu tinha amizade com ela desde a adolescência e ela pegou e me chamou pra ir pra lá e eu confiei nela. Só que o que ela me propôs no caso, o que ela falou que fazia lá, o que era e tudo, não tinha nada. Na verdade ela me enganou até conseguir me levar. [...] eu fui mais por ilusão mesmo, porque ela me iludiu muito ... ela tem casa, ela tem carro, ela tem tudo, mas porque ela se prostitui e mexe com drogas lá... vende droga mesmo. Então é por isso que ela conseguiu tudo que ela conseguiu (Larissa).

Ademais, por confiar nessa pessoa, Larissa relata não ter se preocupado em se planejar fazendo uma pesquisa sobre oportunidades na Espanha e em se preparar aprendendo o idioma, por exemplo. “Fui pra lá sem conversar, sem nada. Eu fui forçada a me adaptar. Eu achei que ia encontrar tudo fácil, foi tudo é muito complicado”.

Seu caso suscita a reflexão sobre tráfico internacional de pessoas, em especial de mulheres, que, na busca de seus objetivos, no caso de Larissa ganhar dinheiro no exterior, tornam-se suscetíveis e podem ser vitimadas por quadrilhas internacionais. Larissa tem plena convicção de que o objetivo da pessoa que a levou era esse. Felizmente, ela percebeu e escapou dessa situação, além de ter conseguido, com seu trabalho, pagar a dívida feita para comprar a passagem para a Espanha e se ver livre de ameaças e intimidações da amiga. O Ministério Público Federal (MPF) destaca o tráfico de seres humanos como representativo do pior lado das migrações, “é a outra face da moeda, verdadeira negação do direito fundamental

de ir e vir livremente” (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2016, p. 3). Ainda, assim como a questão migratória, o tráfico de pessoas é uma realidade, sendo o Brasil um país de origem, de trânsito e de destino nestes fluxos, apesar de esforços empreendidos para o enfrentamento do problema.

Na abordagem micro, é observada a escolha racional do sujeito que decide migrar em razão de um cálculo de custo-benefício, a partir do qual é possível avaliar um retorno, geralmente financeiro, viabilizado pelo movimento migratório. Assim, a racionalidade individual em relação à decisão sobre a mobilidade é a principal característica dessa abordagem (PEIXOTO, 2004). De acordo com Massey et al. (1993), migrar torna-se um investimento em capital humano, já que “as pessoas escolhem se mudar para onde possam ser mais produtivas, de acordo com suas habilidades” (MASSEY et al., 1993, p. 434, tradução nossa<sup>14</sup>).

A título de exemplo, temos o caso da segunda emigração de Larissa, realizada por razões financeiras, sendo a jornada exaustiva e o baixo salário recebido em seu emprego como vendedora em um shopping, após ter retornado ao Brasil, fatores determinantes para uma nova tentativa de trabalhar na Espanha, visando ganhos exclusivamente econômicos. “Eu queria crescer, queria ter dinheiro, queria bens. No Brasil, eu trabalho um mês pra poder comprar um telefone, lá não. Só que a gente também vai com ilusão de que vai ganhar muito dinheiro e não é bem assim, tem os custos de estar lá também” (Larissa). Na época, Larissa ficou sabendo, por meio de uma conhecida que havia ficado na Espanha, sobre a melhoria das condições de trabalho no país, que o euro tinha se valorizado em relação ao real e que as chances de alcançar seu objetivo eram grandes. Com o contexto favorável, a experiência anterior na Espanha, o conhecimento das regras, dos costumes e da língua e, considerando as informações fornecidas por outros, ela avaliou que uma segunda emigração temporária poderia finalmente lhe proporcionar seus objetivos materiais.

A teoria da nova economia da migração, ao questionar as tendências neoclássicas anteriores, considera que a escolha pela migração não é feita apenas por indivíduos isolados; pelo contrário, o potencial migrante é visto como parte fundamental do contexto social em que ele se insere, não podendo ser analisado separadamente. Outro fator são as unidades de produção e consumo que contribuem para a decisão no que diz respeito tanto à maximização da renda com a migração quanto para a minimização de riscos e constrangimentos associados ao movimento de deslocar-se de um país a outro, sobretudo em relação a perdas econômicas

---

<sup>14</sup> International migration is conceptualized as a form of investment in human capital. People choose to move to where they can be most productive, given their skills.

(MASSEY et al.,1993; SILVA, 2015). A migração, nesse caso, teria como objetivo a obtenção de recursos para o indivíduo e para o grupo social ao qual ele pertence, como é o caso dos núcleos familiares (FIRMEZA, 2007; SILVA, 2015). De acordo com Stark (1991 apud SILVA, 2015, p. 47), nessa perspectiva, “a migração deixa de ser uma ação independente do indivíduo para se tornar uma ação de mútua interdependência entre indivíduos”.

Para exemplificar, temos o caso de Elaine, cuja decisão para emigrar, tomada em conjunto com o irmão, dependeu da presença da mãe no país de destino. O objetivo inicial, certamente, foi a reunificação da família em um novo território. Por outro lado, envolveu também a colocação da interlocutora no mercado de trabalho de serviços domésticos, no início, com a intermediação da mãe, que já estava há mais tempo na Holanda e atuava no setor. Dessa forma, os riscos que poderiam ocorrer com a experiência migratória foram minimizados e sua estadia no país, facilitada.

O sonho da interlocutora na Holanda era ter oportunidades de estudar, trabalhar e, com efeito, adquirir bens materiais e ter uma vida melhor. Fica evidente em diversos momentos de sua entrevista que, apesar de ter trabalhado na Holanda apenas em ocupações que demandavam baixa qualificação, ao mesmo tempo em que teve oportunidade de estudar inglês, ela passou a visualizar o trabalho que desempenhava como faxineira com outra perspectiva: “Sou menos por isso? Não sou. Me senti menor? Não me senti. Mas olha, eu queria mais pra minha vida” (Elaine).

Por outro lado, ela enfrentava uma “dualidade”, pois mesmo reconhecendo qualquer tipo de ocupação como digna, ela desejava mais do que o “subemprego”: “Eu tenho capacidade pra ser uma secretária, eu tenho capacidade pra ser uma administradora, eu tenho capacidade pra ser muito mais do que eu sou” (Elaine). Nesse sentido, observamos que as representações sociais da interlocutora sobre o trabalho estão vinculadas com a posição ocupada por ela na sociedade ou em um grupo social específico, como trabalhadora imigrante e indocumentada. “Essa representação é portadora também dos interesses específicos desses grupos ou classes sociais e de seu próprio dinamismo” (MINAYO, 1996, p. 174) e passam por alterações e questionamentos durante a experiência migratória.

A teoria do mercado de trabalho segmentado ou mercado dual pressupõe complementaridade entre trabalhador migrante e trabalhador nativo (do país de destino). A migração visa atender a uma demanda do mercado de trabalho, seja ele demandante de baixa (mercado secundário) ou alta qualificação profissional (mercado primário) (SILVA, 2015). O ponto relevante é o fato de a migração não ser necessariamente motivada por fatores de

repulsão no país de origem, característica dos modelos push-pull, mas por fatores de atração no país de destino (FIRMEZA, 2007).

Peixoto (2004) explica que a teoria baseia-se principalmente na existência de mercados secundários e da economia informal; dessa forma, esse tipo de trabalho “afasta a maioria dos cidadãos nacionais e atrai imigrantes provenientes de regiões pobres” (PEIXOTO, 2004, p. 23) que desempenham atividades laborais do mercado secundário. Além disso, Massey et al. (1993) reafirmam o foco nos fatores e forças estruturais características da economia industrial moderna, sendo, portanto, uma teoria de abordagem macro.

É o caso dos interlocutores que atuaram profissionalmente nos mercados secundários nos países de destino como Canadá (Caio), Holanda (Elaine), EUA (Marcos) e Espanha (Raul e Larissa), em atividades historicamente destinadas aos imigrantes, principalmente indocumentados. Por mais que os projetos migratórios sejam diferenciados, esses interlocutores compartilham tal aspecto em comum. A questão financeira exige autoconhecimento e plasticidade nos projetos de vida. Muitos dos atores sociais da pesquisa, por uma situação de irregularidade, de falta de formação ou especialização profissional e por não dominarem o idioma local, admitem determinadas atividades laborais em condições precárias ou considerados subempregos, por exemplo, os trabalhos de faxina, de pedreiro e de garçom.

Em muitos casos, os trabalhos oferecidos e/ou permitidos aos imigrantes são menos valorizados socialmente do que aqueles que tinham no Brasil. Embora inicialmente o rebaixamento do status trabalhista possa ter um sentido pejorativo, diante das dificuldades e dos impasses para a inserção no mercado, ele passa a ser aceito ou reconhecido pelo imigrante e não o leva a se sentir diminuído.

Na teoria do sistema mundial, os autores argumentam que, com a expansão das relações capitalistas entre os países, principalmente com a inserção de regiões periféricas nos mercados capitalistas - a partir, por exemplo, de empresas que se instalam em países menos desenvolvidos em busca de terras e matéria-prima - é criada uma demanda de mobilidade populacional, que segue os mercados em sua expansão, no contexto da globalização econômica (MASSEY et al., 1993; FIRMEZA, 2007). Gonçalves (2009) esclarece que a unidade de análise do sistema mundial é o mercado global “e a forma como a economia nacional/internacional e os planos de acção política, e em particular o desenvolvimento do capitalismo, têm deslocado populações” (GONÇALVES, 2009, p. 32).

É interessante ressaltar que, conforme essa teoria, a migração é mais provável de acontecer entre os antigos poderes coloniais e suas antigas colônias, em decorrência de

vínculos estabelecidos no contexto colonial, a partir, por exemplo, de aspectos culturais, linguísticos, econômicos, etc (MASSEY et al., 1993), podendo ser útil na explicação da emigração brasileira para Portugal, considerando principalmente a questão da língua, que seria uma barreira a menos no processo de integração a outro país.

Além de teorias pautadas nos aspectos econômicos e nos mercados de trabalho, outras abordagens fazem-se necessárias na análise dos fluxos migratórios. Nesse sentido, destacamos as redes sociais e a causalidade cumulativa. De acordo com a primeira:

Um conjunto de laços sociais ligam comunidades de origem a pontos de destino nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e futuros migrantes em complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados (FIRMEZA, 2007, p. 27).

A inserção dos indivíduos – potenciais migrantes - em redes sociais aumenta a probabilidade dos fluxos migratórios ocorrerem devido à redução dos custos e das incertezas envolvidas no processo. Assim, com sua expansão, as redes migratórias também se ampliam, agregando mais indivíduos e seus laços sociais, perpetuando os deslocamentos (MASSEY et al., 1993). De acordo com Gonçalves (2009):

A teoria das redes sociais é distinta das abordagens enraizadas nos modelos que envolvem os migrantes numa análise custo-benefício do destino mais favorável, preferidas por alguns economistas e cientistas políticos. A abordagem das redes sociais combina as micro e as macro perspectivas de análise, ao trazer não só o migrante como tomador de decisões de volta ao ponto focal (variáveis econômicas), mas introduzindo também as variáveis culturais e sociais. Massey et al. (1993) argumentam que as redes sociais contribuem para aumentar a emigração, começando a decrescer a sua ação a partir de um certo limiar de desenvolvimento do país de origem (GONÇALVES, 2009, p. 38).

Por meio dos relatos fornecidos por nossos interlocutores, identificamos a presença de redes migratórias e de laços sociais, que foram determinantes em seus deslocamentos espaciais, principalmente no que diz respeito ao destino, visto que alguns indivíduos emigraram para localidades onde puderam contar com amigos e familiares que já haviam se estabelecido em migrações anteriores e, assim, poderiam oferecer apoio, como ilustra Caio:

Essa pessoa lá com certeza foi uma condição. Ele foi. E olha que eu já tenho uma irmã que vive na Alemanha... acho que há 26 anos. Ela até falava pra eu ir pra lá, mas não sei. Acho que essa oportunidade no Canadá foi mais interessante. E isso foi um ponto crucial assim. Acho que se ele estivesse nos EUA, eu teria ido pra lá (Caio).

Notamos que na família do interlocutor já havia alguém residente no exterior e

certamente esse foi um fator importante para impulsionar outros membros a deixarem o Brasil, associado ao desejo de experimentar outra realidade em um novo país, com liberdade e autonomia que até então Caio não havia vivenciado. O entrevistado revelou que se preparou psicologicamente para esse afastamento, sobre o qual tinha a consciência de que seria impactante, já que era a primeira vez que ele saía da casa dos pais e do próprio país, em nome da realização de um projeto individual: “Eu sabia que ia estar fora, longe, em outro país com outra língua, que eu ia ter que fazer uma adaptação... do zero, principalmente pela questão da comunicação. Mas eu tinha outra segurança porque eu ia ter alguém que ia estar me recebendo lá” (Caio). De toda forma, mesmo ciente de percalços, a presença do amigo era reconfortante em seu processo de inserção em um país até então desconhecido, em que o idioma era uma barreira inicial.

As emigrações de Jéssica e de Carolina, motivadas pelas uniões afetivas, respectivamente com um chileno e com um americano, apresentam elementos da teoria das redes sociais, uma vez que suas decisões vão além de uma perspectiva economicista de utilizar a experiência no exterior como meio de obter recursos financeiros, mas sim envolvem relações desenvolvidas na esfera pessoal afetiva com cidadãos de outros países, que foram determinantes para a decisão sobre o deslocamento espacial específico para aquelas localidades.

Carolina conta que tinha vida estável no Brasil, com um bom emprego e bom relacionamento com familiares e amigos, mas, devido ao casamento com um americano, ela optou por emigrar. Relata que tinha curiosidade de conhecer outros lugares e, por ser jovem, estava disposta a enfrentar o desconhecido: “Realmente a única motivação foi o casamento [...] pra mim foi muito interessante essa mudança. No início eu até fiquei um pouco preocupada, porque é uma mudança muito radical na vida, mas valeu a pena” (Carolina).

Jéssica já nutria o desejo de sair da casa dos pais, em uma busca por independência e emancipação. Ao refletirem sobre as possibilidades, ela e o então namorado reconheceram que em Santiago as condições seriam mais favoráveis aos dois. Antes de sua partida, ela buscou oportunidades de estudo no Chile e também exigiu o casamento como condição para emigrar, como explica:

Eu fui, mas antes de ir eu procurei na internet alguma coisa pra eu fazer, eu não queria ir assim, sem nada. E aí eu achei um mestrado em direito, que é uma coisa que desde o começo da faculdade eu já estava meio que envolvida, gostava. Aí eu fui aceita nesse mestrado, e já fui meio que com isso certo [...] E outra coisa também, antes de ir, eu exigi dele que a gente se casasse, ele não queria, ele achava que casamento era uma bobagem, que era um papel, não sei o quê, que era uma

formalidade. Eu falei: não, eu preciso disso. Porque eu precisava de uma segurança, de uma certeza de que ele estava... um compromisso da parte dele, e tudo... então, eu exigi e ele aceitou (Jéssica)

Observamos que, para Jéssica, a segurança viabilizada pelo casamento foi fundamental em sua decisão, pois, além de ter sido uma ferramenta para que ela finalmente saísse da casa dos pais, os papéis firmados representavam uma garantia perante os desafios no país de destino e também foram importantes para a sua situação legal no país e no seu trabalho:

Achei que estar casada facilitaria a minha situação jurídica lá, na obtenção de visto, de trabalho, de tudo. Também me dava uma certa segurança emocional. E depois, convivendo lá, eu percebi que o fato de ser casada, principalmente no meu trabalho, me dava uma respeitabilidade e confiança, as pessoas me olhavam diferente porque eu era casada (Jéssica).

Sobre a importância da documentação enfatizada pela interlocutora, Freitas e Dantas (2011) ressaltam que os papéis representam mais do que a legalidade e do acesso a direitos em um país estrangeiro. Para o imigrante, estar legal é como dispor de “atestado de existência, e não um mero caso administrativo” (FREITAS; DANTAS, 2011, p. 602). Assim, existe um imaginário por trás da documentação, responsável por conferir ao estrangeiro a percepção de ser reconhecido, de existir naquele local perante a sociedade de imigração.

Há situações em que os indivíduos migram sem ter qualquer tipo de vínculo ou laço social com o país de destino, exemplo de Raul que optou pela Rússia para cursar a graduação em medicina. No seu caso, observamos que a possibilidade de estudar no exterior, em um país tão distante geográfico, cultural e socialmente do Brasil, representou a possibilidade de um diferencial em sua formação acadêmica e em sua experiência de vida. A mobilidade internacional estudantil tem definições variadas de acordo com os países. Segundo Dia (2005), a Grã-Bretanha, por exemplo, a determina como a migração por motivos de estudo, por um período que pode ser curto ou longo, “implicando também um deslocamento para se beneficiar de uma experiência ou colocação profissional ou por outros motivos pessoais” (DIA, 2005, p. 2, tradução nossa<sup>15</sup>).

Segundo o autor, a migração estudantil tornou-se um fenômeno considerável, em vista de um contexto global caracterizado pela internacionalização da educação e do desenvolvimento de tecnologias de informação e de comunicação, viabilizado pela integração do mercado mundial que incidiu nos sistemas educacionais. Esse deslocamento específico

---

<sup>15</sup> Elle implique aussi un déplacement pour bénéficier d'une expérience ou d'un placement professionnel ou selon des motifs personnels.

atua como um “mecanismo de estratificação e diferenciação social nos currículos escolares e profissionais” (ALMEIDA, 2013, p. 207). Isto posto, Raul esperava que, ao retornar ao Brasil, teria destaque e um status diferenciado devido a essa experiência.

Sobre sua decisão, atualmente ele avalia que no passado foi imaturo e aventureiro, por ter resolvido encarar um país considerado exótico sem conhecer nada sobre ele nem pessoas que já estavam lá, como revela: “achava que eu daria conta de tudo, aquele espírito mais bem-sucedido, quando você é mais jovem”. Todavia, no decorrer de sua experiência na Rússia, ele conheceu a atual esposa, que engravidou, interrompendo os planos anteriormente feitos no Brasil. Devido à gravidez e com dificuldades financeiras, eles decidiram emigrar para a Espanha, onde já residia a mãe de sua esposa (imigrante peruana).

Nesse segundo deslocamento, embora Raul tenha demonstrado, até então, estar atento às informações das redes internacionais (nas quais obteve conhecimento sobre o curso de medicina), ele não recorreu às instituições formais para buscar maneiras de assegurar a sua permanência na Rússia e a conclusão de sua graduação. Pelo contrário, ele apelou às famílias, inicialmente a de sua esposa, na Espanha, e depois a sua, já no retorno ao Brasil. Assim, observamos que as redes informais exerceram seu papel de direcionar um fluxo migratório, além de proporcionar, ainda que provisoriamente, segurança e suporte, na medida em que minimizou possíveis constrangimentos e entraves aplicáveis a um novo deslocamento. A migração de Raul, a princípio estudantil, ganhou contornos de uma migração clássica de mão de obra (ALMEIDA, 2013), tendo em vista que a ida para a Espanha foi uma tentativa de buscar trabalho e o apoio da sogra para a família que se formaria.

Isto posto, introduzimos a teoria da causalidade cumulativa que parte do seguinte pressuposto:

Ao longo do tempo, cada novo migrante reduz os custos e os riscos das migrações subsequentes para um conjunto de parentes e amigos. Por esse motivo, as migrações internacionais tendem a sustentar-se de modo a tornar progressivamente mais prováveis os fluxos migratórios adicionais (FIRMEZA, 2007, p. 28).

A experiência da informante Amanda releva esse cenário, já que a presença do irmão e de uma prima em Boston foi crucial para a sua decisão, fazendo com que ela se sentisse mais confortável e segura material e emocionalmente para emigrar, reduzindo possíveis riscos do processo: “O fato de ter alguém da família lá e que pudesse me dar esse suporte foi muito decisivo para que eu fosse [...] A minha prima começou a me incentivar: vem pra cá, você pode estudar aqui e a gente pode procurar um lugar pra você trabalhar enquanto isso”

(Amanda).

Em seu caso, observamos que a migração, além de ser um meio para conquistar o objetivo de aperfeiçoar o inglês, foi uma forma de reagrupar parte da família que se encontrava fisicamente distante. A ênfase nessa categoria destaca-se no relato de Amanda, tanto em relação ao apoio oferecido pelos seus pais ainda no Brasil quanto ao incentivo do irmão e da prima já nos EUA: “Todos me apoiaram muito, principalmente porque eu ia ficar próxima do meu irmão, né, ele teria companhia da família e eu teria suporte dele e da minha prima pra ficar lá” (Amanda).

Nessas situações, sobressaem as redes migratórias informais como mediadoras dos processos migratórios dos interlocutores, isto é, redes que envolvem relações de parentesco, de amizade e de conterraneidade, assim entrelaçando indivíduos entre países de origem e de destino e favorecendo a circulação de informações e a prestação de apoio, elementos importantes no processo migração. Dessa maneira, os fluxos se sustentam, sobretudo com a “criação de uma tradição cultural de incentivo à migração e à viabilização econômica de novos fluxos migratórios” (SILVA, 2015, p. 57), ocasionando transformações sociais e econômicas nas sociedades de origem e de destino.

É possível considerar a causalidade cumulativa como complementar à teoria das redes sociais, uma vez que a primeira diz respeito a um fluxo de informações contínuo entre familiares e amigos que são facilitadores do processo de migração, e que, por sua vez, constituem as redes sociais conectando pontos de origem e de destino.

Ademais, Silva (2015) argumenta a relevância da abordagem da causalidade cumulativa na análise sobre a migração de retorno, que também está sujeita a “mesma dinâmica cumulativa da emigração” (SILVA, 2015, p. 57), isto é, os fatores que perpetuam a emigração, como o estabelecimento e fortalecimento de redes sociais a partir de migrações sucessivas, também podem ser determinantes para os movimentos de retorno à terra natal.

Considerando a organização dos migrantes em redes sociais, as relações com os países de origem e os novos laços estabelecidos nos país de destino como parte do processo de integração na sociedade acolhedora, surge a discussão sobre a categorização dos projetos migratórios como temporários ou permanentes e, por consequência, a categorização dos próprios imigrantes. Isto é, principalmente com o intuito de controle e de regulação de fluxos migratórios, os países buscam estabelecer critérios para diferenciar e categorizar os imigrantes e, assim, construir suas políticas migratórias, considerando variáveis como a legalidade, os objetivos, a temporalidade e a qualificação do imigrante.

Em ponto de vista crítico a essa categorização, Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992

apud ASSIS, 1999) referem-se aos migrantes como “transmigrantes”, pois consideram que, mesmo estando em outro país, os imigrantes mantêm uma relação complexa com a sua sociedade de origem, demonstrando a existência “de um processo social que cruza fronteiras, geográficas, culturais e políticas” (ASSIS, 1999, p. 154). Diante disso, Almeida e Baeninger (2013) utilizam o conceito de campo migratório, importante para a análise desse espaço social transnacional estabelecido em decorrência das relações mantidas entre os locais de origem, de destino e também de passagem dos migrantes. Nessa perspectiva, as migrações contemporâneas caracterizam-se pela manutenção de múltiplas relações entre dois mundos distintos, estabelecendo um campo transnacional. Assis (1999) argumenta que:

A possibilidade de “estar aqui... estar lá” permite ao emigrante contemporâneo atravessar fronteiras nacionais em busca de trabalho e ao mesmo tempo manter seus laços familiares, afetivos, econômicos e culturais com a terra natal, estabelecendo uma complexa rede de relações entre a sociedade de origem e a sociedade de destino (ASSIS, 1999, p. 154).

O processo social “estar aqui... estar lá” corresponde ao transnacionalismo, isto é, o migrante transita tanto simbolicamente quanto fisicamente entre as duas sociedades. De acordo com Portes (2004), o fenômeno do transnacionalismo ganhou notoriedade recentemente, por mais que existissem exemplos no passado, devido ao surgimento das tecnologias de transporte e telecomunicações, que:

Vieram a facilitar enormemente a comunicação rápida através das fronteiras nacionais e a grandes distâncias. Por mais fortes que fossem, no passado, as motivações dos imigrantes para manter os laços – econômicos, políticos ou culturais – com os respectivos países de origem, os meios que tinham ao dispor para o conseguirem eram bastante escassos em comparação com aqueles de que hoje em dia dispõem os imigrantes (PORTES, 2004, p. 74).

Em nossas entrevistas, identificamos elementos que remetem ao transnacionalismo, uma vez que alguns interlocutores, ao mesmo tempo em que se esforçaram para a integração nos países de destino, preservaram e conferiram significância às suas relações sociais, afetivas e familiares com indivíduos e grupos que permaneceram no Brasil. Assim, o espaço físico e social em que esses sujeitos se inseriram durante a experiência de mobilidade tornou-se o seu campo migratório, entrelaçando as sociedades de destino com o Brasil, sobretudo por meio da comunicação constante.

Portes (2004) ressalta que não são todos os imigrantes internacionais que se envolvem regularmente em práticas transnacionais; mesmo assim, tais práticas de indivíduos isolados, se consideradas em conjunto, causam grande impacto econômico e social nas sociedades de

origem. Um dos exemplos utilizados por Portes (2004) é o das remessas internacionais, que “multiplicadas milhares de vezes, traduzem-se num fluxo monetário passível de se tornar uma fonte primacial de moeda estrangeira para os países de emigração” (PORTES, 2004, p. 77).

Gonçalves (2009) destaca as remessas sociais, além das econômicas, que podem desencadear transformações na terra natal. Para a autora “os migrantes no mundo transnacional e global estão envolvidos na construção da nação de mais do que um Estado. As entidades nacionais não são só ofuscadas, mas também negociadas ou construídas” (GONÇALVES, 2009, p. 40). Dessa forma, não é necessário desvincular-se do país de origem para concretizar a assimilação à sociedade acolhedora. Pelo contrário, os transmigrantes combinam elementos das duas realidades na construção de suas experiências de vida, como uma estratégia, de modo a aproveitar as oportunidades existentes nos dois locais, inclusive na hipótese do retorno, que também pode ser um fenômeno transnacional.

A experiência de nossa interlocutora Carolina é elucidativa, pois, em sua família, já existe uma tradição migratória com irmãos e outros parentes morando nos EUA, além do próprio marido de nacionalidade americana e das amizades feitas durante sua imigração que continuaram sólidas após seu retorno ao Brasil. Dessa forma, ela está envolvida em práticas transnacionais considerando as relações sociais e familiares mantidas em seu campo migratório que conecta o Brasil aos EUA. Ainda, avaliando a sua situação atual de desemprego, o contexto brasileiro de crise econômica e política, e as redes sociais entre os dois países, Carolina não descarta emigrar novamente, evidenciando um aspecto de circularidade e transnacionalismo: “Eu sentia que eu ia voltar temporariamente pro Brasil pra depois voltar pros EUA de novo... se isso realmente vai se concretizar eu não sei, mas está com cara que sim”.

No caso da entrevistada Elaine, observamos que ela também se insere em um contexto semelhante, uma vez que a cada retorno ao Brasil ela manteve os vínculos estabelecidos na Holanda, tanto com a própria família quanto com os amigos e os patrões que teve e que, posteriormente, contribuíram para suas novas tentativas de estabelecimento no país de destino e por ainda ter uma nova emigração sempre como possibilidade.

Sabe, o que me prende hoje é o fator filho. Eu até acho que toparia de novo, e independente de ser com faxina eu acho que poderia se transformar em algum momento, sei lá, conhecer uma pessoa, ou ir pra outro lugar que não fosse a Holanda, onde o processo de migração fosse diferente. Estados unidos, sei lá... Enfim, procuraria saber. E quem sai a primeira vez não tem dificuldade pra sair de lugar nenhum mais. Aprende uma língua e você tem capacidade de aprender várias outras. Você saiu do seu país, saiu do seu mundinho, saiu do seu mundinho, acabou. GANHOU O MUNDO. E eu nunca tive medo sabe, de arriscar, de avançar, de conhecer,

de começar do zero... Quantas vezes eu precisei começar do novo. Então, eu não tenho esse medo. Mas considero sim a possibilidade de de repente retornar. Eu não sei em quais condições seriam, mas eu tenho esse desejo (Elaine).

Nos dois casos, percebemos que retornar não necessariamente significa o fim da migração, mas pode representar uma etapa de mobilidade entre países, que para algumas pessoas é marcada pelo transnacionalismo e pela circularidade. A experiência de sair do Brasil, e certamente de outros países, possibilita o aprendizado e o traquejo e, com efeito, a facilidade para outros deslocamentos espaciais, ou ainda um sentimento de desenraizamento territorial e social em relação ao país de origem.

Por outro lado, segundo Silva (2015), a principal limitação da teoria do transnacionalismo é a de que ela não é aplicável a todos os migrantes, mas a um grupo particular, os transmigrantes, que se faz presente nos países de origem e de destino por intermédio dos recursos tecnológicos e do fenômeno da globalização.

Por meio da discussão articulada aos relatos de campo, notamos que a existência de redes informais foi condição para a emigração da maioria dos interlocutores, pois elas representam facilidades em meio a um contexto estranho, no processo de adaptação ao “novo mundo”. Reconhecemos também a existência de projetos migratórios variados, que vão além da migração laboral e que envolvem laços sociais, relações familiares, afetivas, oportunidades educacionais e profissionais que podem conferir uma distinção social a seus portadores.

Consideramos que os “modelos explicativos refletem objetivos de pesquisa, focos e interesses distintos e formas de decompor um objeto complexo, [que são as migrações internacionais], em partes analíticas manejáveis” (MASSEY et al., 1993, p. 433, tradução nossa<sup>16</sup>). A partir das teorias debatidas, é necessário salientar que elas não são incompatíveis entre si, uma vez que determinado fluxo ou situação migratória pode ser explicado por uma combinação de fatores provenientes de diferentes teorias, tornando a análise mais rica.

Ao mesmo tempo, é fundamental ponderar sobre novas possibilidades de interpretação do fenômeno migratório, visto que, devido às dinâmicas do mundo contemporâneo, os fluxos diversificam-se em grande intensidade e velocidade e surgem novas modalidades migratórias, demandando reflexões cada vez mais aprofundadas e o estabelecimento de novas categorias analíticas.

---

<sup>16</sup> The various models reflect different research objectives, focuses, interests, and ways of decomposing an enormously complex subject into analytically manageable parts.



## **4 FRONTEIRAS ABERTAS ENTRE AS SOCIEDADES DE DESTINO E DE ORIGEM E A EVENTUALIDADE DO RETORNO**

Na discussão sobre processos migratórios, é fundamental refletir sobre o possível regresso dos imigrantes ao país de origem, dado o caráter provisório da imigração, como argumenta Sayad (1998, 2000), a previsão de contracorrentes em cada fluxo migratório, apontada por Ravenstein (1885), e as práticas e relações dos imigrantes imbricadas em mais de uma sociedade, que podem influenciar na decisão para o retorno. Com base nessas questões, passamos a analisar o caso brasileiro.

### **4.1 Situação da imigração internacional no Brasil após Censo IBGE de 2010**

O Censo Demográfico do IBGE de 2010, referente ao quinquênio 2005-2010, mostrou o aumento substancial da entrada de imigrantes internacionais no Brasil – de 143.644 para 268.295 pessoas, quase 87% a mais se comparado ao quinquênio 2000-2005 (OLIVEIRA, 2013, p. 197). Uma das razões foi que, diferentemente das décadas passadas, o Brasil no início dos anos 2000 apresentava uma estabilidade econômica que favoreceu o desenvolvimento do país. Além disso, a crise econômica de 2008, com o estouro da bolha imobiliária americana, afetou os países desenvolvidos e, como consequência, todo o sistema financeiro mundial (OLIVEIRA, 2013), fatores que desencadearam transformações nos fluxos populacionais internacionais.

Com efeito, não apenas imigrantes estrangeiros vieram para o Brasil, como também brasileiros que viviam no exterior retornaram. Do ponto de vista conceitual, essas pessoas, mesmo tendo nacionalidade brasileira, são consideradas imigrantes internacionais de retorno (OLIVEIRA, 2013, p. 197), ou seja, imigrantes em seu próprio país.

Para a análise da imigração internacional no Brasil foram utilizados os resultados da amostra<sup>17</sup> do Censo 2010, que revelou essa população específica de imigrantes no território nacional. O critério utilizado foi a data-fixa, isto é, indivíduos residentes no Brasil quando o censo foi realizado (2010), mas que residiam em um país estrangeiro cinco anos antes (2005):

O quesito que investigou a Unidade da Federação, município ou país estrangeiro de residência há exatos 5 anos antes da data de referência do Censo Demográfico 2010

---

<sup>17</sup> Questionário da Amostra - aplicado em todas as unidades domiciliares selecionadas para a amostra. Além da investigação contida no Questionário Básico, abrange outras características do domicílio e pesquisa importantes informações sociais, econômicas e demográficas dos seus moradores (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010a, p. 12).

é comumente denominada informação de data-fixa, dado que se refere ao resultado das migrações ocorridas entre duas datas específicas: 31 de julho de 2005 e 31 de julho de 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010a, p. 101).

O questionário da amostra contava com uma seção destinada a compreender o fenômeno migratório brasileiro, envolvendo tanto estrangeiros que se estabeleceram no país quanto brasileiros que se mudaram para o exterior ou que de lá retornaram. A pergunta em destaque que revelou o contingente de imigrantes internacionais no Brasil foi: “Em que unidade da federação (estado) e município ou país estrangeiro morava em 31 de julho de 2005?” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010b).

A pergunta faz referência ao período de cinco anos anterior à realização do Censo 2010 – data fixa. Ou seja, os brasileiros que responderam que moravam em outro país, retornaram necessariamente entre 2005 e 2010, justamente o quinquênio em que o número de imigrantes entrando no Brasil intensificou-se, como foi apurado. As opções de resposta oferecidas no questionário eram o estado e município ou o país estrangeiro em questão, a partir da qual pode ser obtida a informação sobre o país onde os imigrantes brasileiros viviam antes de retornarem ao Brasil e sobre a origem dos imigrantes estrangeiros.

Dos estrangeiros que emigraram para o território brasileiro no período analisado (93.889 mil ou 35% do total de imigrantes internacionais que entraram no país), os fluxos mais significativos foram originários da Bolívia e do Paraguai (OLIVEIRA, 2013). Já os brasileiros retornados representam 65,6% (ou 174.597 mil) do total de imigrantes internacionais que entraram no país. A maioria viveu nos Estados Unidos, no Japão, no Paraguai e em Portugal (OLIVEIRA, 2013), conforme mostra a tabela:

**Tabela 3 – Brasil: Imigração Internacional por imigrantes totais, estrangeiros e retornados e proporção de nascidos no Brasil e no estrangeiro, segundo os principais países de origem – 2010**

País de Origem	Imigrantes	Estrangeiros	Retornados	Nascidos no Brasil (%)	Estrang. (%)
TOTAL	268.486	93.889	174.597	65,0	35,0
Estados Unidos	51.933	8.212	43.721	84,2	15,8
Japão	41.417	4.529	36.888	89,1	10,9
Paraguai	24.666	10.918	13.748	55,7	44,3
Portugal	21.376	4.916	16.460	77,0	23,0
Bolívia	15.753	11.798	3.954	25,1	74,9
Reino Unido	12.937	1.619	11.237	86,9	13,1
Espanha	11.566	2.477	9.088	78,6	21,4
Itália	10.691	3.125	7.566	70,8	29,2
Argentina	8.152	5.254	2.899	35,6	64,4
França	6.766	2.908	3.859	57,0	43,0
Alemanha	5.898	2.539	3.359	56,9	43,1
Outros Países	57.331	35.523	21.808	38,0	62,0

Fonte: (OLIVEIRA, 2013, p. 199).

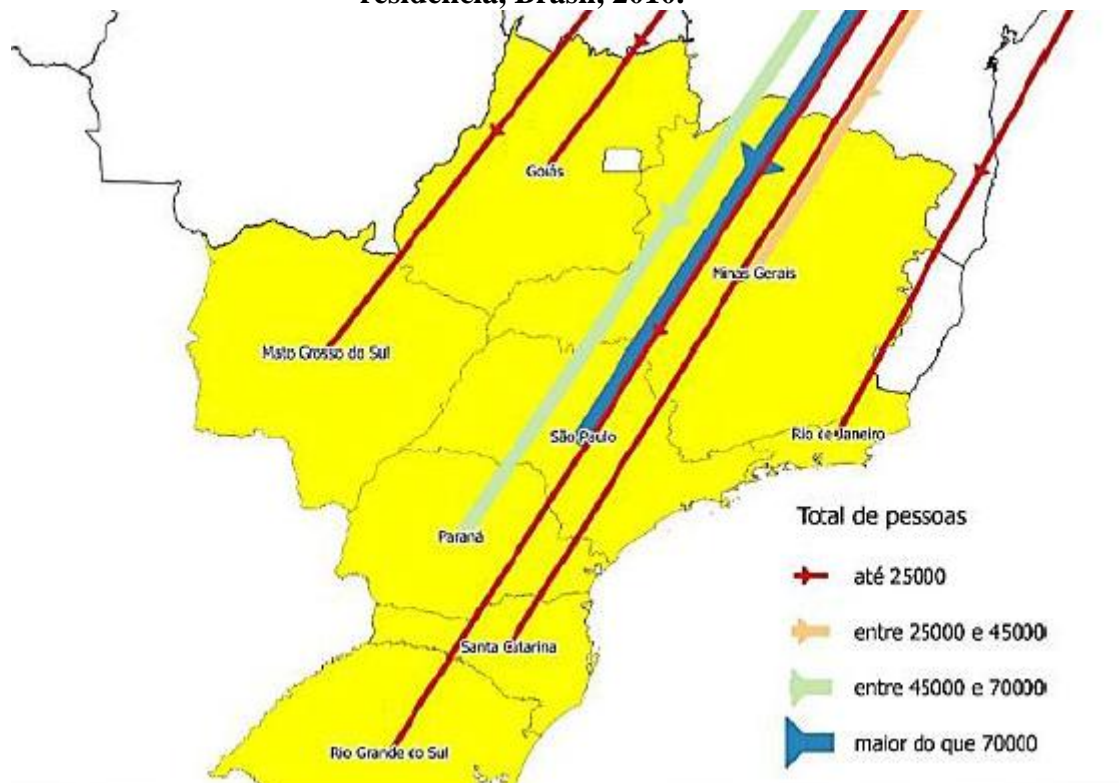
Grande percentual de imigrantes internacionais que entraram no Brasil teve a região sudeste como destino (43,2%), sobretudo São Paulo e Minas Gerais, como mostra a tabela 4. Em relação aos retornados, os principais estados de destino foram São Paulo, Minas Gerais e Paraná, de acordo com a figura 1.

**Tabela 4 – Pessoas que residiam em um país estrangeiro há cinco anos antes da data de referência do censo e participação relativa segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação**

País, Região ou Unidade da Federação	Imigrantes	Participação Relativa (%)
	2005/2010	2005/2010
Brasil	268.295	100
Norte	15.661	5,2
Nordeste	23.169	5,9
Sudeste	134.659	43,2
São Paulo	81.813	30,4
Minas Gerais	27.566	10,3
Rio de Janeiro	18.947	7,1
Espírito Santo	6.333	2,4
Sul	62.777	33,4
Paraná	39.119	14,6
Santa Catarina	12.219	4,6
Rio Grande do Sul	11.439	4,3
Centro-Oeste	32.029	12,3

Fonte: Adaptado pela autora a partir do trabalho de Oliveira (2013, p. 198<sup>18</sup>.)

**Figura 1 – Fluxos migratórios de brasileiros retornados, segundo as principais UFs de residência, Brasil, 2010.**

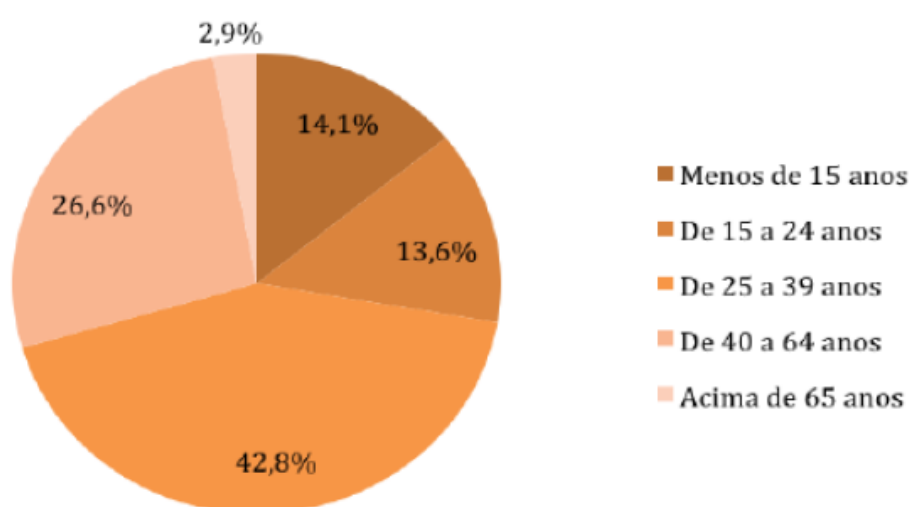


Fonte: (BOTEGA et al., 2015, p. 26).

<sup>18</sup> A tabela original pode ser acessada no Anexo D desta dissertação.

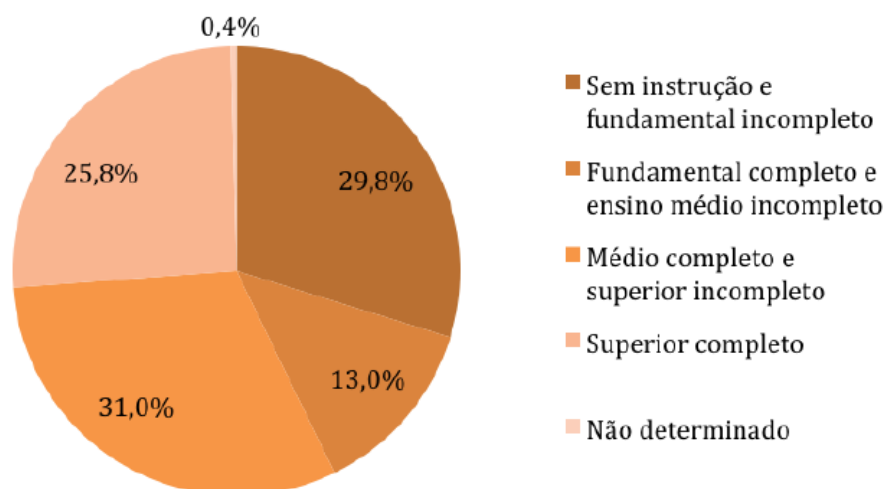
Destacamos que os brasileiros retornados concentravam-se nas faixas etárias de 25 a 39 anos (42,8%) e 40 a 64 anos (26,6%), de acordo com o gráfico 4 e, em relação ao nível de instrução – termo empregado pelos autores e pelo IBGE para se referir à escolaridade (Gráfico 5), 31% possuía nível médio completo e superior incompleto, 25,8% possuía superior completo e 29,8%, sem escolaridade e fundamental incompleto (BOTEGA et al., 2015).

**Gráfico 4 - Distribuição etária dos migrantes de retorno**



Fonte: (BOTEGA et al., 2015, p. 28).

**Gráfico 5 – Nível de instrução dos migrantes retornados**



Fonte: (BOTEGA et al., 2015, p. 30).

Por meio dos dados apresentados, observamos que dentre os brasileiros retornados predominavam aqueles em idade economicamente ativa (faixa dos 25 a 39 anos de idade), o que pode sugerir que a emigração tenha se dado motivada tanto pelo trabalho (BOTEGA et al., 2015) quanto por estudos e qualificação, que no caso de nosso universo de pesquisa envolve, por exemplo, os casos de Caio, Raul, Marcos, Amanda e Larissa. Em algum ponto da trajetória no exterior, contudo, essas pessoas optaram ou foram forçadas a regressar ao Brasil. Sobre a segunda faixa de idade com maior representação (40 a 64 anos), Botega et al. (2015) argumentam que, dentre as principais motivações para o retorno, estaria o desejo de estar perto da família, como é situação de nossa interlocutora Carolina.

Sobre a escolaridade ou o nível de instrução, os dados apontam para uma população de brasileiros retornados predominantemente de nível fundamental incompleto ao superior incompleto (BOTEGA et al., 2015), ainda que a representação de retornados com nível superior completo tenha sido bastante significativa. Em nosso recorte investigativo, apenas 3 dos interlocutores retornaram ao Brasil já tendo concluído a formação superior, casos de Carolina, de Jéssica e de Andrea, enquanto Caio, Elaine e Raul iniciaram ou completaram essa formação após o regresso. Ademais, também temos representadas situações em que os brasileiros retornados possuíam o nível fundamental incompleto e médio completo, e que após o regresso, estes permaneceram inalterados, como Marcos e Larissa respectivamente. Por outro lado, com o regresso e o usufruto da experiência internacional que tiveram, alguns entrevistados avançaram nos estudos, contribuindo para a melhoria de suas qualificações, ao mesmo tempo em que redefiniram suas carreiras profissionais, como será discutido adiante.

Com a discussão realizada, observamos que, no período analisado, a entrada de imigrantes internacionais brasileiros, que retornaram à terra natal, sobretudo de países como Estados Unidos, Japão, Paraguai e Portugal, foi consideravelmente superior à entrada de estrangeiros. Ainda, grande contingente desses brasileiros se direcionou aos estados da região sudeste do país, destacando-se os fluxos para São Paulo e para Minas Gerais. Esse contexto justifica a relevância do retorno como objeto de estudo, não apenas nos seus aspectos objetivos, mas também nos subjetivos, como é a questão da construção e negociação de identidades em contextos migratórios, que necessariamente envolve desafios, conflitos, dificuldades e também superações, além de políticas direcionadas a essa população particular.

#### **4.2 O retorno como componente das trajetórias migratórias**

Sayad (1998), referência clássica na análise do retorno, considera o fenômeno da

migração um fato social total. Auxilia no entendimento dessa caracterização o diálogo entre Durkheim e Mauss no contexto da Escola Francesa de Sociologia, que diz respeito principalmente à introdução do simbólico e da noção de totalidade social. Os autores contribuíram para a “organização de uma teoria do fato social total que articula sincronicamente indivíduo e sociedade, verdade e representação, experiência e crença” (MARTINS; GUERRA, 2013, p. 201).

Assim, na análise de fenômenos sociais enquanto fatos totais, torna-se necessário considerar seu caráter tridimensional, a saber: a dimensão sociológica, a histórica e a físico-psicológica. “Tudo isso é claramente social, num certo sentido, uma vez que é somente na forma de fato social que esses elementos de natureza tão diversa podem adquirir uma significação global e tornarem-se realidade” (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 24). A totalidade do fato social abarca o envolvimento do próprio observador no fenômeno estudado, isto é, “o observador é ele próprio uma parte de sua observação” (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 25), o que é importante para compreender a posição de Sayad no tema das migrações, no qual o autor se destaca por abordá-lo do ponto de vista e do contexto social do migrante, sendo o autor um deles (DORNELAS, 2000).

Para Sayad (1998), “falar da imigração é falar da sociedade como um todo [...] numa perspectiva histórica [...] e do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento” (SAYAD, 1998, p. 16). Considerando a ideia do retorno, o autor destaca que a mesma:

Está intrinsecamente circunscrita à denominação e à ideia mesma de emigração e imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração em outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures (SAYAD, 2000, p. 11).

Sayad (2000) ressalta que o retorno, sendo um elemento constitutivo da condição do imigrante, é naturalmente o sonho de todos eles, conferindo ao processo migratório um sentimento de nostalgia e de saudade em relação à terra natal. Por outro lado, o regresso ao território de partida (dimensão espacial) não significa voltar ao mesmo lugar simbólico, pois a temporalidade é um dispositivo importante no processo de mudança.

Para esclarecimento, tomamos a fala de nosso interlocutor Caio. Ele ressalta que a volta para o Brasil, por mais desejada que tenha sido, foi uma fase difícil, marcada por depressão e por problemas no âmbito familiar, pois “lá em casa eles não souberam lidar comigo e eu também fiquei tentando solucionar isso sozinho, nossa relação é boa, mas é meio

que cada um pro seu lado, a gente é mais fechado assim nesse sentido”. Ainda, Caio conta que durante a sua ausência, alguns amigos se casaram, outros tiveram filhos, então o seu regresso foi para um mundo diferente do anterior: “Eles estavam em outra realidade, e eu vim com outra cabeça”. Dessa maneira, a sua readaptação, por vezes marcada por resistências, incompreensão e indiferença, demandou negociação, entendimento e paciência das partes envolvidas para que as relações sociais fossem restabelecidas, especialmente por ser em um outro contexto.

O retorno do entrevistado constituiu-se em um processo social no qual estava em jogo o seu pertencimento ao tempo, aos espaços e aos grupos, todos eles estruturantes da vida social e individual. Tal processo, além de complexo, é ambíguo, já que o imigrante considera tanto o espaço deixado no país de destino quanto o de origem, sua nação. Ainda, inserir-se novamente nos grupos sociais, dos quais outrora fazia parte, nem sempre é uma possibilidade, pois o tempo vivido no exterior e as mudanças decorrentes do cotidiano imerso em outro sistema cultural contribuem para transformações de âmbito pessoal, assim como possíveis transformações dos grupos sociais. Para Sayad (2000), “existir é existir no tempo, no espaço, e no interior de um grupo social [...]. Sempre está em causa um pertencimento nacional [...]. O pertencimento a cada um a seu tempo é um pertencimento à história nacional” (SAYAD, 2000, p. 13).

Resgatamos a experiência de Caio: o interlocutor afirma que, após certo período no Canadá, começou a refletir sobre sua trajetória de vida até aquele momento, repensando seus objetivos. Esse episódio de recolhimento deve-se a um acontecimento particular: o sumiço do pai de uma amiga canadense: um imigrante holandês, que se mudou para o Canadá muito jovem, ainda aos 18 anos, e lá construiu sua vida, trabalhou, casou-se e teve filhos. Um dia, ele saiu de casa e não voltou por três dias, deixando a família e pessoas próximas apreensivas. Quando finalmente conseguiram contatá-lo, ele explicou que a razão de seu sumiço foi a necessidade de um tempo sozinho, para refletir sobre as suas escolhas e o rumo tomado por sua vida, sobretudo a decisão de deixar seu país natal e suas raízes, e sobre como seria sua vida se a resolução de emigrar nunca tivesse feita. A partir desse momento, Caio enfrentou situação semelhante, tendo dúvidas sobre a emigração e a escolha do país, chegando a afirmar que “não gostaria de morrer e ser enterrado em outro país”.

Esse sentimento era uma coisa incontrolável, era maluco e, com o passar do tempo, isso foi aumentando cada vez mais. Foi chegando o ponto que começou a ficar conflitante, eu sentia muita falta do Brasil, mas eu queria ficar no Canadá... mas eu também tinha que voltar para o Brasil. Já tinha muito tempo que eu estava fora. Mas aí a falta do Brasil foi aumentando e chegou a um ponto em que eu tomei a decisão

de voltar, mas não sabia como ia ser. Eu sabia que eu tinha que voltar (Caio).

A experiência do informante demonstra que os processos migratórios são carregados de emoções como a saudade, “palavra que define um estado d’alma e um sentimento de dor, angústia, nostalgia, provocado pela distância, pela ausência, pelo desejo de estar num outro tempo e lugar” (ASSIS, 1999, p. 138). Tais sentimentos operam como elo entre o passado no Brasil e o presente no país de imigração, avivando alguma forma de contato com a terra natal a partir das memórias e dos laços afetivos, e também de um imaginário construído sobre o país de origem, conforme explica Assis (1999):

A emigração talvez seja a experiência que, ao promover esse deslocamento no espaço, torna a saudade uma marca desse sentimento nostálgico em relação a amigos, parentes, locais e eventos que ficaram num outro tempo e lugar e, simultaneamente, uma reafirmação da identidade (ASSIS, 1999, p. 142).

Isto posto, é comumente observada a organização de comunidades de brasileiros no exterior, fato que reforça a identidade nacional por meio de práticas e de rituais para rememorar, sobretudo, um passado nostálgico por seu caráter glorioso e de grandiosidade, construído por meio das tradições, dos mitos, do ideal de comunidade imaginada e de “laços imaginários que permitam ‘ligar’ pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum ‘sentimento’ de terem qualquer coisa em comum” (SILVA, 2014, p. 85).

Em sua narrativa, nosso interlocutor Raul conta que apesar de ter conhecido pessoas de diversas nacionalidades na Rússia, com o tempo ele passou a sentir falta de relações próximas e calorosas, diferentes das relações interpessoais russas, superficiais e transitórias. “Você acaba sendo puxado pelo que te formou, quase 90% do que você é” é uma afirmação dele, que indica seu vínculo com o Brasil, com o lugar onde nasceu e foi criado, com a identidade brasileira e com a cultura nacional do país. Participar das missas da comunidade latino-americana na Rússia foi uma forma encontrada por ele para suprir essa necessidade, mesmo relatando que, no Brasil, ele frequentava a missa quando criança apenas por exigência dos pais. Uma vez no exterior, dar continuidade a esse hábito que possibilitava a interação com imigrantes latino-americanos, em especial brasileiros, era uma forma de se sentir conectado a sua cultura de origem, a partir da manutenção de um ritual. Em suas palavras: “Isso acabou exercendo a função de perpetuar o rito que me fortalecia no processo de adaptação. Por outro lado, exercia a questão da interatividade com as outras pessoas também” (Raul).

Tais práticas e rituais contribuem para a construção coletiva da comunidade imaginada, fortalecendo a nostalgia relacionada ao país de origem e o pertencimento, inclusive, podendo contribuir para a decisão pelo regresso. Nas trajetórias dos imigrantes existem dificuldades, impasses e a sedução de sair e retornar às origens. Estão em questão o tempo, o espaço, os laços sociais, as memórias, os projetos de vida, as diferenças culturais, o pertencimento, as histórias individuais e coletivas, as transformações e inércias e a identidade nacional.

O ato de imigrar, conforme Sayad (2000), remete à alteridade, porque implica o sujeito emigrante e imigrante, as suas relações sociais, as identidades, a ausência e a presença, a inserção e a reinserção. Portanto, o retorno é considerado como uma “impossibilidade prática” (BOTEGA et al., 2015, p. 17), sobretudo pelo fato de que não se volta para o mesmo lugar, com as mesmas pessoas, como se o tempo tivesse sido paralisado por um período específico. Sobre o grupo social deixado:

Reencontrá-lo como se nada tivesse acontecido, como se nada o tivesse mudado durante a ausência – é a ilusão da qual se alimenta a nostalgia que tem, por contrário, a decepção – e sobretudo, como se ter partido por tanto tempo não houvesse mudado em nada o emigrante que retorna, no fundo, para não reencontrar, como imagina, as coisas como as tinha deixado, mas para se reencontrar a si mesmo, tal como era (ou acreditava ser) quando partiu [...] (SAYAD, 2000, p. 14).

Tal complexidade torna-se evidente nas falas de nossa interlocutora Elaine. A maior mudança percebida ao voltar da Holanda pela última vez foi em relação a si mesma, pois, considerando a experiência migratória, teve oportunidades de “batalhar” no mercado de trabalho estrangeiro e nos estudos de idiomas, além de ter conquistado um padrão satisfatório de vida, mesmo na condição de indocumentada. Em decorrência desse progresso, sua impressão ao retornar foi a de que as pessoas de seus círculos sociais que permaneceram no Brasil estavam na mesma situação anterior, ou seja, parados no tempo, sem perspectivas e ambições. Isso foi um incômodo para ela. A entrevistada usa a palavra “comodismo” para se referir à posição dos que ficaram no Brasil. Viver em outro país representou para ela avançar em diversos aspectos, enquanto os que ficaram, com exceções, não tiveram igual sorte, ou mesmo não tiveram a ambição de “crescer na vida”. Em contradição, ainda na Holanda e em meio a oportunidades de trabalho e de cursos de idiomas, Elaine sentia que “quem estava perdendo” era ela, por não estar próxima de suas amigas, nem fazendo seu curso de graduação.

O relato da interlocutora enfatiza um sentimento de desapontamento, assinalado por

Sayad (2000), com a terra de origem, que é imaginada pelo imigrante quando ele encontra-se ausente, exigindo dele uma reflexão, um mergulho em sua subjetividade e um encontro consigo mesmo.

Conforme Durand (2006), o retorno questiona o suposto caráter unidirecional e definitivo da migração, devendo ser, por essa razão, também explicado e considerado pelas políticas migratórias. O autor explica: “A decisão de retornar, de voltar à terra natal, é uma resolução semelhante a que se toma no momento da partida. É possível afirmar que o processo migratório se reinicia no sentido inverso” (DURAND, 2006, p. 168, tradução nossa<sup>19</sup>). Assim, as questões que envolvem a volta são tão marcantes como a tomada de decisão de partir.

A trajetória da entrevistada Jéssica elucidada essa passagem. A interlocutora havia se adaptado muito bem à vida no Chile, tendo conquistado uma “carreira meteórica” e excelentes condições materiais. Não obstante, sua vida social se resumia à de seu marido, ela não tinha suas próprias amizades e seu ambiente de trabalho era muito conservador e formal, tendo com os colegas apenas um relacionamento cordial e profissional, nada além disso. Outro aspecto relevante foi a “politicagem” no tribunal onde trabalhava, que a levou a acreditar que não tinha mais espaço para crescimento, devido a concursos e contratações que considerava duvidosos. Somado a tudo isso, estava a saudade do Brasil e da família e, então, surgiu a ideia de retornar a fim de se preparar para o concurso de admissão à carreira diplomática. Assim como a ida para o Chile, o processo de volta ao Brasil envolveu uma revisão de projetos de vida, uma preparação e um planejamento, principalmente financeiro, até que a decisão fosse colocada em prática.

Para Menezes (2012), as migrações são um fenômeno de mobilidade e de heterogeneidade, considerando fatores como motivações e duração, observados em relação aos nossos interlocutores. Buscamos elencar diferentes projetos migratórios para analisar a migração a partir de perspectivas distintas. Todavia, essa “condição de mobilidade não expressa, portanto, desenraizamento, desagregação familiar, mas, antes, uma permanente recomposição e ressignificação de suas redes de relações sociais” (MENEZES, 2012, p. 26). Além disso, a autora, ao analisar o fenômeno migratório segundo as experiências dos sujeitos migrantes, argumenta que esses indivíduos:

Embora condicionados por condições estruturais, econômicas, sociais, políticas e

---

<sup>19</sup> La decisión de retornar, de volver al terruño, es una resolución semejante a la que se da en el momento de la partida. Se podría decir que se reinicia el proceso migratório em sentido inverso.

culturais, também, atuam sobre essas condições, significando-as, atribuindo-lhes significados a partir de seus projetos de vida individuais e familiares (MENEZES, 2012, p. 35).

Ainda de acordo com a estudiosa, a saída do país e a opção por outros territórios não representam a interrupção dos laços familiares e sociais, pois, especialmente em situações de dificuldades e vulnerabilidade, os vínculos são reatados e ressignificados. Esse foi o caso de Raul, que apesar da tentativa de estabelecimento na Espanha, devido à gravidez de sua esposa, percebeu que os custos, como creche e aluguel, ficariam inviáveis. Mesmo com o apoio da sogra, eles não teriam condições de arcar com todas as despesas necessárias sem abrir mão dos estudos. De acordo com o interlocutor:

Então a gente estava pensando e eu falei: não, então vamos pro Brasil, porque lá pelo menos a minha família vai dar um respaldo pra gente, lá a gente vai ter condição de trabalhar num período e estudar, a gente se vira, então foi essa junção de fatores, não por muita saudade, mas por questão mais de... pra dar um jeito, econômico mesmo, que a gente optou por voltar. E aí foi bom, por que aqui eu cheguei, meus pais conseguiram dar um respaldo pra gente, eles providenciaram lugar pra gente morar, sustentaram por um tempo até a gente começar a trabalhar, e aí a gente voltou a estudar, entramos na faculdade (Raul).

Ainda que a situação financeira na Rússia e, posteriormente, na Espanha fosse bastante complexa para o interlocutor, que estava em vias de ter um filho, percebemos que o ponto chave na decisão de Raul pelo retorno ao Brasil estava relacionado à viabilização da vida familiar do casal aliada a possibilidade de continuar os estudos, com o apoio de sua família.

De forma semelhante, identificamos a relevância dos vínculos familiares na experiência de nossa entrevistada Larissa que, em situação de dificuldade na Espanha devido à crise de 2008, contou com o apoio financeiro de sua mãe para retornar ao Brasil. “Eu morava em frente ao depósito de lixo de um supermercado grande. Tinha espanhol pegando comida do lixo. Aí eu pensei: se eles estão assim, o quê que eu estou fazendo aqui?” Perante esses desafios, a interlocutora voltou para o Brasil e, devido à experiência que teve no exterior, ressignificou os laços com a família, valorando-as de forma diferente:

Lugar bom é onde tá a família da gente, quando a gente tem a família ali, nunca pode ser pior [...] A gente cresce, a gente aprende a dar valor nas coisas que tem, na família da gente, em tudo, na comida que você põe no prato até a cama que você dorme [...] E amigo é só quando a gente é mais novo, ali no oba oba, na vida boa, porque na hora da dificuldade, é a família que vai estar lá pra você, não é nenhum amigo não. Lá a gente vê a realidade (Larissa).

Observamos nos relatos que, dentre os fatores desencadeantes do retorno, não estão presentes apenas determinantes econômicos, mas também as dimensões emocional, afetiva e familiar (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013), identificadas nas trajetórias de nossos interlocutores, com maior ou menor relevância sobre a decisão do regresso. Essas “interagem com a dimensão econômica na tomada de decisão de retornar, constituindo elemento muitas vezes central no processo de retorno” (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013, p. 119), fato observado empiricamente por Castro e Fernandes (2013) em pesquisa com retornados em Minas Gerais e Rondônia.

Pereira e Siqueira (2013) levantam uma nova questão: a circularidade da migração, não sendo o retorno o fim do projeto migratório. Segundo Patarra (2005), a circularidade integra grande parte dos deslocamentos populacionais e é propiciada por redes migratórias que reforçam a continuidade dos fluxos, o que se adequa à teoria do transnacionalismo. A migração circular caracteriza-se por um retorno temporário e pela manutenção dos laços tanto com o país de emigração (origem) quanto com o país de imigração (destino), estando aberta uma nova possibilidade de emigrar muitas vezes concretizada.

### **4.3 Caracterizando a imigração internacional de retorno**

A imigração internacional de retorno pode ser interpretada por meio de diferentes pontos de vista. Segundo Gmelch (1980), as primeiras distinções para o estabelecimento de tipologias dos imigrantes de retorno seriam a duração da estadia em outro país e a motivação para regressar. Para o autor, os imigrantes temporários retornam à terra natal após terem conquistado um objetivo específico, geralmente juntar dinheiro, razão pela qual emigraram em primeiro lugar. Já os imigrantes cuja expectativa era viver em outro país de modo permanente, decidem voltar por outras razões.

Dentre elas, incluem-se questões familiares, como o cuidado de parentes idosos, a degradação das condições econômicas nos países de destino, os problemas de adaptação e a distância de um ambiente familiar, que podem levar a danos psicológicos (GMELCH, 1980). Apesar dessa distinção, Gmelch (1980) afirma que muitos migrantes simplesmente não tem planos bem definidos e migram em caráter experimental. A decisão sobre permanecer ou retornar passa a depender das condições e das oportunidades encontradas no destino (GMELCH, 1980) e também de potencialidades que porventura venham a surgir no país de origem, como melhora de condições econômicas e sociais.

Cerase apud Durand (2006) ao pesquisar o regresso de imigrantes italianos dos

Estados Unidos, indica quatro “tipos” de retornados: o fracassado, que não alcançou seu objetivo; o conservador, que não se adaptou ao país de destino e anseia pelo retorno; o aposentado, que busca viver sua aposentadoria em seu país e o inovador, que possui projetos a desenvolver no país de origem.

Sobre o retornado, em geral, existe uma expectativa positiva por parte de organizações e governos do país de origem, devido ao provável capital social e humano, às habilidades e às experiências que ele pode trazer consigo e que representam potencial de desenvolvimento para si mesmo e para o país, principalmente pela possibilidade dele se tornar um empreendedor (CASTLES, 2000; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2016). Não obstante, em pesquisa realizada com brasileiros que regressaram de Portugal e que tiveram o auxílio do Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração (PRVR), da OIM, foi observado que:

A temática do empreendedorismo não deve ser privilegiada, pois muitos não têm o perfil necessário para tal. São pessoas que [...] podem não estar dispostas a sonhar uma vez mais e tentar outra empreitada. Portanto, esse não seria o momento mais propício para se pensar em implementar um microempreendimento (FERNANDES et al., 2013, p. 90).

Assim, é necessário ponderar que, devido à diversidade dos projetos migratórios e dos perfis dos retornados, suas necessidades e demandas ao regressar serão distintas e plurais, principalmente no caso de migrantes em situações de vulnerabilidade ou no caso de assistidos por algum programa de apoio, que demandam maior atenção.

No esforço de investigação sobre o retorno, Durand (2006) reconhece seis “modalidades” deste fluxo: o retorno voluntário do migrante estabelecido, que viveu muito tempo no exterior, legalmente e inclusive até com a segunda nacionalidade, e que podem retornar, por exemplo, em decorrência da melhoria das condições econômicas no país de origem. O segundo é o retorno do migrante temporal ou sazonal, estabelecido por contrato de trabalhadores temporários. O retorno transgeracional se trata de descendentes dos migrantes que decidem, por suas raízes culturais comuns, mudarem para o país de origem de seus pais e avós. O retorno forçado se dá por razões econômicas, políticas e/ou raciais e geralmente caracteriza-se pelo retorno de refugiados, deportados e imigrantes irregulares. O retorno do fracassado é conhecido pela não realização do projeto migratório e das condições não favoráveis ao migrante no país de destino. Por fim, o retorno programado, promovido oficialmente pelos países para fomentar e facilitar a migração de retorno.

Indo além da tipificação do retorno por meio das motivações, Cassarino (2013)

considera o nível de preparação dos migrantes para regressar, estabelecendo três: retornados com alto nível de preparo (aqueles que se organizam para o retorno mobilizando os recursos necessários para tal – geralmente são migrantes estabelecidos no país de destino há mais tempo); retornados com baixo nível de preparo (aqueles que não possuem os recursos necessários para regressar, tendo ficado pouco tempo no exterior, e que dependem de recursos do país de origem) e, por fim, os retornados sem nível de preparo, que se encaixam na categoria proposta por Durand, de retorno forçado, ou seja, os deportados ou os que possuem seus pedidos de asilo rejeitados.

Já Siqueira (2009) propõe cinco tipologias para o retorno: o retorno temporário, caracterizado por visitas ao país de origem e estabelecimento no país de destino; o retorno continuado, em que o retorno ao Brasil é malsucedido provocando uma nova emigração; o retorno permanente, quando o migrante estabelece-se no local de origem e não tem planos de nova emigração; o transmigrante, aquele que vive tanto na localidade de origem quanto na de destino e, por último, os retornados da crise, que sofreram os impactos da crise econômica de 2008 e não tiveram condições de permanecer nos países de destino atingidos.

Analisando as histórias dos interlocutores à luz das classificações apresentadas e considerando as expectativas do momento anterior à emigração, qualificamos Amanda, Raul, Larissa e Marcos como migrantes temporários. Isso se deve ao fato de eles terem metas estabelecidas, com maior ou menor grau de planejamento, como adquirir proficiência na língua inglesa, formar-se em medicina e fazer uma poupança para adquirir bens materiais.

Observamos que Larissa e Raul encaixam-se na modalidade de retorno do fracassado, por não terem conseguido concretizar o projeto estabelecido, devido a problemas de ordem financeira, sendo que Larissa, conforme Siqueira (2009), enquadra-se como “retornada da crise”. Ambos não dispunham de meios próprios para permanecerem nos países de destino em condições satisfatórias. Devido a essa situação, são migrantes retornados com baixo nível de preparo, visto que dependeram de recursos de outrem, no caso, de suas famílias, para poderem voltar ao Brasil.

Dos interlocutores, Marcos retornou dos EUA após a separação da mulher: “Eu não tinha alcançado meu objetivo, de jeito nenhum. Mas aí depois da discussão foi bem rápido, uns 20 dias, eu comprei a passagem e vim embora [...] Eu não voltei com muito dinheiro, mas voltei com alguma coisa que deu por algum tempo”. Dessa maneira, apesar de um retorno fracassado, o interlocutor apresentou alto nível de preparo, dispondo de recursos próprios para o regresso. Ainda, por não possuírem novos planos de emigração, consideramos que Larissa, Raul e Marcos fizeram um movimento de retorno permanente.

Carolina e Jéssica foram caracterizadas como migrantes permanentes, já que, devido aos casamentos com estrangeiros, elas consideravam uma estadia prolongada nos países de destino: EUA e Chile. Não havia um objetivo específico que, uma vez alcançado, as motivariam a retornar ao Brasil. Por razões de saudades do Brasil, de necessidades de cuidar de parentes idosos e de mudanças em objetivos profissionais, elas optaram por retornar, em um processo que demandou preparação e planejamento, ou seja, a modalidade observada é a do retorno voluntário do migrante estabelecido, já que ambas apresentaram alto nível de preparo.

Avaliamos a migração de Caio como experimental, mesmo que, a princípio, ele tenha se matriculado em um curso de inglês de seis meses, o que poderia sinalizar um objetivo delimitado. Em diversos momentos de sua entrevista, ele revelou que tinha o desejo de permanecer além desse tempo no Canadá não apenas para estudar inglês, mas também para ter uma nova experiência de vida, o que foi viabilizado devido às oportunidades de trabalho que teve no setor da construção civil. Embora tenha vivido no Canadá irregularmente, consideramos que seu retorno como voluntário do migrante estabelecido, já que morava há cinco anos no país, e com alto nível de preparo, mobilizando recursos para o seu recomeço no Brasil.

O caso de Amanda apresenta particularidades. Ela decidiu voltar para o Brasil quando que percebeu que havia concluído seu objetivo, ao mesmo tempo em que foi convocada para um concurso, realizado antes da emigração para os EUA. Seu primeiro regresso foi, portanto, voluntário do migrante estabelecido, ainda que fosse indocumentada, e com alto nível de preparo, pois além de estudar, ela também tinha um trabalho que lhe permitiu voltar com uma reserva financeira. Todavia, ela não se adaptou à realidade brasileira e ao novo emprego como bancária, o que motivou uma segunda tentativa de emigrar. Podemos afirmar que ela passou por um retorno continuado, segundo Siqueira (2009). Na última tentativa, porém, ela sofreu um retorno forçado, sendo deportada no aeroporto, quando as autoridades da imigração constataram que ela havia residido irregularmente nos EUA por três anos.

Elaine também se encaixa em uma miríade de modalidades de retorno. Por exemplo, sua situação irregular na Holanda, característica do retorno forçado, foi um fator determinante para o regresso, apesar da vida estável, junto aos familiares e aos amigos e o trabalho como faxineira, que lhe rendia bom salário. Ademais, em relação ao nível educacional almejado pela interlocutora – o ensino superior – as condições no país de destino não eram favoráveis, podendo ser caracterizado o retorno fracassado. Durante seu período na Holanda, a Elaine questionou-se em relação aos seus objetivos e à sua satisfação estando em outro país:

Então é... Era só mesmo pra questões de começar a me questionar, a minha identidade mesmo... O quê que eu estou fazendo aqui? Por que que eu estou aqui? Será que eu não consigo ganhar lá no Brasil o que eu estou ganhando aqui? Eu estou aqui só por dinheiro? Ou eu... não, mas eu preciso terminar minha faculdade, eu quero terminar minha faculdade, Eu adoro dirigir, eu não posso dirigir, então essas coisas... Essa liberdade de fazer as suas coisas foi o que me trouxe de volta para o Brasil. Eu queria estudar, eu queria poder dirigir o meu carro, eu queria... Mais essas questões mesmo do que o ilegal não pode fazer (Elaine).

Ela retornou ao Brasil tendo custeado a viagem e o reestabelecimento no país com recursos próprios, evidenciando o que Cassarino (2013) estabelece como retorno com alto nível de preparo. Ainda, podemos considerar que Elaine enquadra-se, em determinados momentos da sua trajetória, na tipologia de retorno continuado, visto que ao retornar da Holanda para o Brasil por duas vezes, ela empreendeu uma terceira emigração, por problemas em relacionamentos afetivos que fizeram com que esses dois regressos fracassassem.

Além de analisar os casos de retorno ao Brasil a partir de tipologias que entrecruzam informações sobre os motivos para o retorno, as condições no país de destino e os recursos mobilizados para concretizar essa etapa do projeto migratório, Cavalcanti e Parrela (2013) analisam a imigração de retorno a partir de uma perspectiva transnacional. Desse modo, regressar não significa o fim ou interrupção do processo migratório, mas sim parte dele, até porque a questão da circularidade deve ser considerada e, em muitos casos, o retorno pode ter caráter temporário e não apenas permanente.

Na perspectiva desses autores, a imigração internacional de retorno diz respeito à crescente intensidade de fluxos de pessoas, objetos, informações e símbolos além das fronteiras nacionais. “As práticas transnacionais nos mostram como os imigrantes constroem e reconstróem suas vidas simultaneamente imbricadas em mais de uma sociedade” (CAVALCANTI; PARRELA, 2013, p. 11, tradução nossa<sup>20</sup>). Ou seja, os imigrantes internacionais parecem estar inseridos em práticas sociais de caráter transnacional.

No contexto da sociedade contemporânea, o regresso está além de uma migração reversa, como um acontecimento estático e definitivo, o que não seria adequado no campo social transnacional em que as migrações internacionais se inserem. O fenômeno das migrações, sobretudo de retorno, deve ser analisado “a partir de uma perspectiva que o compreenda imerso na dinâmica das relações, práticas e experiências nas quais se entrelaçam as sociedades de origem e de destino” (CAVALCANTI; PARRELA, 2013, p. 16, tradução

---

<sup>20</sup> Las prácticas transnacionales nos muestran cómo los migrantes construyen y reconstruyen sus vidas simultáneamente imbricadas en más de una sociedad.

nossa<sup>21</sup>).

Entendemos que essas situações são conflitantes, ambivalentes e as percepções sobre elas são construídas colocando em oposição o país de origem, no caso o Brasil, e os países de destino, desde o padrão de vida, segurança, pertencimento, liberdade, autonomia, entre outros. Entram em jogo as vantagens e as desvantagens de estar e de viver em cada lugar e, conseqüentemente, o processo decisório sobre a permanência ou o regresso.

#### **4.4 Redes migratórias enquanto mecanismos de apoio ao imigrante de retorno**

Na compreensão das migrações como processos sociais, é fundamental a noção de redes (TRUZZI, 2008), uma vez que, em geral, os eventos migratórios tendem a ocorrer conectando indivíduos e grupos que possuem algum laço, como parentesco, amizade e conterraneidade; raramente são acontecimentos isolados. Segundo categorias das migrações estabelecidas por Tilly (1978) apud Truzzi (2008), observa-se nítida relação entre as redes e as migrações em cadeia, “que envolvem o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino” (TILLY, 1998 apud TRUZZI, 2008, p. 200). Nessa perspectiva, Massey (1988) esclarece que:

A formação de redes é provavelmente o mais importante mecanismo estrutural apoiando a causalidade cumulativa da migração internacional. As redes migratórias são um complexo de laços interpessoais que conectam migrantes, migrantes retornados e não-migrantes nas áreas de origem e destino a partir de vínculos de parentesco, amizade e compartilhamento de uma origem comum (MASSEY, 1988, p. 396, tradução nossa<sup>22</sup>).

Dessa maneira, as relações e as trocas de informações que se desenvolvem por meio das redes são determinantes na decisão de emigrar e de retornar aos países de origem. Explica Truzzi (2008):

A adoção de uma perspectiva de redes interessa a todos os que se ocupam dos fenômenos migratórios, tanto no presente como no passado. Em primeiro

<sup>21</sup> [...] Desde una perspectiva que lo comprenda inmerso en la dinámica de las relaciones, prácticas y experiencias en las que se entrelazan las sociedades de origen y de asentamiento.

<sup>22</sup> Network formation is probably the most important structural mechanism supporting cumulative causation in international migration. Migrant networks are sets of interpersonal ties that links migrants, former migrants, and nonmigrants in origin and destination areas through the bonds of kinship, friendship, and shared community origin.

lugar, porque eles normalmente ocorrem segundo critérios bastante seletivos por origem e tipo de imigrante. Em segundo, porque em geral tais fenômenos não acontecem isoladamente como resultado de decisões individuais, mas de grupos de pessoas relacionados por familiaridade e destino comum. [...] Claro que indivíduos migraram, às vezes, sozinhos. Mas o fizeram como participantes de um processo social que se estendia muito além deles próprios (TRUZZI, 2008, p. 214-215).

Nesse sentido, deslocar-se de um país para outro envolve um ritual de separação de um ambiente conhecido para a incorporação de outros valores, regras e normas que, mesmo quando já conhecidos em teoria, na prática, caracterizam-se como novidades ou estranhamentos para o imigrante. Todavia, esse ritual de separação não pressupõe o rompimento de laços, ao contrário, eles são referências nas práticas cotidianas dos imigrantes. Dessa maneira, o imigrante apoia-se nas redes e nas relações de confiança que podem encorajá-los em suas decisões e em seus deslocamentos.

Assim, foi observado que, em muitos casos de retorno, a garantia do apoio material e emocional proporcionado pelas famílias dos nossos interlocutores – integrantes de uma rede informal de suporte - foi categórica para que eles retomassem suas vidas no Brasil, em meio às dificuldades de readaptação ao contexto cultural, de reinserção no mercado de trabalho e de retomada de relações sociais com os que permaneceram. Ainda no exterior, os sujeitos que mantinham uma relação estreita com o Brasil, sobretudo com o envio de remessas de dinheiro, de presentes, as visitas e a comunicação constante com os familiares, faziam parte de práticas transnacionais, já que, nessas situações, fica evidente o envolvimento entre os imigrantes e aqueles que permaneceram na sustentação e concretização dos projetos migratórios (ASSIS, 1999). Essa situação é denominada por Rocha-Trindade (2015) como a presença dos ausentes, viabilizada a partir da sustentação de laços sociais diversos com indivíduos e coletividades do país de origem.

A nossa entrevistada Jéssica conta que quando estava no Chile, todos os anos recebia visitas da família (os pais, o irmão e a cunhada) para passar datas especiais, como o Natal e o seu aniversário. Certamente, isso foi possível devido à proximidade do Chile em relação ao Brasil. Se fosse em outro país, mais distante geograficamente, as visitas constantes talvez não seriam uma realidade em sua experiência. De toda forma, ela ressalta que, com a sua imigração, os laços familiares se intensificaram e se fortaleceram, o que se manteve no retorno:

Era até melhor do que o tempo que a gente vivia junto antes da minha ida. Quando eu estava no Chile, o tempo que a gente passava junto era menor, mas era de mais qualidade. Aí depois que eu voltei, a gente começou a conviver mais, mas foi

diferente, uma etapa completamente diferente do nosso relacionamento, de mais proximidade, de mais tolerância, de mais compreensão, de mais apoio (Jéssica).

Jéssica, assim como Larissa, também construiu uma nova relação com os familiares em sua experiência migratória, sobretudo no retorno, quando os vínculos passaram a ser mais estimados.

Na trajetória de Raul, notamos um sentimento de alívio ao regressar, em vista das condições desfavoráveis e da falta de perspectivas na Espanha. Além disso, ele pode contar com sua família, o que foi fundamental para o sucesso de seu retorno:

Foi meus pais que pagaram a nossa volta, eu fui muito bem recebido, você sai de um lugar onde você tinha as relações muito distantes, aí você vai pra um mediano, onde melhora um pouco, e aí você volta pra sua terra. Foi muito bom inicialmente. A chegada da minha mulher também foi boa, minha família acolheu ela muito bem, ela se sentiu super bem, tanto que ela está aí até hoje e eu também (Raul).

Dessa maneira, as famílias enquanto parte de redes sociais migratórias de caráter informal facilitam e viabilizam os deslocamentos demográficos, já que reduzem os graus de incerteza frequentemente experimentados no fluxo migratório (CAMPOS, 2015), por meio da difusão de informações e dos apoios material e emocional sendo, portanto, consideradas como mecanismos de suporte importantes nesse processo, com destaque para o retorno.

Constatamos ainda que a significação dada à família por alguns interlocutores no âmbito de suas redes sociais é distinta daquela conferida às relações de amizade, que se transformaram durante o período de imigração, o que aconteceu com Carolina:

Com amigos teve sim um distanciamento, muitos amigos que deixei no Brasil quando fui pros EUA eu nunca mais retornei a ver, 17 anos foi muito tempo longe [...] mas eu não sinto assim tanta falta, porque tenho a minha família [...] A boa realidade em voltar foi isso, por exemplo, o calor humano, a parte afetiva, estar de verdade com a minha mãe, meu pai, essa coisa da família foi maravilhoso porque eu sou muito ligada à família. Eu tinha amigos lá, tinha os daqui, mas não era a mesma coisa” (Carolina).

Nesse caso, o aspecto da temporalidade da ausência certamente repercutiu de modo negativo em suas relações de amizade, mas não teve o mesmo efeito nas relações familiares, que foram fortalecidas.

Já Caio passou por uma experiência distinta em relação ao apoio familiar no retorno: o interlocutor afirma que não o teve. Por outro lado, fundamental na sua readaptação e reintegração foi uma amizade específica com quem manteve contato ainda durante a imigração. Algum tempo após o seu regresso, ele teve uma oportunidade de trabalho

intermediada pelo amigo, que representou o início da reestruturação de sua carreira e a superação de sua fase depressiva:

O que me ajudou foi o lance desse trabalho, isso começou a me ocupar, comecei a ver um futuro aí, de voltar a estudar, trabalhar nessa área internacional, aí já tive mais segurança. Mas tudo isso foi porque eu conhecia ele. Se não fosse ele, eu não sei como eu estaria hoje... talvez eu teria voltado pra prótese (Caio).

Ao tratar sobre o retorno, Soares (2009) afirma que “verifica-se que os retornados, tanto quanto os arranjos familiares, ocupam posições estruturais basilares para a organização e sustentação dos sistemas de migração” (SOARES, 2009, p. 48). Tal situação se ilustra nos relatos de Marcos, cuja irmã emigrou para os EUA após ele ter retornado, devido às informações obtidas por meio da experiência e dos contatos dele no outro país.

Portanto, o próprio fenômeno do retorno organiza e justifica os deslocamentos demográficos, isto é, aqueles que retornam possuem uma função primordial para a continuidade dos fluxos migratórios. O autor ainda argumenta que, a despeito de categorias como sucesso ou fracasso do projeto migratório culminando no retorno – representativa de uma visão limitada a respeito das migrações internacionais, visto que há uma diversidade de projetos migratórios - o que se observa de modo recorrente nas experiências migratórias é o protagonismo das redes, sobretudo familiares, determinantes tanto para a emigração, como para o retorno à comunidade de origem. Nesse sentido, Fazito (2010) ressalta o papel estruturante das redes nos processos migratórios, visto que elas são fundamentais na “intermediação entre origem e destino” (FAZITO, 2010, p. 93), sobretudo pelo apoio dispensado ao retornado.

Para a discussão sobre redes sociais migratórias, é indispensável a compreensão da teoria construída por Castells (2006). O autor define sociedade em rede como:

Uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A rede é a estrutura formal. É um sistema de nós interligados (CASTELLS, 2006, p. 20).

Castells (2006) considera a sociedade em rede como o ponto de partida para a abordagem das questões sociais, políticas, culturais e econômicas da atualidade, sendo a tecnologia condição necessária para a sua estruturação. A novidade nessa sociedade emergente não seria a informação ou o conhecimento disseminado, mas sim o fluxo informacional com uma base microeletrônica de redes tecnológicas, que transcende fronteiras:

Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia. Aquilo a que chamamos globalização é outra maneira de nos referirmos à sociedade em rede, ainda que de forma mais descritiva e menos analítica do que o conceito de sociedade em rede implica (CASTELLS, 2006, p. 18).

Fundamentando-se nas afirmativas de Castells (2006), as redes sociais migratórias são em grande parte viabilizadas e fortalecidas pela emergência da sociedade contemporânea, pelas possibilidades de difusão e de circulação das informações entre os agentes e as instituições nelas inseridos, de modo a sustentar os fluxos migratórios internacionais entre sociedades de origem e de destino.

Perante os desafios de sua imigração, além de considerar como um sofrimento temporário, Larissa afirma que a comunicação diária, em especial com a mãe, a ajudava a enfrentar os obstáculos cotidianos e fazia aumentar cada vez mais o desejo pelo regresso. Ela conta que “se dava ao luxo” de gastar com as ligações, o momento que ela contava sobre as suas experiências e também se inteirava sobre os acontecimentos no Brasil, considerando este como o seu “momento de lazer”.

Eu sentia necessidade, era com o que eu mais gastava. A comunicação de lá é muito fácil, eu comprava um cartão igual cartão telefônico, um euro você falava uma hora. Eu ficava uma hora, até acabar mesmo a ligação e desligar. Todos os dias eu ligava pra ela. Não ficava sem falar com ela de jeito nenhum [...] E a internet não era assim igual hoje, igual *Whatsapp*... na época tinha Orkut. Isso já mudou bastante hoje. Naquela época eu já achava que falar era fácil, hoje então... deve ser mais fácil ainda com tudo isso aí que a gente tem a disposição (Larissa).

Já Carolina explica que, durante seu período no exterior, as tecnologias de comunicação desenvolveram-se enormemente, e, por conseguinte, as formas de contato com as pessoas que haviam permanecido no Brasil acompanharam essas transformações: “Quando eu fui era mais por telefonema, então eu normalmente que ligava porque ligação internacional de lá era bem mais barato do que daqui. E depois com internet e as facilidades dela, a gente fazia vídeo conferência sempre que dava, né?!” (Carolina). Em determinado momento, porém, apenas a comunicação por meio dos recursos tecnológicos disponíveis não supria a necessidade de estar presente na terra natal: “A cada vez que a gente falava, batia mais saudade do país, da família, do clima. Mesmo que nos EUA eu tivesse uma vida muito boa, eu quis voltar” (Carolina).

Igualmente, Marcos afirma que manter o contato com quem estava no Brasil era muito

simples: “Colocava dez dólares e dava pra quase que uns vinte dias e aí, nos meus intervalos, eu parava pra ligar e conversava quase uma hora”. Essa foi a forma encontrada para suprir uma necessidade emocional, uma vez que ele encontrava-se apenas imerso em suas atividades laborais, com relações sociais superficiais, onde não havia espaço para fraquezas, carinho e atenção em um contexto marcado pela impessoalidade e ausência de “calor humano”.

É interessante observar que, embora ausentes, os interlocutores buscaram se fazer presentes em suas sociedades de origem por meio da comunicação com pessoas consideradas essenciais, de grande valor em suas vidas. Não por acaso, são essas mesmas pessoas que os auxiliaram na empreitada da nova emigração ou no movimento de retorno ao Brasil.

Além das redes migratórias de caráter informal, destacam-se as redes formais, ou políticas oficiais de apoio ao migrante retornado. No contexto desta pesquisa, iremos focar nos esforços do Ministério das Relações Exteriores (MRE), do Ministério do Trabalho (MTE), do Ministério da Previdência Social (MPS) e da Organização Internacional para as Migrações (OIM), que atuam de modo a auxiliar e a orientar imigrantes retornados para reinserção no mercado de trabalho e para reconstrução de suas vidas uma vez tendo regressado ao Brasil.

Em 2010, o MRE elaborou a Cartilha Guia de Retorno ao Brasil – Informações úteis sobre serviços e programas de acolhimento, com o objetivo de facilitar e de orientar a reinserção dos imigrantes retornados na sociedade e no mercado de trabalho brasileiro. A Cartilha elenca os programas e serviços que podem ser utilizados pelos retornados em diversas áreas, como saúde, educação, trabalho e moradia. Entre os serviços, destacamos os Postos Avançados de Atendimento Humanizado aos Migrantes, focados em acolher e atender migrantes em situação de vulnerabilidade (BRASIL, 2010). Os postos prestam informações em relação aos direitos e aos deveres dos imigrantes, além de encaminhá-los para os demais serviços da rede de atendimento.

Conforme destacado por Silva (2013) sobre a Cartilha, “pretendeu-se, com essa iniciativa, fazerem chegar ao exterior informações sobre entidades e programas no Brasil das quais muitas vezes a comunidade brasileira não tem conhecimento” (SILVA, 2013, p. 301) e, dessa maneira, beneficiar brasileiros que retornam do exterior.

Ainda, o MRE, em parceria com órgãos governamentais e não governamentais, instalou centros permanentes de apoio no Brasil: os núcleos de apoio a imigrantes retornados, em que se destaca o Núcleo de Informação e Apoio a Trabalhadores Retornados do Exterior – NIATRE. No exterior, o MRE, em parceria com o MTE, administra centros de apoio responsáveis por orientar os trabalhadores migrantes no exterior, sobretudo aqueles que

planejam retornar ao Brasil. O Itamaraty promove eventos como a Semana do Trabalhador no Exterior, com o objetivo de orientar os imigrantes brasileiros no exterior sobre o mercado nacional de trabalho, os programas governamentais de apoio ao retorno, os cursos de capacitação e de fornecer, para aqueles que desejam permanecer no país de destino, informações trabalhistas e direitos nos países onde residem (SILVA, 2013).

Em 2013, foi lançado pelo MRE o sítio eletrônico Portal do Retorno, que disponibiliza informações diversas aos brasileiros que desejam retornar. Constatam no site informações centralizadas sobre providências documentais antes e depois do retorno, volta ao mercado de trabalho brasileiro, empreendedorismo, finanças, previdência social, educação, assistência psicológica, saúde e serviços de apoio disponíveis aos retornados.

Em relação aos mecanismos institucionais de apoio, Silva (2013) afirma que as informações por eles disponibilizadas são fundamentais para os brasileiros que retornam, já que a readaptação ao próprio país configura-se em um desafio compatível com aqueles encontrados durante a estadia no exterior. Por isso, o MRE compromete-se em mapear e divulgar serviços e projetos no Brasil que podem contribuir para a reintegração dos retornados.

Além do Portal do Retorno, o Itamaraty mantém o portal Brasileiros no Mundo, cujo objetivo é promover e expandir o diálogo entre o MRE e comunidades brasileiras no exterior, compartilhando informações sobre ações do governo local que sejam de interesse dos brasileiros residentes fora do país. O site compila uma variedade de conteúdos, como a listagem de associações brasileiras no exterior, calendário de eventos e festas comunitárias, cartilhas com informações sobre assistências consular e jurídica, tráfico de pessoas, educação, saúde, orientações para o trabalho no exterior, acordos bilaterais de previdência social, remessas e retorno ao Brasil, dentre outros temas relevantes.

A OIM, por sua vez, oferece mecanismos de apoio que buscam promover a reintegração do imigrante retornado em seu país de origem, a partir de serviços e assistência para facilitar sua inserção no mercado de trabalho, de ajuda para o desenvolvimento de pequenos negócios e para participar de atividades de formação e capacitação (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2012a). Um dos principais é o Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração (PRVR), cujos beneficiários são, em geral, grupos vulneráveis, como crianças e adolescentes não acompanhados, pessoas com necessidades especiais por motivos de doença, imigrantes irregulares, solicitantes de refúgio que tiveram o pedido negado ou retirado e vítimas de tráfico humano (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2012b). Seu objetivo

central é tornar o retorno sustentável e possibilitar ao imigrante a plena reintegração à sua terra natal. Ainda, a OIM busca auxiliar, além dos retornados, as comunidades de origem desses migrantes, de forma a combater os fatores que levam à migração irregular.

O apoio da OIM é fornecido tanto no país de destino, quanto no país de origem dos imigrantes que pretendem regressar. No primeiro, são desenvolvidas atividades de disseminação de informações e de sensibilização sobre o PRVR a partir de articulação local, envolvendo associações e organizações de migrantes, organizações não governamentais (ONGs), autoridades, embaixadas e serviços públicos, além da coleta de informações sobre os países de origem e mapeamento das diásporas (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2012b). Essa divulgação também inclui “a organização de materiais audiovisuais e impressos (histórias de retorno e de reintegração) para fornecer diretamente aos imigrantes as informações sobre as experiências, as condições para o retorno e a reintegração no país de origem” (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2012a, p. 2), inclusive por meio de canais de comunicação voltados a grupos minoritários de diversas nacionalidades em países de imigração.

Ademais, a Organização oferece serviços de aconselhamento individualizado, identificando e avaliando as necessidades desses imigrantes para que seu retorno e reintegração sejam, de fato, facilitados e sustentáveis. A OIM organiza a viagem e, em trânsito, fornece assistência e acompanhamento, se necessário. Já nos países de origem, os serviços da OIM envolvem:

Apoio para constituir uma atividade própria, apoio para a educação e/ou atividades de formação, busca por emprego, assistência relacionada com a saúde, alojamento temporário através de uma análise que é feita caso a caso e acompanhamento/monitoramento do processo de reintegração, para avaliar o desempenho do programa da OIM, bem como o impacto do apoio à reintegração para a vida dos retornados, suas famílias e comunidades (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2012a, p. 2).

É importante ressaltar que, além da OIM, outras instituições parceiras estão envolvidas no PRVR, em nível local nos países de origem, para assegurar a sustentabilidade do retorno e a reintegração dos imigrantes. No caso específico dos brasileiros retornados de Portugal, que chegaram a ser 90% dos solicitantes de apoio do PRVR no país, em 2013 (FERNANDES et al., 2013), há no Brasil uma rede local de parceiros constituída por ONGs nos principais estados em que há retornados deste país europeu: Goiás (Projeto Resgate), Minas Gerais (Centro de Informação e Assessoria Técnica – CIAAT) e São Paulo (Associação Brasileira de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude – ASBRAD). A função dessas ONGs é

“acompanhar a implementação dos planos de reintegração, tendo a missão de compartilhar com a OIM o andamento dos processos e, por isso, possuem um papel muito importante na estratégia de monitoramento” (FERNANDES et al., 2013, p. 19).

Por parte do Ministério do Trabalho, destacamos o Portal Mais Emprego, que fornece uma possibilidade de interação dos trabalhadores e empregadores com as políticas governamentais brasileiras de trabalho e emprego (SILVA, 2013, p. 302). Além disso, o portal é uma ferramenta que permite aos brasileiros residentes no exterior avaliar a possibilidade de retornar ao Brasil, considerando a sua futura reinserção laboral, a partir das oportunidades de emprego e de qualificação divulgadas pelo site. Silva (2013) considera que absorver a mão de obra brasileira que teve uma experiência migratória internacional é muito interessante para o empresariado, devido à experiência acumulada no exterior, bem como o conhecimento em idiomas estrangeiros.

O MPS mantém junto ao MRE os Acordos Internacionais de Previdência Social, que “tem por objetivo garantir os direitos de seguridade social previstos nas legislações dos dois países aos respectivos trabalhadores e dependentes legais, residentes ou em trânsito no país” (BRASIL, 2016a). O Brasil possui acordos multilaterais e bilaterais com diversos países, a partir dos quais os brasileiros podem contribuir para a Previdência Social mesmo estando no exterior, o que auxilia tanto os imigrantes que pretendem se estabelecer definitivamente nos países de destino quanto aqueles que pretendem regressar.

Por último, destacamos o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e instância de articulação das políticas migratórias brasileiras. O CNIg, criado pela Lei nº 6815 de 15 de agosto de 1980, tem caráter consultivo e normativo e é composto por representantes governamentais, por empregadores e trabalhadores, constituindo-se em um importante meio de diálogo, sobretudo em relação à migração laboral no Brasil. Uma das principais iniciativas do CNIg é o Fórum de Participação Social (FPS), instituído em novembro de 2015 como um “espaço consultivo, permanente e virtual” (BRASIL, 2016e, p. 1).

O objetivo do FPS é “promover e ampliar o diálogo entre o CNIg e a sociedade civil a fim de propiciar subsídios para a construção de políticas migratórias no Brasil” (BRASIL, 2016d). Para tanto, foram estabelecidos sete eixos de discussão para orientar o trabalho do Fórum no I Diálogo com a Sociedade Civil, dentre os quais destacamos o “Eixo 7 - Emigração e trabalhadores e trabalhadoras retornados/as” (BRASIL, 2016d). O Ministério do Trabalho explica que ao retornar, os brasileiros deparam-se com uma realidade desconhecida no próprio país. Por essa razão, esse grupo:

Tem a necessidade de reinserção social, no mercado de trabalho, se deparam com um choque cultural [...] entre outros elementos, o que faz com que o seu recomeço no Brasil não seja simples como havia imaginado. São necessárias políticas públicas de acompanhamento a estes migrantes brasileiros que retornam ao Brasil (BRASIL, 2016d).

O I Diálogo com a Sociedade Civil do Fórum foi planejado para acontecer em duas etapas, uma virtual e outra presencial. A etapa virtual, realizada a partir da criação de grupos virtuais divididos por eixos temáticos nos quais os participantes foram convidados a enviar e discutir propostas, teve início em maio de 2016 e se encerrou em 15 de junho do mesmo ano. De acordo com o MTE, foram recebidas, nessa etapa, 183 propostas de 332 representantes da sociedade civil para a formulação de políticas migratórias no Brasil. A etapa presencial aconteceu junto ao Fórum Social Mundial das Migrações, no dia 05 de novembro de 2016, na cidade de São Paulo, onde foram debatidas diversas questões sobre as migrações e o trabalho dos imigrantes, além da discussão sobre o aprimoramento de políticas migratórias e meios para ampliar o diálogo social na referida pauta (BRASIL, 2016e, p. 2).

No que diz respeito aos resultados da discussão sobre Eixo 7, as principais propostas estão elencadas no quadro abaixo:



### Quadro 3 – Propostas do Eixo 7 – Emigração e trabalhadores e trabalhadoras retornados/as

<b>1</b>	<p>Criar políticas públicas e núcleos de apoio nas três esferas de poder voltados aos brasileiros e imigrantes retornados, especialmente crianças e jovens em idade escolar e mulheres. Com atividades, dentre outras:</p> <p>1) Facilitar a reinserção econômica e produtiva dos brasileiros e imigrantes retornados - como cursos de capacitação e técnicos, educação continuada, qualificação profissional, incubadoras econômicas e sociais para empreendimentos, microcrédito produtivo e orientado, criação de mecanismos de incentivo às empresas locais para contratação;</p> <p>2) facilitar a reinserção cultural e afetiva ao país por meio de um acompanhamento inicial e tratamento psicológico, quando necessário, pelo núcleo nos diversos campos da área social (por exemplo, o acesso a tratamentos de saúde, matrícula de crianças adolescentes e adultos às instituições de ensino, a revalidação de títulos, diploma e histórico escolar e reconhecimento de experiência laboral, questões de ordem previdenciária, entre outros).</p>
<b>2</b>	Articular as bases de informações existentes em órgãos públicos de forma a contribuir na elaboração de estudos que permitam conhecer a realidade da imigração e a emigração internacional.
<b>3</b>	Articular as bases de informações existentes em órgãos públicos de forma a contribuir na elaboração de estudos que permitam conhecer a realidade da imigração e a emigração internacional.
<b>4</b>	Possibilitar a anistia para o tempo trabalhado fora do Brasil, a partir do pagamento uma parcela mínima como contribuição previdenciária, relativo ao período de residência no exterior, para que não percam o tempo de trabalho.
<b>5</b>	Fortalecer o papel do CNIg junto ao MRE para dar continuidade ao encontro Brasileiros no Mundo.
<b>6</b>	Reeditar, com atualizações, o Guia "Brasileiras e Brasileiros no Exterior" - Informações Úteis", com destaque para informações sobre o sistema previdenciário, e disponibilizar amplamente, de maneira que efetivamente chegue às mãos das pessoas brasileiras emigrantes e imigrantes.
<b>7</b>	Propor ao Congresso um espaço para um representante eleito nos encontros dos Brasileiros no Exterior, para relatar a situação dos Brasileiros no exterior e apresentar as demandas dos brasileiros emigrantes.
<b>8</b>	Promover tratados bilaterais para regularização migratória.
<b>9</b>	Realizar parcerias entre os vários ministérios para prover informações diversas que sejam divulgadas na Casa do Trabalhador Brasileiro.
<b>10</b>	Propor parcerias com todos os órgãos governamentais que trabalham com a identificação para facilitar a atualização de todos documentos no exterior.
<b>11</b>	Criar um serviço de ouvidoria para avaliar os serviços dos consulados brasileiros nos países.
<b>12</b>	Intercâmbio de professores com os países de migração brasileira
<b>13</b>	Fortalecer a Casa do Trabalhador Brasileiro de forma que trabalhe em rede com outras instituições da sociedade civil que atuem no apoio aos imigrantes para disponibilizar informações sobre, entre outras coisas: aspectos do mercado de trabalho brasileiro, previdência, tráfico e contrabando de pessoas, SUS, serviço militar, oportunidade de concursos públicos, assistência de saúde para brasileiros no exterior, promover a língua e a cultura brasileira, disponibilizar listas e formas de acesso aos acordos bilaterais e multilaterais de previdência social, regularização dos documentos brasileiros em geral, em parceria com o MRE e outros ministérios promover e organizar a semana do trabalhador brasileiro e previdência social, facilitar o envio de remessas do exterior para o Brasil e alertar sobre eventuais problemas no envio por vias irregulares.

Fonte: (BRASIL, 2016e, p.19).



Diante do exposto, observamos que o Fórum de Participação Social do CNIg, com a proposição de iniciativas voltadas aos imigrantes retornados, apresenta a finalidade de operar como um mecanismo formal de apoio ao retorno no projeto migratório, por meio do diálogo com a sociedade civil, sobretudo com seu público-alvo. Tais mecanismos se constituem e se perpetuam através do estabelecimento de redes migratórias, ampliadas e difundidas cada vez mais pelo novo formato de organização da sociedade em rede. A difusão nada mais é do que o processo pelo qual ideias, experiências e inovações são comunicadas através de canais criados por determinados atores a fim de compartilhar informações com algum objetivo em comum (ROGERS, 1983), importantes nas tomadas de decisão e redução de incertezas no processo de imigração.

A nova organização social representada pela sociedade em rede e, por sua vez, associada ao surgimento de um paradigma tecnológico de informação e comunicação, parece ter conferido um novo caráter às redes migratórias. De acordo com Castells (2006) “a estrutura social de uma sociedade em rede resulta da interação entre o paradigma da nova tecnologia e a organização social num plano geral” (CASTLES, 2006, p. 17). A novidade, nesse contexto, é a base microeletrônica em que redes tecnológicas oferecem novas competências a uma já conhecida forma de organização social, que são as redes; e nesse contexto, as redes migratórias.

Ainda, observamos que as instituições que trabalham com iniciativas de apoio ao imigrante internacional de retorno, notadamente o MRE, o MTE, o MPS e a OIM, fazem uso da tecnologia, principalmente da internet, para divulgação e realização de suas atividades com o objetivo de alcançar o seu público alvo/ beneficiários.

Consideramos que essas instituições são atores (nós) das redes migratórias, cuja função é oferecer suporte ao imigrante que pretende retornar. Através dos laços entre indivíduos e instituições e da possibilidade de difusão de informações, expandida pela sociedade em rede e suas tecnologias, os imigrantes e essas instituições podem se conectar, de modo que tornaria-se possível acompanhar e apoiar o imigrante na concretização de seu retorno, na reintegração social e laboral no Brasil.

Não obstante, questionamos o real alcance das iniciativas apresentadas, tendo em vista que nossos interlocutores, para o regresso ao Brasil, não utilizaram nenhum auxílio formal, apenas consideraram suas redes informais, com relevância às relações de parentesco. Especialmente, tivemos dois interlocutores, Larissa e Raul, em situação de vulnerabilidade, que demandavam maior atenção e, ainda assim, o apoio da rede formal não foi considerado,

eles sequer conheciam essa possibilidade.

Isto posto, fazemos uma reflexão: por mais que os programas oficiais de apoio existam e sejam divulgados no contexto da sociedade em rede, pode ser que haja um abismo entre seu público-alvo e as instituições que prestam tal suporte, levando-nos a pensar que muitos brasileiros podem estar em situação precária no exterior, sem condições de retorno e, ao mesmo tempo, não tem conhecimento de possibilidades de apoio tanto para a viagem de volta, como para o reestabelecimento satisfatório e sustentável no Brasil. Ainda, mesmo que alguns não se enquadrem em situação de vulnerabilidade, os retornados indubitavelmente enfrentam dificuldades no que diz respeito à readaptação e à reinserção no Brasil. Assim, consideramos que o aprimoramento e a assistência de tais políticas específicas são desejáveis e necessários para todos os públicos.

## **5 IDENTIDADES EM OBRA NOS PERCURSOS MIGRATÓRIOS NO CONTEXTO DO RETORNO AO BRASIL**

Na análise de processos de migração internacional, o debate sobre identidades faz-se presente, principalmente, no que diz respeito à introdução e à reação dos sujeitos sobre as diferenças, especialmente culturais, percebidas nos contatos interculturais. Segundo Geertz (1989), as identidades são construídas a partir das diferenças, portanto, são interdependentes e marcadas por sistemas de representação, por sua vez, fundados pelas diversas culturas como formas de classificar e dar sentido ao que acontece no nosso entorno e no mundo. As diferenças, de acordo com Barros (1993):

Constituem um dado positivo, que não deve ser dissipado, pois é constitutivo das relações entre os sujeitos e das relações entre as culturas. As diferenças deixam de sugerir, como em outras perspectivas teóricas, os limites de uma determinada cultura quando defrontada a outra e passam a indicar, por um lado, a multiplicidade de contextos e, por outro, a diversidade de percepções e concepções no interior e na relação entre estes diferentes contextos (BARROS, 1993, p. 9).

Dessa maneira, consideramos que a inserção de imigrantes internacionais nas sociedades de acolhida, marcada por uma multiplicidade de fatores e de diferenças culturais, e no Brasil, no momento de retorno, representa um rico contexto para os estudos sobre cultura, processos identitários e representações sociais produzidas por esse fenômeno social, ora nosso objeto de pesquisa.

### **5.1 Diferenças e identidades nas experiências migratórias**

A identidade enquanto um fenômeno social refere-se a processos de vinculação social, cultural, étnica, nacional, dentre outros, dos sujeitos a determinados grupos, contextos e situações. Assim, apresenta um caráter consciente que se baseia em oposições simbólicas e em processos de diferenciação (CUCHE, 1999). Devido à relação estreita que compartilham, as identidades e as diferenças são “atos de criação” (SILVA, 2014, p. 76), isto é, são produzidas, construídas ou criadas por meio de interações sociais e culturais.

Nessa perspectiva, conforme Damatta (1986), a construção de identidades sociais é equivalente à construção de sociedades, sendo realizada por meio de “afirmativas e de negativas diante de certas questões” [...] [que envolvem, por exemplo] leis, ideias relativas à família, casamento e sexualidade; dinheiro; poder político; religião e moralidade; artes;

comida e prazer em geral [...] (DAMATTA, 1986, p. 12). Em posse de tais informações, torna-se possível captar quem as pessoas são e, conseqüentemente, compreender a sociedade em que elas inserem-se:

Descobrir como as pessoas se posicionam e atualizam as ‘coisas’ desta lista, você fará um ‘inventário’ de identidades sociais e de sociedades. Isso lhe permitirá descobrir o estilo e o ‘jeito’ de cada sistema. Ou, como se diz em linguagem antropológica, a cultura ou ideologia de cada sociedade. Porque, para mim, a palavra cultura exprime precisamente um estilo, um modo, e um jeito, repito, de fazer as coisas (DAMATTA, 1986, p. 12).

Em prosseguimento, a identidade e a diferença também podem ser consideradas como criações linguísticas, além de sociais e culturais, sobretudo pela dinâmica de afirmações e de negações propiciadas pelas estruturas da linguagem.

É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais. A definição da identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais (SILVA, 2014, p. 76).

Observamos que a língua em si caracteriza-se como um sistema de diferenças e de significações, importante ressaltar que de caráter instável, a partir dos quais atribuímos sentidos às nossas experiências, construindo e negociando identidades.

Dois correntes de pensamento sobre identidade se sobressaem: a essencialista, que considera identidade como um “conjunto atributivo objetivo, natural, essencial, a-histórico; e a relacional-estratégica, que pensa a identidade como um processo negociado em permanente construção e reconstrução [...] (SANTOS, 2010, p. 30). Nas duas visões consideramos que a identidade é relacional, pois sua existência implica um cenário sociocultural onde as pessoas estão inseridas e realizam suas práticas cotidianas.

Seguindo esse ponto de vista, Cuche (1999) questiona abordagens puramente objetivas ou subjetivas da identidade, fazendo emergir a concepção relacional e situacional, sobre a qual ele afirma, referenciando Frederick Barth:

A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais (CUCHE, 1999, p. 182).

Em tal processo construtivo, a alteridade é uma constante, uma vez que identidades não existem sozinhas, mas sempre em relação dialética a outras. Assim, identificação e

diferenciação são processos sociais, além de interdependentes, simultâneos, e se tornam evidentes notadamente nos casos que analisamos, no contexto da imigração internacional de retorno.

Por meio do contato com novos elementos e do estranhamento inicial, os sujeitos podem incorporar ou negar os novos hábitos e costumes, mas, de toda forma, trata-se de posicionamentos individuais baseados nos interesses, dificuldades e negociações. Suas identidades são continuamente construídas e negociadas de forma relacional; a identidade é flexível e móvel, de acordo com as situações e contextos em que o sujeito se insere, por exemplo, no trabalho, na família, nas relações de amizade, na escola/faculdade, e nos eventos sociais formais e informais, tanto no país de origem quanto no de destino.

Observamos essas afirmativas nos depoimentos de Larissa. Conforme sua percepção, as pessoas na Espanha (país de destino) tinham um padrão de comportamento distinto do praticado no Brasil. Em suas palavras:

É um lugar... pra lá é triste, sabe, não é alegre igual aqui. As pessoas não tem amizade uma com a outra, as pessoas não tem aquele negócio de chegar, cumprimentar, abraçar, isso é coisa de brasileiro mesmo, eles não tem esse negócio de ficar um na casa do outro, de fazer festa igual aqui. Lá é muito assim, cada um vive a sua vida e pronto. [...] As pessoas lá, pelo menos na lha (Menorca), não tem higiene, elas não tomam banho, elas não escovam os dentes, são fedorentos mesmo, muito fedidos mesmo. Eles não tem assepsia nenhuma (Larissa).

No caso dela, os costumes relacionados à limpeza e higiene, à cordialidade e à atenção foram realçados como elementos positivos e importantes marcadores da identidade nacional. Seu relato consiste no apontamento de diferenças culturais, o que marca a identidade brasileira em relação à espanhola, processo em que a alteridade é evidenciada.

Como elucidada Silva (2014), afirmar ser brasileiro, por exemplo, corresponde a uma série de negações sobre o pertencimento a outras nacionalidades, ao mesmo tempo em que são reconhecidas outras identidades possíveis: “As afirmações sobre diferença só fazem sentido em sua relação com as afirmações sobre a identidade” (SILVA, 2014, p. 75). Portanto, identidades e diferenças são inseparáveis e mutuamente determinadas.

Em suas narrativas, a interlocutora Larissa ressalta que tinha o sentimento de não pertencer ao país de destino, em decorrência da discriminação sofrida na condição de imigrante:

Lá você tem uma discriminação muito grande, as pessoas nem olham na sua cara. Quando olham, é pra xingar. Todo mundo acha que você vai lá pra prostituição [...] De você ir no supermercado você já é discriminada. Por exemplo, todo mundo é

atendido antes de você, eles passam gente na sua frente e te atendem depois, entendeu? Então assim, não é nada do que eu pensava (Larissa).

Isto posto, nossa sentia-se excluída nos mais diferentes lugares que frequentava em seu dia a dia. Freitas e Dantas (2011) argumentam que tal exclusão, em vistas de preconceitos, é decorrente de coberturas midiáticas sobre a presença de estrangeiros, bem como dos desafios desencadeados pelos fluxos migratórios. Elas “forjam um debate sobre imigração concentrado primordialmente em efeitos sociais e econômicos indesejados, no desenho de novos mecanismos legais de controle de estrangeiros e no fechamento de fronteiras” (FREITAS; DANTAS, 2011, p. 601). Dessa forma, o estrangeiro passa a ser visto e a ser tratado como uma ameaça.

Considerando esse contexto, identificamos uma situação parecida nos relatos da entrevistada Carolina, que expôs uma experiência desagradável vivenciada nos EUA. Por estar no país em situação privilegiada em relação à Larissa, já que era imigrante legal, Carolina explica que, de forma geral, sentia-se bem tratada e bem recebida pelos americanos. Por outro lado, na ocasião dos atentados de 11 de setembro de 2001, ela sofreu discriminação: “Na semana seguinte, quando fui fazer ginástica, eu entrei e tinha algumas senhoras idosas lá e elas estavam comentando que o problema do país era a imigração, apontando pra mim”. Na interpretação da entrevistada, tal hostilidade foi decorrente de sua condição de imigrante. Freitas e Dantas (2011) apontam que, mesmo com o processo de globalização, as sociedades utilizam mecanismos de defesas que, de certa forma, parecem blindar as identidades, levando em conta aspectos como território, nacionalidade, etnia, que podem gerar discriminação e preconceitos: “É como se, no meio do movimento da globalização, houvesse um retorno da importância do local e do regional, que, se fortalece vínculos identitários, também pode engendrar mecanismos de defesa em forma de racismo, indiferença e negação do outro” (FREITAS, DANTAS, 2011, p. 604).

São ocorrências delicadas e, ao mesmo tempo, graves como a encarada por Carolina que os imigrantes, por vezes, enfrentam em seus percursos. O estrangeiro pode ser visto pelos locais como um intruso, um invasor e, como reação, devido à percepção de medo ou ameaça nas sociedades de destino, pode gerar indiferença e negação em relação a sua presença, marcando limites entre uns e outros, reforçando e retroalimentando as identidades, constituídas por relações de hierarquia e de poder:

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica

dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder (SILVA, 2014, p. 82).

Na experiência de Larissa, essa distinção entre os imigrantes e os nativos é clara, bem como a classificação hierárquica entre imigrantes regulares e irregulares. Nas condições em que a entrevistada encontrava-se, ela era privada de participar em redes de sociabilidade, não só por parte de outras pessoas como também por opção dela, dado a desconfiança, inclusive em relação aos brasileiros, que segundo afirma, “eram os piores. O melhor era correr de brasileiros, porque brasileiros lá fora só queriam acabar com a vida um do outro, então eu procurava nem ir em lugar nenhum lá” (Larissa). Ela explica que não fez amizades na Espanha, mas sim contatos, que eram importantes para ajudá-la a conseguir trabalho. Dessa maneira, ela deslocava-se de uma cidade a outra da Espanha, condicionada pelas oportunidades de trabalho que apareciam.

Notamos resistência similar perante os brasileiros imigrantes nos EUA nas narrativas de Marcos: “Se eu chego lá, eles ficam suspeitando de mim. Como eles estão há mais tempo, eles ficam com medo de você conseguir as coisas e eles não. Tem uma rivalidade entre os próprios brasileiros” (Marcos). Todavia, por trabalhar em ambientes onde os conterrâneos predominavam, o afastamento nem sempre era possível, tanto que o interlocutor afirma não ter aprendido a se comunicar em inglês.

Ainda, em sua percepção e a partir de suas experiências, Marcos afirma que os americanos mostravam-se solidários e educados, por exemplo, ao pararem o carro para o pedestre atravessar a rua e ao oferecer ajuda material e apoio emocional no caso de um incêndio residencial sofrido pelo interlocutor, enquanto os brasileiros “não queriam ver outros brasileiros se dando bem”, claramente marcando oposições simbólicas entre os grupos em interação. Devido a esses impasses e ao distanciamento do ambiente familiar e de conforto afetivo, o interlocutor revela:

Eu me sentia longe, porque quando eu parava pra poder tomar uma cerveja ou almoçar, aí vinha na cabeça da gente: queria tanto que o meu irmão estivesse aqui, aquele amigo, a minha mãe... queria tanto que eles tivessem aqui pra compartilhar esse momento comigo, porque lá você rala, rala, mas eu, por exemplo, tinha a praia do lado de casa, a coisa mais linda e maravilhosa e às vezes eu queria compartilhar com alguém, mas não podia. Não tinha como levar todo mundo que eu queria que estivesse lá (Marcos).

Para atenuar esse sentimento, Marcos fazia questão de manter a comunicação com os entes queridos no Brasil, assim como outros de nossos entrevistados. Não obstante, estando

nos EUA, ele mantinha com os lá residentes apenas o relacionamento necessário das interações cotidianas. Essa mostrou-se presente nos depoimentos de nossos interlocutores. Vejamos a fala de Caio:

Lá [no Canadá] eu não participava dos meios, lugares muito frequentados por brasileiros, eu não gostava [...] porque nem sempre os brasileiros fora se ajudam muito, sabe, eu percebi isso demais. Tinha muita briga, as pessoas se incomodavam se você tava se dando bem [...] eu escutei umas histórias nada positivas também, de gente pisar na bola com os outros. Então foi uma decisão. Eu não quis participar disso lá, até porque se eu ficasse junto com brasileiros só não ia aprender nada de novo (Caio).

Ainda que o contato e o relacionamento com outros brasileiros residentes no exterior pudesse ser uma forma de diminuir o sentimento de “saudade de casa”, da família e do Brasil, recorrente nos relatos dos três colaboradores (Larissa, Marcos e Caio), esse não foi o meio utilizado para solucionar tal problemática, tendo em vista a desconfiança de nossos entrevistados em relação aos brasileiros, o que pode indicar que no exterior o traço de identidade “malando e esperto” do brasileiro torna-se mais evidente. Para Damatta (1986), “O malandro [...] é uma personagem nacional. É um papel social que está à nossa disposição para ser vivido no momento em que acharmos que a lei pode ser esquecida ou até mesmo burlada com certa classe ou jeito” (DAMATTA, 1986, p. 70). Assim, podemos refletir que esse modo de agir talvez seja a estratégia encontrada por alguns imigrantes brasileiros em meio aos desafios da vida no exterior.

Sobre o sentimento de saudades e tomando como referência as experiências dos nossos entrevistados, propomos uma articulação com a discussão feita por Damatta (1986) sobre “o mundo da casa e o mundo da rua” (DAMATTA, 1986, p. 15), em que a casa representa, além de sua dimensão propriamente física como local de moradia, um espaço fraterno, seguro, familiar e tranquilo. Segundo o autor:

Como espaço moral importante e diferenciado, a casa se exprime numa rede complexa e fascinante de símbolos que são parte da cosmologia brasileira, isto é, de sua ordem mais profunda e perene. Assim, a casa demarca um espaço definitivamente amoroso onde a harmonia deve reinar sobre a confusão, a competição e a desordem” (DAMATTA, 1986, p. 19).

Então, é possível pensar a “saudade de casa” como referência aos sentimentos de aconchego, de amor e de proteção, que parecem estar ausentes na trajetória dos imigrantes, fazendo-lhes falta na vida no exterior.

A rua, por sua vez, é marcada pelo movimento e fluxo de pessoas e pela competição, por ser um espaço de luta, análogo à “dura realidade da vida” (DAMATTA, 1986, p. 20). Dessa maneira, a rua mostra-se como um lugar perigoso, onde não se observam os sentimentos que definem a casa, tais como “amor, consideração, respeito e amizade” (DAMATTA, 1986, p. 20). A rua é marcada, ainda, pela complexidade do trabalho, sobretudo devido às relações conflituosas entre patrões e empregados, lembrando-nos do passado brasileiro de trabalho escravo. Em suma, é destacado sobre os dois espaços opostos: “Um universo ou abismo que passa pela construção do espaço da casa, com seu aconchego e sua rede imperativa de relações calorosas, e o espaço da rua, com seu anonimato e sua insegurança, suas leis e sua polícia” (DAMATTA, 1986, p. 12).

Isto posto, podemos fazer uma analogia entre os espaços discutidos – casa e rua – e a vida levada por imigrantes, sobretudo indocumentados, alguns em situação precária, nos países de destino. Pela situação de ausência de laços pessoais sólidos e dos sentimentos de confiança e de fraternidade, descrita pelos interlocutores, ser imigrante equivale a estar constantemente no espaço da rua devido à competição e à desconfiança, inclusive entre os conterrâneos. Como consequência, os imigrantes por vezes expressam o desejo de voltar ao espaço da casa, naturalmente acolhedor e confortável, pelo menos em seus imaginários.

Alguns buscam formas de suprir essa ausência participando de encontros com brasileiros. Já para aqueles que evitam o relacionamento com brasileiros pelas razões já apresentadas, a estratégia encontrada consiste na preservação e fortalecimento de laços com os que ficaram no Brasil, principalmente os familiares – o principal ponto de apoio do retornado, até a concretização do regresso.

Nossa entrevistada Amanda, por outro lado, descreve sua convivência com brasileiros em Boston de maneira diferente dos relatos anteriores. No seu caso, as relações eram caracterizadas por união e solidariedade. Ao falar sobre sua chegada aos EUA, conta que existia uma regra implícita entre os brasileiros lá residentes de receber e oferecer o auxílio necessário aos recém-chegados:

Não está escrito em lugar nenhum, mas quando um brasileiro chega e ele é conhecido de alguém, os que já estão lá recebem aquela pessoa por um mês [...] depois é esperado que ela faça a mesma coisa, que ela receba alguém por um mês, caso tenha sido recebida. É muito interessante. Isso é algo que é conhecido por todo mundo que está na região (Amanda)

Essa situação exemplifica o sistema de dádivas, apresentado por Mauss (2007), representativo tanto da ideia de totalidade social, envolvendo os movimentos de dar, receber e

retribuir, considerados em conjunto, quanto da ideia de individualidade, considerando cada um desses elementos separadamente enquanto partes constituintes do todo.

Nota-se que a regra implícita de receber o recém-chegado é permeada por um aspecto simbólico que atua estruturando as relações sociais naquele contexto, não envolvendo apenas aspectos puramente utilitaristas e de interesse econômico. De acordo com Mauss (2007), mesmo que os movimentos de “dar, receber e retribuir” tenham caráter voluntário, existe um sistema de obrigações morais por detrás desses atos.

Ainda assim, existiria a liberdade dos membros de determinada coletividade – no caso, a comunidade brasileira em Boston – de negar essa dinâmica, recusando obrigações morais coletivas. Desse modo, passa a existir uma “incerteza estrutural no sistema de circulação de dádivas entre os homens” (MARTINS, 2005, p. 48). A recusa a não concluir o sistema de prestação total do ciclo “dar, receber, retribuir” é vista como renúncia à paz e então “recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra, é recusar a aliança e a comunhão” (MAUSS, 2007, p. 201-202).

No caso de Amanda, além da recepção do irmão e da prima já residentes nos EUA, ele recebeu o suporte de um brasileiro desconhecido, mas que soube que ela era recém-chegada:

Meu irmão tinha alugado um carro pra me buscar no aeroporto justamente dessa locadora que comecei a trabalhar. Quando ele foi devolver o carro, um brasileiro que nos atendeu e ele logo perguntou: ‘você tá recém-chegada, né?! Aqui de vez em quando contrata, se você tiver interessada eu posso te ajudar’ (Amanda).

Após certo período nos EUA e em busca de trabalho que lhe oferecesse a possibilidade de aperfeiçoamento do idioma, Amanda retornou à locadora de carros, agendou uma entrevista e conseguiu ser contratada, por intermédio do brasileiro que lhe havia oferecido ajuda. Esse gesto de solidariedade deveria ser retribuído em algum momento, como explica Martins (2007):

Um presente ou uma hospitalidade nunca se paga em moeda de mesmo valor, tampouco é retornada necessariamente no mesmo instante da ação (senão corre-se o risco de a ação ser interpretada como uma equivalência que levaria à ruptura da interação). Mas esse presente ou hospitalidade pode ser retribuído num outro momento mediante uma gentileza ou favor, fazendo circular a roda das práticas sociais e das experiências de vida entre os envolvidos (MARTINS, 2007, p. 54).

Isso foi constatado na história da informante, que, após alguns meses no país, já estava “do outro lado” da rede brasileira de apoio ao imigrante recém-chegado, como explica: “A gente ouvia muito falar de pessoas que estavam chegando e então organizávamos festas

pra receber essas pessoas além de buscar ajudar com o que fosse necessário e possível” (Amanda). Ela encontrava-se na posição de retribuir o suporte recebido, caracterizando a circularidade das trocas da dádiva entre os indivíduos inseridos nas relações sociais daquele contexto migratório.

Além do aspecto de solidariedade, Amanda destaca a presença marcante das diferenças em seu novo cotidiano, o que demandou adaptações a partir do entendimento da realidade local. Por exemplo, mesmo morando em uma pequena cidade do interior, ela tinha o hábito de andar na rua segurando a bolsa. Já nos EUA, no início dos anos 2000, ela percebeu que não haver a menção constante a assaltos, à violência e à insegurança e então aos poucos foi modificando esse costume, devido à sua inserção no novo contexto. Outro aspecto que lhe despertou a atenção foi o tratamento dispensado aos cadeirantes no transporte público:

Eu cheguei a ligar pra casa pra contar: mãe, eu acabei de ver um ônibus parar na minha frente, o motorista desceu, foi lá atrás dar um suporte pra uma cadeirante, colocou ela com o cinto, e aí a escada virou uma rampa, um elevador, subiu e todo mundo esperando pacientemente. Eu olhei aquilo e fiquei chocada e com vergonha das nossas atitudes no Brasil, às vezes o cadeirante tá no ponto e o ônibus passa direto. Mas acho que hoje isso já mudou um pouco (Amanda).

Esses são aspectos de estranhamento que surgem devido à inserção dos sujeitos em uma nova cultura, com seus sistemas de significados distintos daqueles conhecidos. Com o tempo, o imigrante passa a entender a razão das coisas acontecerem de determinada maneira naquele país e pode incorporar hábitos, costumes e modos de pensar e agir, ou então negá-los, conforme a situação social e o posicionamento pessoal, caracterizando uma constante construção e negociação de sua identidade no contexto em que está inserido.

Dos nossos interlocutores, Caio não considera ter passado por um choque cultural no Canadá, apesar de afirmar que teve de se adaptar aos modos de vida do país, o que pra ele não necessariamente representou uma dificuldade, mas um processo de observação e negociação:

Não tive um choque cultural, acho que foi adaptar mesmo. Alimentação foi o mais complicado, porque a forma deles de alimentar é diferente, principalmente depois que comecei a trabalhar. Quanto aos hábitos, muito pelo contrário, eu gostava muito. Eu observo muito isso, tentar perceber os hábitos locais e tentar aprender e vivenciar aquilo, então teve muita coisa que acho que foi benéfico, principalmente disciplina, alguns hábitos que a gente não tem aqui (Caio).

Percebemos em sua experiência um entrecruzamento entre os seus hábitos enquanto um brasileiro e o olhar atento para os hábitos canadenses. Assim, ocorreu a incorporação de

alguns deles ao seu cotidiano devido a um processo de hibridação das identidades, considerado comum quando elementos de duas ou mais culturas encontram-se em interação por meio de experiências migratórias, por exemplo. Conforme Silva (2014):

O hibridismo – a mistura, a conjugação, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças – coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas [...] A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas (SILVA, 2014, p. 87).

O hibridismo é intensificado pelo processo de globalização, marcado por intensas inovações tecnológicas e científicas. Segundo Hall (2005), trata-se de um “complexo de processos e forças de mudança” (HALL, 2005, p. 67), que provocam intensa circulação e fluxo de ideias, informações, moedas, pessoas, entre outros, por entre as fronteiras dos Estados. De tal modo, torna-se possível a constituição de identidades globalizadas que se distanciam de aspectos regionais e locais, ao mesmo tempo em que podem ser responsáveis pelo ressurgimento do ideal de uma identidade nacional coesa e fortalecida (HALL, 2005).

Tais processos dinâmicos de configuração cultural da sociedade e de produção de identidades são observados produzindo misturas culturais e produtos híbridos, pois “as pessoas participam de universos de discursos múltiplos, mais ou menos discrepantes, constroem mundos diferentes, parciais e simultâneos, nos quais se movimentam. A construção cultural que fazem da realidade não surge de uma única fonte e não é monolítica” (BARTH, 2000, p. 123).

Portanto, o hibridismo faz emergir identidades que mesclam elementos diversos com os quais os sujeitos têm contato ao longo de suas trajetórias de vida. São identidades construídas a partir de relações assimétricas de poder e, portanto, distintas das que lhe deram origem, embora contenham algumas de suas características. Oliveira (2006) denomina o conflito gerado pelo contato entre diferentes identidades de fricção interétnica, que origina um jogo identitário, em que os atores sociais envolvidos são capazes manipular suas identidades conforme as situações experimentadas.

Dessa maneira, discutir identidade é colocar em debate a cultura, meio em que as identidades são produzidas e contestadas. Cultura é um sistema de representações e valores característicos de uma sociedade, coexistindo várias subculturas, uma vez que todos os países contam com variados modelos de valores que orientam as atitudes e os comportamentos de seus agentes (CUCHE, 1999).

Ainda, é importante ressaltar que o conceito de cultura passou por transformações, acompanhando o desenvolvimento das sociedades. Inicialmente, pensava-se na cultura a partir de um caráter evolutivo e, posteriormente, baseada no “estilo de vida de um povo”. Essas concepções foram adequadas aos propósitos de uma época em que se buscava a representação de outros lugares do mundo, tarefa dos antropólogos. Assim, era objetivo desses profissionais estudar a cultura, baseando-se nas “formas distintas e características de fazer as coisas, cada uma de um modo individual” (GEERTZ, 2012, p. 41).

Não obstante, com o passar do tempo surgiram questionamentos a respeito dessa visão de cultura, sobretudo em relação à sua suposta homogeneidade e ao grau de compartilhamento de crenças, práticas e hábitos que uma população teria devido a sua cultura. Em vista de tais questionamentos, Barth (2000) expõe que o termo cultura, se considerado como sinônimo de holismo e de integração, seria duvidoso. Em relação ao trabalho empírico do antropólogo, Barth (2000) afirma que:

Somos treinados a suprimir os sinais de incoerência e de multiculturalismo encontrados, tomando-os como aspectos não-essenciais decorrentes da modernização, apesar de sabermos que não há cultura que não seja um conglomerado resultante de acréscimos diversificados [...] (BARTH, 2000, p. 109).

Nesse sentido, mesmo que a cultura atue como mediadora das experiências dos indivíduos cujo comportamento por ela foram padronizados (DOUGLAS, 1976), isso não significa que dissonâncias dentro de uma mesma cultura não possam ser encontradas, apesar de categorias básicas e de um padrão que ordene as ideias e valores de determinada sociedade.

Em nosso trabalho de campo, nos relatos de Raul, foi possível identificar diferenças marcantes entre a cultura brasileira e a russa. Notamos que com a oportunidade de se inserir em outra cultura, o entrevistado interiorizou alguns padrões russos de comportamento que chocaram as pessoas do seu convívio social no Brasil, quando retornou. Como exemplo, Raul relata sobre costumes russos que, no Brasil, são vistos como ignorância, como ao tentar entrar no metrô:

Estufar o peito e empurrar quem estiver na frente, ou quando uma pessoa para no corredor do supermercado, ao invés de pedir licença para passar, empurrá-la, já que ela está errada de parar em lugar que não era pra parar sem mais nem menos e não é você que está errado em empurrar (Raul).

De acordo com o interlocutor, essa interiorização que posteriormente foi acompanhada por um equilíbrio, que diz respeito ao referencial que temos decorrente de nossa origem, faz

parte do processo de adaptação, uma vez que é inerente ao ser humano querer se integrar ao espaço onde ele insere-se e “fazer parte das coisas”, sobretudo em um contexto de migração internacional. De início, na fala de Raul, os comportamentos e atitudes russas, como “não ser preocupados em agradar ninguém” provocaram-lhe raiva:

A gente tinha os problemas de adaptação, da forma como o russo agia, a forma como ele é, muito impessoal, por exemplo, se você pede uma ajuda na rua o cara simplesmente fala não sei e sai andando. Então não é habitual essa cordialidade. Essa coisa de ser mais cordial, de ter mais atenção, de ver a dificuldade do outro e tentar entender, não. A dificuldade do outro é entendida como certa fraqueza então eles não deixam transparecer qualquer tipo de fraqueza, qualquer tipo de vulnerabilidade (Raul).

Todavia, com o tempo, ele percebeu que aquilo era uma forma de defesa dos russos, histórica e socialmente explicada. Então, Raul destaca três fases desse processo de adaptação:

A partir daí você convive mais um tempo e vai entendendo porque eles são assim. [...] O primeiro momento é você recusar tudo que eles são e achar que aquilo é completamente diferente e errado, você até evita ficar com o russo. O segundo é um período que você começa a entender aquilo tudo e traz toda a trajetória deles de sistema político, da sociedade... e o terceiro é você começar a agir igual eles (Raul).

Dessa maneira, “procurar compreender as significações das ações políticas em uma dada sociedade é então inevitavelmente referir-se ao conjunto do sistema de significações que forma a cultura da sociedade estudada” (CUCHE, 1999, p. 208). Nesse sentido, é defendido por autores como Boas (2004) que a cultura determina a mentalidade das populações, sendo fundamental na análise de fenômenos sociais, como a migração internacional, compreender a história das formações culturais e das relações entre vida mental individual e cultura, cujos traços são, por exemplo, a linguagem, a organização social, as religiões, dentre outros, que podem se difundir para outras unidades sociais a partir do contato entre grupos.

Ainda, podemos definir a cultura como as diversas formas possíveis da existência e da experiência humanas, a partir das quais as sociedades e as pessoas que dela fazem parte manifestam-se de distintos modos sobre variadas questões (MARCARIAN, 1980), não afastando a possibilidade de encontrarmos diferenças dentro de uma mesma sociedade. Ilustramos tal concepção por meio dos relatos de nossa entrevistada Jéssica, ao discorrer sobre sua vida no Chile, ou seja, conforme as experiências vivenciadas por ela: “Lá eles tomam banho de manhã, a gente aqui chega em casa e toma a noite, né. Isso pra mim no começo foi bem esquisito, porque meu marido dormia do meu lado, então eu ficava meio reticente, mas depois acostumei e passei a tomar banho de manhã também” (Jéssica).

Sua percepção e seu estranhamento em relação a aspectos da cultura chilena devem-se ao seu padrão de comparação, que no caso era sua vida anterior no Brasil. Outro aspecto evidenciado por ela está relacionado ao lazer. Jéssica explica que, no Brasil, as pessoas gostam de aproveitar o dia, de fazer festas e confraternizações, como churrascos; enquanto no Chile, festas e eventos são associados apenas ao período noturno. Assim, a entrevistada revelou que sentia falta de uma programação social para o dia, “principalmente aos domingos. Domingo lá não tinha nada pra fazer, nada, nada, nada!” (Jéssica). Além disso, conta que em geral os chilenos bebem (bebida alcoólica) de maneira exagerada, o que ela não conseguia acompanhar quando participava de eventos sociais com o grupo de amigos do marido: “Enfim, depois eu comecei a acostumar com a ideia, não aceitar, mas acostumar e... E às vezes também eu não ia, não saía, [...] eu preferia ficar em casa, porque eu realmente não conseguia acompanhar o ritmo” (Jéssica).

A interlocutora revela que, ainda no início de sua vida no Chile, quando começou a participar de tais eventos e a conhecer pessoas por intermédio do marido, ela tentou seguir os costumes deles, mas sem sucesso. Esse fato pode ser interpretado como uma negociação de identidade que, para Jéssica, constituía-se em beber com e como os chilenos, ou seja, absorver traços de outra cultura. Porém, como discutido anteriormente, a cultura pressupõe um conjunto de significados e a sua interpretação, e não simplesmente uma cópia forçada de atitudes.

A partir deste ponto de vista, Geertz (1989) argumenta que a cultura seria um contexto com sistemas emaranhados de signos interpretáveis construídos pelos homens, podendo ser descritos de forma inteligível, ou seja, densa e a partir da observação das “dimensões simbólicas da ação social, como a arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum (GEERTZ, 1989, p. 40). Dessa forma, a compreensão de uma cultura resultaria na exposição de sua normalidade, sem, todavia, reduzir sua particularidade, e deveria ser feita com o intuito de se buscar seu significado a partir da interpretação, e não de buscar leis gerais que a regem.

Ainda, de acordo com Canclini (2015), “a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (CANCLINI, 2015, p. 41). É nesse contexto processual e cambiante da cultura que são produzidas as identidades, por sua vez, constantemente reformuladas a partir das interações sociais e do ambiente situacional no qual estão inseridas.

Considerando que os fluxos migratórios internacionais propiciam a interação e o contato entre indivíduos e grupos de diferentes nacionalidades, logo, diferentes valores, modos de agir, de pensar, hábitos e costumes, em suma, identidades e culturas diversas, destacamos as identidades multidimensionais, isto é: as identidades de sujeitos inseridos em contextos interculturais, nos quais “o indivíduo que faz parte de várias culturas fabrica sua própria identidade fazendo uma síntese original a partir destes diferentes materiais” (CUCHE, 1999, p. 193). Conforme já discutido anteriormente, trata-se das identidades híbridas. Nossa interlocutora Elaine ilustra esse cenário em seu depoimento:

Talvez eu seja meio que um camaleão, né, você vai se adequando, se adaptando. Isso me faz questionar: qual a minha identidade afinal de contas? Eu acho que tem uma mistura de ambos os países, das culturas, mas a nossa pesa muito, porque é onde eu cresci, onde eu vivi maior parte da minha vida, apesar de ter vivido os melhores anos dela na Holanda (Elaine)

Assim como elucidou Silva (2014), mesmo em contato com diferentes elementos, a identidade resultante desta interação apresenta componentes daquelas que lhes deram origem, em que pesa significativamente os aspectos oriundos da sociedade natal, tornando-se referência nos processos sociais e culturais vivenciados pelos imigrantes internacionais. Por meio de processos comparativos, é possível captarmos a significância da cultura e da identidade de origem, como no relato de Jéssica, em que ela distingue a culinária chilena da brasileira, ao afirmar que a primeira “era muito gordurosa e salgada”. O mesmo acontece quando a interlocutora discorre sobre seu ambiente de trabalho no Chile, onde as relações sociais profissionais eram demasiadamente formais e conservadoras, em oposição ao Brasil, em que eram comuns confraternizações e momentos informais de descontração com colegas de trabalho: “O relacionamento era bom, mas era profissional e mais nada. Nunca saí pra tomar nada, ir na casa de alguém, essas coisas. E esse ambiente eu nunca gostei muito, nunca me senti feliz desse jeito” (Jéssica).

Considerando a discussão até aqui empreendida, observamos que em situações de imigração internacional, as identidades brasileiras de nossos entrevistados são afirmadas, ressaltadas e manifestadas, sobretudo por meio de oposições e contrastes que subsidiam as negociações. De todo modo, surge a questão da cultura nacional que é referência para a tentativa de coesão do que conhecemos como Estado-Nação. Assim, o Brasil, por se encontrar distante, é percebido com certa nostalgia, como foi afirmado por nossa entrevistada Carolina: “A gente morando fora sempre a grama do lado de fora é mais verde, né? Eu tinha essa visão um pouco mais bucólica do Brasil”.

As identidades construídas no âmbito das culturas nacionais são responsáveis pela constituição, segundo Benedict Anderson (2008), de comunidades imaginadas. Essa construção ocorre por meio dos sentidos atribuídos à nação e por meio das memórias que interligam o presente e o passado daquele lugar. Dessa forma, o sentimento de pertencimento à determinada nação é evidenciado, a partir da maneira como ela é imaginada pelos seus integrantes e pelo modo como as identidades são construídas. De acordo com Ribeiro (1999):

A identidade nacional, ela mesma uma construção que se direciona para uma homogeneização instrumental de uma determinada população, se transforma, também, instrumentalmente, em uma identidade étnica, isto é, em uma identidade contrastiva internamente ao âmbito de um outro Estado nacional onde as diferenças são marcadas por distinções linguísticas e culturais, acima de qualquer coisa (RIBEIRO, 1999, p. 70).

O autor diz respeito às situações de fluxos de pessoas entre países em que, no país de destino, os imigrantes formam uma comunidade minoritária em relação à população nativa. Assim, entre as práticas cotidianas dos imigrantes está a tentativa de manter aspectos de suas culturas e de suas identidades, ainda que elas estejam suscetíveis aos hibridismos e aos sincretismos oriundos da nova configuração social e cultural.

Segundo Sales (1999), a preservação da cultura brasileira no país de imigração é indiscutivelmente a forma mais frequente de manter sólido o vínculo com o Brasil. Isso se dá por meio da “preservação do uso da língua pátria [...], pela culinária, pela vestimenta [...]” (SALES, 1999, p. 22). Nesse sentido, notamos que nas falas de nossa informante Carolina fica explícito que, mesmo com o seu desejo de conhecer novos países e tendo residido nos EUA por 17 anos, ela sempre manteve seus hábitos, fazendo questão de divulgar traços marcantes da cultura brasileira, como a culinária e a música. “Eu nunca me afastei 100% da minha cultura e da minha pátria [...] pra mim o Brasil nunca perdeu o valor”. Mesmo com essa identificação e apego, ela conta que se adaptou completamente à cultura americana, não enfrentando grandes conflitos e estranhamentos.

Carolina atribui isso ao fato de ter emigrado jovem: “Se eu tivesse que ir hoje, com 50 anos, acho que ia ser muito difícil. Na “época, eu estava aberta e curiosa pra conhecer as coisas e aprendi o idioma muito rápido”. Identificamos o oposto no relato de Marcos: “Eu não entendia nada de inglês, já tava velho, eu fui pra lá velho e ir assim é muito difícil da gente aprender, mas também meu objetivo era outro”. Com essas narrativas, reconhecemos que a idade é um fator importante a ser considerado, pois ela parece facilitar a adaptação e a integração ao novo país, especialmente a inserção no mercado de trabalho, além de contribuir

na aprendizagem de um novo idioma, que para alguns de nossos entrevistados se configurou, principalmente após o regresso ao Brasil, no mais importante capital humano oriundo da experiência migratória.

A migração internacional faz emergir a percepção das identidades por meio da alteridade. Evidencia-se também o valor e a ênfase dados ao Brasil, uma vez que os sujeitos encontram-se fora de seus limites territoriais. Isto posto, Anderson (2008) define a nação como uma comunidade política imaginada por ser limitada e soberana. Por imaginada, o autor explica ser inviável que todos os membros de determinada nação se conheçam, por menor que ela seja. No entanto, existe um ideal de comunhão entre essas pessoas. Ainda, o autor afirma que “as comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas” (ANDERSON, 2008, p. 33).

Por limitada, Anderson (2008) ressalta a questão das fronteiras finitas, mesmo que com algum grau de flexibilidade; a uma nação sempre estará vinculada a noção de território. Por soberana, destaca-se a liberdade, no contexto do Iluminismo, da dominação divina sob a qual outrora a nação havia sido submetida. Por fim, a nação é tida como uma comunidade devido ao seu caráter de “camaradagem horizontal” (ANDERSON, 2008, p. 34), em que, independentemente das desigualdades e das explorações existentes, supõe-se haver sempre uma fraternidade entre seus membros.

Em suas narrativas, o interlocutor Raul relata que, nos momentos de saudade, ele sempre pensava: “minha terra é bem melhor do que aqui, você acaba vendo os benefícios, a questão das proximidades das relações interpessoais” (Raul). Essa era uma forma de construir e de reforçar um imaginário sobre o Brasil a partir da distância física do território brasileiro e, ao mesmo tempo, de seu vínculo social e cultural com a terra natal.

O entrevistado integrava um grupo de brasileiros na Rússia, que se reunia semanalmente. A princípio, as reuniões eram permeadas de questões religiosas. Todavia, com o passar do tempo, não ficaram restritas a isso, sendo momentos de confraternização entre os conterrâneos, bate-papo, jantares típicos, etc. Um aspecto interessante é que os brasileiros desse grupo eram procedentes de vários estados, como Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Amazonas e São Paulo. Raul explica que, se estivessem reunidas no Brasil, provavelmente essas pessoas se diferenciariam conforme seus estados de origem, isto é, o mineiro, o gaúcho, o paulista, etc. Não obstante, estando na Rússia, todos consideravam-se como iguais, “os brasileiros”. Não havia distinção entre eles e então uma unidade fora criada e reforçada por meio de rituais identitários. O informante relata ter sido uma experiência confortante poder comparecer a essas reuniões e falar português, o que também é explicado por Elaine. Ela

conta que na igreja que frequentava em Amsterdã, os imigrantes não iam simplesmente para adorar a Deus:

Eles vão ali pra ter um encontro social com brasileiros, pra ouvir e falar o português brasileiro, não o angolano, que é muito comum na Holanda. Eles vão comer uma comidinha que é a nossa comida, porque tem a cantina e vão ainda receber de Deus, ouvir uma palavra pra acalantar o coração. A pessoa às vezes está ali sem esposa, sem marido, sem pai, sem mãe. É diferente do que eu estava vivendo. A maioria das pessoas não tinha essa oportunidade... de se sentir em casa. Já eu tinha minha mãe, meu irmão, tinha um suporte, mas frequentar a igreja me fazia bem (Elaine).

Os rituais religiosos revelam-se como uma questão muito importante, especialmente quanto à sociabilidade, à solidariedade e à retroalimentação da identidade nacional, tornando a experiência migratória menos árdua ao mesmo tempo em que contribui para a criação e para o fortalecimento de vínculos sociais entre brasileiros e deles com o Brasil, assim constituindo a comunidade imaginada, a partir de uma coesão inconsciente (ANDERSON, 2008).

Historicamente, é sabido que uma das principais características da religião é a capacidade de ordenação do mundo e de facilitar “nossa compreensão para coisas muito complexas, como a ideia de tempo, a ideia de eterno e a ideia de perda e desaparecimento, esses mistérios perenes da vida humana” (DAMATTA, 1986, p. 75). Assim, é comum a religiosidade se tornar significativa para os imigrantes, pois é a partir dela que eles expressam realidades coletivas sustentadas a partir de rituais que “são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos” (DURKHEIM, 1973, p. 514).

Destacamos, no Brasil, o sincretismo religioso, com formas de religiosidade que se sobrepõem e se complementam, não sendo excludentes, “como as vertentes de um mesmo rio ou as duas faces de uma mesma moeda” (DAMATTA, 1986, p. 78). Esse atributo manifesta-se nas experiências de alguns de nossos entrevistados, que em suas buscas por Deus e para apaziguar inquietudes pessoais oriundas da distância, da saudade e das dificuldades, recorreram, ainda nos países de destino, a diferentes manifestações de fé: “Inclusive eu até mudei de religião lá, fui pra igrejas de denominação evangélicas, mas depois me reencontrei na igreja católica” (Carolina).

Eu sou católico, batizado na igreja católica e tal, mas pra mim não tem nada a ver. Eu busco um sossego espiritual, eu vou na igreja pra ficar em paz e lá eu frequentava a igreja evangélica, o que eu precisar, o que tinha, eu ia. Era onde eu sentia um pouco de carinho (Marcos).

Já Caio não se envolveu em manifestações religiosas no Canadá, mas observou que

muitos em situação semelhante à dele o faziam: “Eu vi muito isso acontecer lá. As pessoas buscarem a religião, né, para se sentirem mais confortáveis na questão da adaptação”. Como aponta Damatta (1986): “Tudo aqui se junta e se torna sincrético, revelando talvez que, no sobrenatural, nada é impossível. A linguagem religiosa do nosso país é, pois, uma linguagem de relação e da ligação” (DAMATTA, 1986, p. 79). Assim sendo, os vínculos religiosos e sagrados fazem parte de uma série de fatores que contribuem para a formação das comunidades imaginadas e do ideal da nação durante as experiências migratórias.

Stuart Hall (2005) elenca as narrativas a partir da história, da literatura, da mídia e da cultura que dão sentido à nação por meio do compartilhamento de símbolos e das representações das experiências gloriosas ou também fracassadas enfrentadas pela nação. A comunidade imaginada, “dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte (HALL, 2005, p. 52).

Em seu depoimento, Marcos conta ter recorrido à religião como forma de apoio durante seu período nos EUA; ele sentia que precisava de algo que lhe oferecesse sentido naquela experiência: “Eu não podia ficar só casa-trabalho-casa, tomando cerveja até a hora de dormir e acordar pra ir trabalhar” (Marcos). A igreja era uma possibilidade de obter uma “palavra amiga”, onde podia contar com o pastor para conversar e dividir as angústias. Dessa maneira, a religião possibilitava um “sentimento de comunhão com o universo como um todo [...] à nossa consciência e à sua necessidade de dar um sentido preciso a tudo” (DAMATTA, 1986, p. 74).

Além das narrativas, também interferem nessa construção compartilhada da nação, da cultura nacional e da identidade, as tradições e o seu caráter atemporal. Hobbsbawn e Ranger apud Hall (2005, p. 54) falam em tradição inventada que: “Significa um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado”.

Assim, a partir das narrativas e das tradições, sejam elas inventadas ou não, toma corpo um sentimento de pertencimento do sujeito à determinada nação. Outro fator muito relevante é o mito fundacional, a partir do qual a origem da nação é retomada e explorada por uma ótica romântica, em que as “tradições inventadas tornam as confusões e desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em “comunidade” (HALL, 2005, p. 55).

Segundo a perspectiva estruturalista da antropologia, os mitos são narrativas com intencionalidade de criar, de reproduzir e de reforçar modelos sociais. Eles não morrem ou

desaparecem, mas são atualizados de acordo com o contexto no qual se inserem. Para se perpetuarem, é necessário haver veiculação desses mitos por meio de rituais: eventos periódicos que sustentam os mitos, os valores sociais e modelos associados a eles.

Como forma de sustentar e de celebrar a cultura e as tradições nacionais, nossa interlocutora Amanda conta que os integrantes da comunidade brasileira em Boston, que era muito unida, promoviam encontros frequentes nas casas uns dos outros, o que contribuía para o reforço das identidades. É interessante destacar que das festas brasileiras também participavam americanos e imigrantes de outras nacionalidades, uma vez que a multiculturalidade de Boston era notável: “Um mexicano, um colombiano, um americano agregados, era uma mistura muito grande [...] e eles tinham noção da nossa alegria, do nosso calor latino, a gente fazia festa no país deles [no caso os americanos] e chamava eles” (Amanda).

Os rituais das festas e dos encontros representam a possibilidade de sair da rotina, do mundo do trabalho e das obrigações cotidianas relacionadas. Nas palavras de Damatta (1986), elas são “a viagem da rotina para o extraordinário” (DAMATTA, 1986, p. 45). Nesses eventos ou rituais, que evidenciam e buscam manter a cultura e a identidade nacional brasileira, eles preparavam comidas típicas e falavam sobre a terra natal, sempre de uma forma romantizada, que parece surgir apenas com o distanciamento. Damatta (1986) ao discorrer sobre as festas brasileiras explica que “é na ocasião de tais celebrações que “comemos, rimos, vivemos o mito ou utopia da ausência de hierarquia, poder, dinheiro e esforço físico” (DAMATTA, 1986, p. 46), que também se mostra como a realidade de brasileiros emigrados no exterior. Nosso interlocutor Marcos, embora tenha relatado que não buscava as reuniões brasileiras, revela, em contradição, ter participado de alguns eventos sociais dos conterrâneos e ainda afirma que: “todo mundo lá gosta de brasileiro, porque o brasileiro é desse jeito, gosta de uma festa, gosta de uma farra, um churrasquinho e uma cervejinha”.

Além disso, Amanda destaca o aspecto simbólico envolvido na preparação e na valorização de pratos brasileiros, sendo esta “uma forma de voltar pra casa” além, é claro, de identificar-se com o lugar de origem. Igualmente, Caio diz que sempre participava do festival de nacionalidades que acontecia anualmente em Toronto, onde ele podia desfrutar das comidas brasileiras. Sintetiza Damatta (1986): “E, como não poderia deixar de ser, o mundo das comidas nos leva para casa, para os nossos parentes e amigos, para os nossos companheiros de teto e de mesa” (DAMATTA, 1986, p. 35). Ressaltamos que a casa a que o

autor se refere é o espaço onde o imigrante encontra suporte, fraternidade, atenção, em contraposição ao não pertencimento sentido no país de destino.

Ainda, destacamos o termo “cozido” em oposição ao “cru”, que, para o autor, está ligado não somente a um prato de comida propriamente dito, mas principalmente a uma ocasião especial de celebração de relações sociais. Podemos afirmar que o compartilhamento de momentos como esses, em que a comida brasileira parece representar um elo entre os imigrantes, dando sentido à sua experiência e construindo uma nação imaginada, equivale a um “ato festivo e certamente sagrado” (DAMATTA, 1986, p. 42).

De acordo com Lévi-Strauss (2008), os sistemas culturais são formados por símbolos cujo somatório forma o ritual que perpetua os mitos. Para compreensão das sociedades, seria necessário entender o significado dos símbolos, construído coletivamente. Ainda, o sentido dos mitos estaria não em seus elementos isolados, mas sim na combinação destes, que possuem uma natureza complexa (LÉVI-STRAUSS, 2008).

Desse modo, observa-se com a articulação desses elementos na constituição das comunidades imaginadas, que as culturas nacionais evocam, no presente, um passado visto com nostalgia por seu caráter glorioso, construído através das tradições, dos mitos e da imaginação coletiva de seus membros. Um ritual importante mencionado por Caio é o da Copa do Mundo de 2006:

Eu tinha saudades do Brasil e teve uma situação interessante, porque em 2006 teve Copa do Mundo e isso foi muito forte [...] Quando tinha jogo do Brasil era emocionante. Tocava o hino, e nossa... isso era muito forte. Aí eu fui sentir o que é a gente ter uma raiz com o nosso país (Caio).

Ressaltamos ser o futebol um traço marcante da identidade nacional. Ainda, o evento esportivo de porte internacional, com países do globo disputando um título, naturalmente desperta um sentimento nacionalista, nostalgia e o pertencimento das pessoas a seus respectivos países. Principalmente para quem está fora do Brasil, essa identificação passa a ser ainda mais expressiva e importante. Para Assis (1999):

Esse sentimento, provocado pela distância do Brasil, faz com que os emigrantes recriem uma ideia mítica do país [...] Essas atitudes, às vezes, vão contra os princípios de acumulação que motivaram a migração, representando uma quebra da racionalidade econômica [...] A saudade, ao mesmo tempo que marca a percepção da ausência, recria os sentimentos em relação à terra natal (ASSIS, 1999, p. 142).

Portanto, pensar sobre o regresso ao Brasil certamente envolve aspectos emocionais e conflitos pessoais, nos quais os indivíduos, mais ou menos inseridos nas sociedades de

destino, com rotinas já estabelecidas, avaliam seus projetos migratórios, no que tange aos seus objetivos, às experiências vividas, aos percalços enfrentados, aos aprendizados de toda natureza e aos projetos futuros. Assim, toma forma um novo projeto, dessa vez de retorno ao Brasil, que considera o:

Campo de possibilidades em que está inserido o sujeito. Isso implica reconhecer limitações, constrangimentos de todos os tipos [...] A identidade, por conseguinte, depende dessa relação do projeto do seu sujeito com a sociedade, em um permanente processo interativo. [...] O projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando, com isso, repercussões em sua identidade” (VELHO, 1994, p. 104).

Esse novo projeto é responsável por diferentes maneiras de pensar e de perceber a identidade desses imigrantes, agora retornados. Se, nos países de destino, os imigrantes atribuem relevante significado à sua identidade brasileira por meio do compartilhamento de raízes culturais e, sobretudo, através do vínculo subjetivo com o Brasil, propiciado pela constituição de comunidades imaginadas, uma vez de volta às origens, os seus sentidos de identidade são permeados por conflitos de pertencimento e de readaptação, o que demanda negociação dos sujeitos nas mais variadas situações.

## **5.2 Identidades no retorno: Por um lado, conflitos; por outro, estratégias**

O movimento de regresso ao Brasil sugere, nos nossos achados empíricos, um processo de desestabilização das identidades, como apontado por Silva (2014). Enquanto determinadas situações tendem para o alcance da rigidez e da estabilidade das identidades, sobretudo nacionais e culturais, por meio de símbolos nacionais e mitos fundadores, há também “os movimentos que conspiram para complicar e subverter a identidade” (SILVA, 2014, p. 86).

A partir dessa noção, assinalamos o deslocamento que envolve a imigração internacional de retorno como um processo que contesta tendências essencialistas. Com a volta ao Brasil, foi observado que os nossos interlocutores transitavam, em alusão à Silva (2014), “entre os diferentes territórios da identidade” (SILVA, 2014, p. 86), o que ocorreu devido ao hibridismo cultural e identitário proporcionado pela experiência migratória, bem como à necessidade de readaptação ao país de origem. Percebemos essa situação na experiência do nosso interlocutor Marcos:

Eu me senti no começo meio: “Poxa vida”! Será que eu fiz a coisa certa? Aí você fica como se fosse um estranho no ninho. Às vezes você fica com receio de fazer uma coisa, até você adequar de novo você demora. Do mesmo jeito você não fica não. Você fica sem chão, o pessoal fica te rodeando, querendo saber como é que foi. Umás coisas meio assim [...] É bem diferente. Na realidade, a gente chega até parece que ‘pisando em ovos’, fica com receio de falar alguma coisa, de querer impor alguma coisa, ou chamar atenção de algo que tá errado, porque a gente vê as coisas de outro jeito, diferente. A gente vê um irmão fazendo uma coisa errada, em casa, e a gente fala: oh menino, faz isso não, tá errado. A gente fica com receio, sabendo que ele tá fazendo a coisa errada. A gente fica até sem jeito de chamar a atenção. Isso no começo. Depois que a gente acostuma de novo, aí a gente fala o que tiver que falar (Marcos).

Em seu relato, notamos que a incorporação de novos valores à sua identidade, que, conseqüentemente, ocasionou novas formas de percepção da realidade, gerou conflitos em relação a fatos observados no novo cotidiano no Brasil pós-retorno, sobretudo no âmbito familiar.

Segundo Bhaba (1996), a hibridação cultural permite o surgimento de “uma nova área de negociação de sentido e representação” (BHABA, 1996, p. 37): o terceiro espaço. Para o autor, as noções de terceiro espaço e de hibridação não dizem respeito a identificar claramente as identidades que lhe deram origem, mas sim a um cenário que possibilita a emergência de novas posições: “Hibridação refere-se precisamente ao fato de que uma nova situação, uma nova aliança que se formular, pode exigir de você eventualmente que traduza seus princípios, expanda-os, repense-os [...] Novas frentes estão sempre sendo abertas” (BHABA, 1996, p. 39).

Assim, consideramos o retorno ao Brasil equivalente a essa nova situação que requer práticas de negociação identitária a partir das quais os retornados buscam se reinsserir na sociedade brasileira e em seus círculos sociais. Em suas falas, nosso entrevistado Caio expôs esse quadro: “Em algumas situações, eu percebi às vezes uma resistência de alguns à princípio, acho que é porque fiquei longe, estava diferente... mas aos poucos eu fui integrando de novo”. Ainda, o regresso expõe a fragilidade das concepções fixas da identidade que, pelo contrário, estão sujeitas a misturas, indefinições e ambiguidades. De acordo com Santos (2010):

A identidade se constrói através de relações, isto é, é processual e relacional e, portanto, capaz de se adaptar às transformações sociais e pode ser vista como uma construção social de pertencimento. E, em uma época de tantas divisões, é sempre oportuno lembrar que a identidade marca distância, mas também aproximações (SANTOS, 2010, p. 40).

Tal capacidade de adaptação e também de flexibilidade às transformações sociais faz-

se presente no grande desafio enfrentado pelos nossos entrevistados: o ritual de passagem marcado pelo retorno ao Brasil, que pode se apresentar como completamente novo e desconhecido, devido ao tempo vivido distante daquela realidade que um dia fora familiar. Nossa interlocutora Amanda destaca que em seu primeiro retorno ao Brasil, quando foi convocada pelo banco, sentiu um grande choque, pois, em suas palavras: “eu saí de um lugar cheio de tecnologias e, de repente, caio de pára-quadras num lugar de fazendeiros, uma cidade de fazendas”. Apesar disso, a princípio ela estava empolgada, pois seu desejo era ter voltado para o Brasil e, dessa maneira, buscou formas de tentar se adequar à nova realidade, marcada sobretudo pelo seu novo trabalho como bancária. Elaine também vivenciou uma experiência parecida, narrando um “choque de culturas” quando regressou ao Brasil: “Foi um choque, eu fiquei triste, fiquei deprimida, engordei quase dez quilos e quase enlouqueci assim de sair andando no meio da rua. Literalmente foi uma fase tenebrosa”.

O estranhamento em relação ao próprio país, destacado pelos interlocutores, evidencia o caráter híbrido de suas identidades. Em outras palavras, se elas fossem rígidas, não suscetíveis à incorporação e/ou negação de novos elementos e valores, esse processo social não teria ocorrido. Vejamos alguns relatos extraídos das entrevistas:

Assim, acho que no início quando eu cheguei aqui eu falei: olha, eu vou me adaptar, vai ser tranquilo... não foi tão tranquilo, levei tempo para me adaptar ao próprio país. É um choque mesmo. A gente traz coisas, características e hábitos que vem de outro lugar. [...] inclusive na família mesmo os familiares acham estranho, porque a gente volta com hábitos e características que você pegou de lá e você carrega isso com você, faz parte de você agora... e são coisas, são hábitos que se eu trouxe comigo é porque eles são importantes pra mim, fazem parte da minha personalidade... então as pessoas falam: mas que estranho, porque que você está agindo assim? É porque eu fiquei 16 anos fora (Carolina).

Nesse convívio, nessa adaptação, você vai internalizando esse modo de ser, você vai obtendo um olhar crítico sobre isso, porque você tem um parâmetro, você tem uma vida diferente, onde você se formou, e aí você vê algo novo, você tem uma vida que você levou e uma vida que você tá levando agora, você consegue estabelecer uma diferenciação dos dois e começa a criticar um ou outro [...] Eu voltei, eu estava diferente, eu estava ainda meio num *Russian mode*, assim. Era mais ignorantão [...] falava tudo retrucando alto e me impondo. A gente tinha que se impor o tempo todo. Eu tive que ir adaptando e essa adaptação foi caso a caso (Raul).

Tomando como referência o exposto acima, o regresso pode ser responsável por propiciar aos retornados um sentimento de não estar em casa, de não pertencer àquele lugar, por não conhecê-lo mais ou não se identificar com ele. Conforme Oliveira (1976) os mecanismos de identificação são importantes, pois retratam a identidade como um processo: “como é assumida por indivíduos e grupos em diferentes situações concretas” (OLIVEIRA,

1976, p. 5). Assim, não se identificar com determinado local ou situação diz respeito a uma dinâmica identitária dos sujeitos, estabelecida pela noção de identidades contrastivas ou opostas, isto é, evidenciadas pela diferenciação.

Nessa perspectiva, segundo Silva (2014), o movimento entre fronteiras, como a viagem, “obriga quem viaja a sentir-se estrangeiro, posicionando-o, ainda que temporariamente, como o outro” (SILVA, 2014, p. 88). Cabe ressaltar que ser estrangeiro corresponde a não ser natural ou cidadão do país onde se encontra (SEYFERTH, 2008). Todavia, o brasileiro retornado também experimenta essa experiência no próprio país, sobretudo no início de seu reestabelecimento, em decorrência da distinção entre os “padrões culturais de vida do grupo”, termo utilizado por Schütz (2010) para se referir aos:

Valores peculiares, instituições, e sistemas de orientação e direção (tais como os estilos folclóricos, padrões morais, leis, hábitos, costumes, etiqueta, modismos [...] [que] caracterizam – se não constituem – qualquer grupo social em um dado momento na sua história (SCHÜTZ, 2010, p. 118).

Esse padrão atua sobre os grupos sociais como esquemas de expressão e de interpretação, de modo que os sujeitos o utilizam para guiar e dar sentido às suas práticas cotidianas, como se fossem receitas compartilhadas pelos grupos, direcionando a vida social. Não obstante, com a experiência da imigração, tais receitas – ou padrões e valores - sofrem alterações, de modo que o retornado, enquanto um recém-chegado, aproxima-se do estrangeiro, pois: “Quando muito, ele pode estar disposto e apto a compartilhar o presente e o futuro com o grupo aproximado, em intensa e imediata experiência; sob todas as circunstâncias, entretanto, ele permanece excluído de tais experiências deste passado” (SCHÜTZ, 2010, p. 122).

A ausência de um passado compartilhado diz respeito ao que foi discutido com base em Sayad (1998, 2000) no Capítulo 4, sobre a questão da impossibilidade do retorno, visto que não se volta para o mesmo espaço social deixado no momento da emigração, pois tanto esse espaço quanto o imigrante sofrem transformações. Neste sentido, Cuche (1999) destaca uma das grandes dificuldades do regresso:

Apesar de seus esforços para continuarem fiéis a sua cultura, os imigrantes estão sempre defasados da cultura que se estabelece depois de sua partida. Esta é, aliás, um dos maiores problemas no regresso de imigrantes ao seu país: eles não o reconhecem mais, devido a suas mudanças, geralmente mais no aspecto cultural do que material (CUCHE, 1999, p. 229).

Nossa interlocutora Larissa ilustra essa questão em seu depoimento:

Perdi muitos vínculos por ter saído, mas na verdade foi uma experiência de vida pra mim, eu mudei também, me tornei uma pessoa diferente [...] tenho hábitos e pensamentos que não tinha antes disso [da experiência migratória] [...] eu não confio mais nas pessoas, em ninguém, porque sempre acho que vão me prejudicar, pelas experiências que eu passei, eu fiquei mais fria nesse aspecto, fiquei uma pessoa mais dura [...] e também aprendi a ser grata, a dar valor nas coisas simples (Larissa).

Alguns de nossos interlocutores relataram ter se deparado com um novo contexto social e também com um padrão cultural percebido diferentemente devido à experiência internacional, o que se evidencia pelas comparações entre as realidades dos países onde viviam com o Brasil, como destacado no seguinte excerto:

A cultura do país [...] é das pessoas furarem fila, é das pessoas darem o jeitinho brasileiro, é das pessoas pararem com pisque-alerta ligado rapidinho [...] eu só vou desembarcar um negócio aqui. Mas é a nossa cultura, né? Então, basicamente, quando eu retornei eu senti muita saudade da Holanda, eu sinto muita saudade da Holanda, morro de paixão por aquele lugar [...] Eu considero a possibilidade de de repente retornar. Eu não sei que as condições seriam essas, mas eu tenho esse desejo (Elaine).

A fala da interlocutora evidencia o conhecido “jeitinho” como uma marca da cultura e da identidade brasileiras e, ao mesmo tempo, o seu questionamento, uma vez tendo vivido em uma sociedade distinta. “Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação” (SILVA, 2014, p. 91). Assim, o “jeitinho” enquanto elemento da identidade brasileira é também uma representação, isto é, uma maneira de conferir sentido às ações. De acordo com Damatta (1986), o “jeitinho” e a “malandragem” predominam no Brasil devido à incoerência entre o mundo constitucional e jurídico e as práticas sociais cotidianas. Em sociedades consideradas civilizadas e disciplinadas, esses modos de agir não são costumeiros, pois:

A lei não é feita para explorar ou submeter o cidadão, ou como um instrumento para corrigir e reinventar a sociedade. Lá, a lei é um instrumento que faz a sociedade funcionar bem [...] Claro está que um dos resultados dessa confiança é uma aplicação segura da lei que, por ser norma universal, não pode pactuar com o privilégio ou com a lei privada, aquela norma que se aplica diferencialmente se o crime ou a falta foi cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social (DAMATTA, 1986, p. 65).

A partir dessa crítica, o autor explica que o “modo de navegação social” marcado pelo “jeitinho” é uma maneira de contornar o problema da legislação que é contraditória à realidade social do Brasil. Como elucidada Damatta (1986): “o jeito é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas, provocando essa junção inteiramente casuística

da lei com a pessoa que a está utilizando” (DAMATTA, 1986, p. 66). Assim, busca-se a resolução de questões por meio de artifícios de conciliação e de harmonização de interesses entre as partes envolvidas.

Vivendo em territórios diferentes, é recorrente a comparação entre um e outro país. Nos depoimentos de nossos entrevistados, percebemos nostalgia, indicando também, em alguns casos, o desejo de reemigrar. Por terem um parâmetro de comparação, foi comum a realização de críticas sobre alguns aspectos culturais do Brasil, o que pode se caracterizar por um “processo contínuo de indagação do padrão cultural do grupo aproximado” (SCHÜTZ, 2010, p. 129). O autor destaca que, uma vez que tal processo de indagação seja bem sucedido, os novos elementos da sociedade em questão tornar-se-iam naturais e irrefutáveis para o recém-chegado, no nosso contexto, os retornados. Dito de outra forma, eles não mais enfrentariam as adversidades de ser um estrangeiro. Contudo, alguns de nossos colaboradores relataram o oposto, já que estão sempre a questionar determinados aspectos da cultura brasileira:

Até hoje eu sofro, sabe? Eu voltei em janeiro de 2007, já vai pra quase dez anos e eu tenho que ficar me controlando, porque às vezes me irrita assim [...] depois eu viajei um bocado pra outros lugares e eu acho que eu me disciplinei muito assim lá fora. Não tô falando que eu sou 100%, porque também cometo cá meus erros, mas com a questão cultural aqui eu acho que é muito difícil. Nós somos muito egoístas, no trânsito é terrível, e a questão da segurança, da educação das pessoas. Eu acho que de ver tanto problema aqui, eu acho que isso aqui foi mais difícil assim [...] Às vezes eu tenho vontade de sair de novo, porque eu vejo alguma coisa, a gente fica puto e fala que tem vontade de sair, que não vai mudar nada, fica esse sentimento meio de revolta (Caio).

Na fala do entrevistado, é notório o enaltecimento do período vivido em outro país, no que se refere aos traços culturais, à organização social, aos elementos de mobilidade e à educação. No transcurso de experiências, as comparações podem servir para valorizar determinados modos de vida, agregados com a experiência de viver fora do país de origem:

Eu tive um tempo bom assim pra aprender com a cultura do lugar e perceber que nos países desenvolvidos o nível de estresse por causa de trabalho é muito menor, sabe?! Eu era menos estressado lá, eu tinha um trabalho que eu não adorava, não era o que eu queria, mas eu tinha um trabalho, e aquilo me bancava muito bem, né. Porque eu morava sozinho, podia pagar meu aluguel, comprava o que eu queria, embora eu não consumia tanto assim. Fui em um monte de show, viajei lá, e ainda voltei com uma grana. Isso é muito difícil pra gente aqui. A gente percebe as diferenças sociais aqui, as dificuldades de todo mundo, e principalmente agora que a gente tá enfrentando essa crise (Caio).

Além disso, também marcam e reforçam a cultura e a identidade brasileiras, como

esclarece Elaine:

Criticar o Brasil só porque é o Brasil me deixa chateada, é sempre denegrir porque é Brasil, sabe?! Não é porque é o Brasil não. É porque a cultura é assim. Portugal não é completamente diferente. Nós somos assim porque viemos de Portugal, porque a cultura portuguesa é muito assim, porque lá nada funciona, tudo é emperrado, e aqui é a mesma coisa (Elaine).

A interlocutora aponta as características culturais do Brasil como herança da colonização e, por tal razão, o país teria se construído da forma que conhecemos. Apesar dos problemas relatados, foi comum nos depoimentos dos nossos colaboradores uma visão positiva e pragmática nos esforços de readaptação e de reintegração ao Brasil, com foco nas buscas por oportunidades de trabalho e emprego:

Eu sou muito desse ponto, eu prefiro não murmurar demais e ver o lado positivo, e o que está ruim tentar melhorar. Eu posso tentar fazer a minha parte, fazer algo melhor. E quando eu não posso melhorar, então também não vou macetar mais aquilo que tá ali. O trem já tá feio e eu ainda vou piorar a situação? (Elaine).

Eu não fiquei pensando muito não ou sofrendo demais... Eu queria ter voltado e foi muito bom. E também meu currículo é bom, não tive dificuldade de arrumar emprego não, sabe... então com um mês eu já estava trabalhando. Não tenho mais tanto luxo no sentido de comprar bens, mas também não me faz falta não (Larissa).

Quando eu voltei eu já tava focado em arrumar uma coisa pra trabalhar... Então, pouco tempo depois que eu cheguei, eu abri um jornal e tinha uma vaga de motoboy. Como eu já tinha uma moto em casa eu fui lá no endereço e deu certo, e aí comecei a trabalhar de motoboy e trabalho nisso desde que eu voltei [em 2008] (Marcos).

Observamos ainda que os novos aprendizados, modos de pensar o mundo e relações sociais construídas fazem-se presentes no retorno, pois geralmente a partir desses fatores, acrescidos da memória e das lembranças recorrentes da vida no exterior, é mantido um vínculo dos retornados com os países de destino, como apresentado nos trechos seguintes:

Os chilenos são pessoas que... eles têm uma filosofia, uma mentalidade, valores muito bacana. Sabe? Eles tem um jeito de pensar, uma filosofia uma cosmovisão muito legal. Sabe? Muito simples, é autêntica, eles valorizam muito a autenticidade, foi muito legal mesmo. E ter conhecido outra cultura, eu já tinha tido contato com outras culturas, mas experiências no máximo de seis meses e ficar 5 anos, foram 4 e alguma coisa, quase 5. Ficar quase 5 anos num país vivendo como uma chilena, que às vezes até me confundiram com chileno, achavam que eu era chilena, isso foi muito intenso, foi muito intenso pra mim. Eu acho que eu cresci muito, porque eu comecei a ver que tem outra forma de pensar, outra forma de viver, outra forma de fazer as coisas, então isso é muito legal (Jéssica).

Para Jéssica, o tempo de permanência foi determinante para agregar valores, novas

formas de analisar a vida e o mundo e para, inclusive, ser confundida com chilenos, tamanha foi sua identificação com o país, tendo incorporado o modo de vida chileno, mesmo com a ocorrência de alguns conflitos de adaptação, já descritos.

Se eu voltasse [à Holanda] acho que de cara eu teria, no mínimo, quatro casas pra trabalhar. Essas são pessoas que, por exemplo, quando eu fui de férias, mais de... acho que 7 patrões abriram a casa pra eu tomar chá com eles. Olha, estou de férias na Holanda, não... quero te ver, quero saber de você, vem na minha casa me ver... Teve um que fez um jantar brasileiro pra mim. Você tem noção do que que é um holandês fazer um jantar pra você? (Elaine).

O trabalho de diarista que tinha na Holanda propiciou à Elaine o estabelecimento de relações sociais que foram além do caráter profissional. Com seus patrões, ela desenvolveu relações sólidas de amizade, e ainda mantém contato com eles mesmo morando no Brasil.

Eu me considero, muito grata, eu tenho muita gratidão por essa experiência fora e porque ela me proporcionou momentos ímpares e uma continuidade com a própria língua, com a própria identificação que eu tenho. Eu brinco muito, será que numa outra vida eu não andei por lá? Porque eu era tão feliz... enquanto eu estive lá eu fui muito feliz (Amanda).

A lembrança relatada por Amanda está relacionada ao sentimento de gratidão, devido ao aprendizado do idioma – seu objetivo - e à felicidade proporcionada pela sua trajetória migratória, fatores importantes para manter vivas as experiências passadas, que inclusive podem sustentar ambições futuras, como novas mobilidades.

Sobre o trabalho e a educação, categorias relevantes nas trajetórias dos interlocutores, notou-se que os imigrantes, principalmente os atuantes no “subemprego” ou no mercado secundário, fazem uma crítica à relação estabelecida entre ocupação e status social, o que está enraizado na cultura brasileira. Esse novo modo de pensar é então um elemento identitário incorporado pelos imigrantes que retornaram. Vejamos trechos das entrevistas:

É uma coisa que eu guardei, que eu aprendi: não importa o quê que você faz, seja qual for seu trabalho, você não é discriminado por isso. Essa questão de status é uma proporção muito, muito menor do que aqui... isso foi um dos fatos que eu acho que me incomodou mais assim e me incomoda até hoje. Essa questão do trabalho, o quê que você faz, e as pessoas ficam te olhando, se você tem um carro... a gente é mais cobrado aqui, então lá eu acho que as pessoas convivem bem melhor assim. Eu acho que nos países assim de primeiro mundo não existe muito isso...eu trabalhava na construção e eu me envolvi com uma mulher que trabalhava com moda [...] (Caio).

Essa experiência serviu pra gente ver o quanto é digno todo tipo de trabalho e, principalmente, a gente percebe que brasileiro reclama demais e faz de menos. A mentalidade que eu tenho de mundo eu devo a essa experiência. O valor que eu dou às pessoas, às situações, ao trabalho, a dignidade no trabalho [...] Eu sempre

agradecia muito a Deus e pedia pra abençoar quem me pagava. Era uma troca de serviços, eu abençoava a pessoa [...] Eu nunca me senti diminuída por eu estar ali fazendo um trabalho de faxina, passando roupa, não, eu nunca me senti diminuída. Em momento algum. Em nenhuma das casas. A gente é muito batalhador, mas lá fora. Porque vai mandar essas pessoas que tem um cargo bom aqui fazer faxina pra ganhar a mesma coisa? Não faz, ou esconde que faz, porque tem o status (Elaine).

De toda forma, ainda que a nova percepção do trabalho possa contribuir para mudanças nos modos de pensar sobre a questão e possa diminuir diferenças sociais, mesmo que de maneira simbólica, foi notável o desejo e o interesse por cursos (educação formal) que pudessem lhes oferecer mais oportunidades de trabalho, de emprego e de ascensão social e profissional, que afinal de contas motivou a decisão de emigrar de alguns. De acordo com Goffman (2002), a busca por mobilidade social é uma representação decorrente de “um sistema principal ou geral de estratificação e em muitas sociedades estratificadas existe a idealização dos estratos superiores e uma certa aspiração, por parte dos que ocupam posições inferiores, de ascender às mais elevadas” (GOFFMAN, 2002, p. 41). Assim, em alguns casos, a migração é uma estratégia para se conquistar mobilidade social e aquisição de bens materiais, contribuindo para a reprodução dessa representação, como coloca nossa entrevistada Larissa: “Eu achei que ia mudar completamente, achei que eu ia ter as coisas, ia conseguir comprar casa, carro e tudo mais, que ia ficar rica. E foi assim... a expectativa, né, mas depois foi completamente diferente” (Larissa).

Na situação da interlocutora, sua visão sobre as oportunidades e vantagens que poderiam ser proporcionadas pela imigração estava de acordo com a representação da riqueza material e da posse de bens enquanto símbolos de status social. Não obstante, esse quadro modifica-se após as experiências vividas na Espanha e no segundo retorno, quando ela passa a ter a crença de que tudo isso são coisas supérfluas e desnecessárias.

Nesse sentido, adentramos na discussão de representações sociais, que, de acordo com Franken, Coutinho e Ramos (2012) são:

O conjunto de ideias compartilhadas por um grupo a propósito de um determinado fenômeno, e são sociais em dois sentidos: porque se referem a fenômenos sociais e porque nascem e são geradas na sociedade; são tipos de crenças paradigmáticas, organizações do conhecimento e de linguagem (FRANKEN et al., 2012, p. 208)

As autoras, na abordagem das representações sociais em contextos de migração internacional, argumentam que o processo contínuo de construção e de reconstrução da nova realidade, na condição de imigrante, envolve a cultura e as trocas simbólicas, de modo que cada indivíduo organiza sua realidade conforme um “imaginário coletivo diverso em cada

tempo e espaço que se transforma em um imaginário individual, sem deixar, no entanto, de ser uma expressão do que é coletivo” (FRANKEN et al., 2012, p. 217). É esse imaginário que conduz as ações dos sujeitos, considerando os grupos sociais em que estão inseridos, e também influencia e constrói suas representações sociais em diversos momentos da imigração e no retorno. Conforme Durkheim (1973), as representações coletivas são formas de expressar a realidade, tendo sua origem como:

O produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas ideias e sentimentos, longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e seu saber (DURKHEIM, 1973, p. 518).

Dessa maneira, mesmo que sejam anteriores aos indivíduos, as representações passam tanto por reforço quanto por transformações e reconstruções ao longo do tempo.

A mudança observada nos modos de pensar sobre o trabalho é, então, além de um aspecto identitário incorporado, uma representação social construída a partir da experiência de migração internacional, sobretudo no mercado laboral. Essa alteração ocorre devido às representações sociais – e também às identidades – serem consideradas dinâmicas, já que se reformulam através das relações coletivas (MINAYO, 1996).

Além do trabalho, destacamos as representações sobre educação e sobre oportunidades de estudar, como no caso da interlocutora Elaine, que nutria o sonho de concluir uma graduação. Principalmente por causa dessa ambição acadêmica, Elaine decidiu retornar ao Brasil pela terceira vez a fim de retomar os estudos da graduação, primordial para ela naquele momento. Devido à sua irregularidade na Holanda, ela começou a se questionar se estaria valendo a pena todo o trabalho árduo a despeito do impedimento de ingressar na universidade estrangeira. Nesse caso, as representações sociais sobre a educação e os significados atribuídos a ela interferem na decisão de retornar ao Brasil: “Eu acho que, se eu não tivesse esse ideal, esse sonho, de finalizar, ter uma graduação, essa necessidade de um diploma na minha mão, eu acho que não teria voltado nunca. Mesmo se eu tivesse ficado ilegal lá pro resto da vida eu ficaria” (Elaine).

O imaginário da interlocutora sobre a educação e sobre “ter o diploma” caracteriza uma representação social, apresentando as características do fato social de Durkheim: são exteriores às consciências individuais e também exercem coerção sobre as mesmas (MINAYO, 1996). Nesse sentido, levando em consideração as representações sociais enquanto fatos sociais, Durkheim (2007) expõe que “esses tipos de conduta ou de pensamento

não apenas são exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõem a ele, quer ele queira, quer não” (DURKHEIM, 2007, p. 2). Notamos que ambição pela educação superior atuava sobre Elaine de forma coerciva, como um produto do que a sociedade considera relevante, influenciando a construção de suas próprias representações, determinantes nas decisões tomadas. Para Oliveira (1976), as representações coletivas transcendem o indivíduo e transmitem a realidade maior, a da própria sociedade: “é uma realidade de ‘ordem intelectual e moral’, um ‘ser social’” (OLIVEIRA, 1976, p. 41).

Woodward (2014) explica que a representação diz respeito à produção de significados a partir de sistemas simbólicos. Dessa forma, considera que a representação, sendo um processo cultural:

Estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2014, p. 18).

Assim, o percurso migratório de Elaine e a posição de imigrante indocumentada na Holanda, sem perspectivas de crescimento profissional, por mais que ela tenha ressaltado que trabalhava em várias casas o que lhe permitia um bom salário, geraram dúvidas e incertezas na interlocutora, em vista das representações sobre o trabalho e educação e das oportunidades que a última poderia lhe proporcionar. Por outro lado, Elaine argumenta, após ter retornado e se formado, que sua visão sobre a educação superior mudou, pois ela acredita que o curso superior é apenas mais uma forma de obter status na cultura brasileira, de se diferenciar dos outros:

Se eu não tivesse faculdade nenhuma eu teria a mesma profissão que eu tenho hoje, porque onde eu estou não dependeu dessa faculdade. Lógico que é bom, importante, me deu base, mas no Brasil é legal ter curso superior por causa do status que isso dá também [...] O status não é só você ter dinheiro, é você ter educação, inglês, francês, aquilo e aquilo outro porque ter dinheiro não basta” (Elaine).

Atualmente, Elaine revela estar insatisfeita com sua situação no Brasil como professora de inglês, em decorrência da instabilidade enfrentada a cada semestre com mudanças de turmas, de escolas e das possíveis desistências de alunos particulares, por conta de corte de gastos. A entrevistada afirma gostar muito do trabalho que exerce, possibilitado pela experiência de ter estudado inglês na Holanda e de depois aproveitar esses

conhecimentos e habilidades adquiridas para sua inserção no mercado de trabalho brasileiro. Não obstante, ela explica que queria mais para a sua vida, como estabilidade e um emprego certo.

Tal contexto de descontentamento com o trabalho também se fez presente no primeiro retorno de Amanda, quando ela atuou como bancária. Apesar das tentativas de adaptação, nossa interlocutora não se sentia feliz em seu ambiente de trabalho, em virtude das atribuições e da posição que deveria assumir na instituição:

Eu via que as frustrações de trabalho eram muito grandes [...] ao longo dos meses, percebi que não tinha mais esse perfil administrativo, burocrático. E a chance de sucesso profissional dependia muito também dessa realização pessoal, de estar num local e de me sentir feliz lá [...] Eu sabia que não ia ser feliz trabalhando naquele banco ou em qualquer um, o problema era o trabalho de bancária, muito frustrante, você lida com problemas todos os dias o tempo todo, e lida com a insatisfação das pessoas. Eu não queria tratar ninguém com indiferença e o banco tinha pressão, tinha as metas, tinha que vender, tinha que dar resultado (Amanda).

Já após o segundo retorno para o Brasil, o inglês fez parte do recomeço de Amanda, e ela finalmente colocou em prática o que a havia motivado a ir para os EUA em primeiro lugar: estudar inglês visando à proficiência a fim de se tornar professora. Estudar fora proporcionou um diferencial para Amanda, fundamental para sua reinserção laboral no Brasil em escolas de idiomas: “Eles não tem muito critério sobre a formação na área. Eles querem pessoas que tenham tido experiência fora [...] Comecei a ficar mais motivada e vi que tinha essa herança da língua e sentia muita necessidade em falar”. Seguindo esse caminho, Amanda buscou se profissionalizar cada vez mais na área, e hoje segue dando aulas particulares. Ainda, em diversos momentos, menciona professores que foram determinantes em sua nova trajetória como professora, por terem lhe auxiliado e por servirem de referência.

No caso da interlocutora, a experiência internacional atuou como ferramenta em seu processo de profissionalização para se tornar professora. Estudar inglês nos EUA foi uma forma de alcançar uma distinção curricular, “uma estratégia típica de um mercado simbólico” (ALMEIDA, 2013, p. 207). Além disso, a língua inglesa – seu atual instrumento de trabalho – já fazia parte de sua realidade desde a adolescência a partir das músicas internacionais cantadas pelo irmão, das aulas que teve na escola e também devido à influência da irmã, que era professora de inglês. As influências estiveram presentes em sua trajetória desde muito tempo. Assim, o desejo de trabalhar com o idioma era nutrido muitas vezes sem que Amanda percebesse, de maneira inconsciente.

A importância de sua identificação com a língua e, posteriormente, do ensino de inglês

como profissão são representações construídas pela interlocutora ao longo de sua vida e de suas experiências, são “ideias ou juízos de valor que os indivíduos dotados de vontade possuem” (MINAYO, 1996, p. 160). Dessa maneira, a forma como a realidade é representada, a partir das ideias, das concepções, do espírito e da mentalidade, é tão relevante quanto a sua base material de fato. Para Amanda, perceber o potencial da língua inglesa foi fundamental para investir na sua aprendizagem por meio da imigração, visando à consolidação de uma profissão. Além disso, de acordo com Weber, as significações culturais, bem como a noção de “visão de mundo”, estão presentes e exercem influência na produção e na reprodução das representações sociais e da vida social, que se estabelece a partir das interações sociais entre os indivíduos e grupos (MINAYO, 1996). Assim, a experiência nos EUA, as oportunidades de trabalho e de estudo e as relações sociais desenvolvidas, bem como a necessidade de recomeçar a vida no Brasil, foram fundamentais para fortalecer e reproduzir suas representações sociais sobre o trabalho e a educação:

Mas aqui, enquanto eu tenho a língua pra usar com os meus alunos e pra estudar, eu me sinto também em interação com essa outra identidade. Eu não saberia ser diferente. Eu acho que se eu não tivesse trabalhando com o inglês, todos os dias como eu trabalho, eu não sei se a minha adaptação não teria sido tão mais fácil não. O inglês me torna muito mais feliz (Amanda)

Nos casos em que a mudança de país envolve o aprendizado ou o aprimoramento de outro idioma, no retorno, isso pode se converter em uma ferramenta estratégica, um benefício ou uma vantagem no processo de readaptação dos migrantes e reinserção na própria sociedade, além de os diferenciar de outras pessoas que não tiveram o privilégio de vivenciar esse percurso, fatos observados nos relatos abaixo:

Eu comecei a trabalhar na área de comércio exterior, sem ter me formado nisso, justamente pela comunicação [...]. Eu conhecia um cara em uma empresa e eles precisavam de alguém com a comunicação fluente [...] e esse tempo de experiência lá [no Canadá]foi muito bom pra mim. [...] O idioma me ajudou muito, isso que eu queria muito trazer, porque aí teve esse trabalho. [...] O que me ajudou foi o lance desse trabalho [...] assim que ele me chamou, a gente começou a conversar e tal e isso começou a me ocupar. Aí já comecei a ver um futuro aí, de voltar a estudar, trabalhar com ele, e já me deu uma segurança. Mas foi uma sorte, porque eu conhecia ele... senão, eu não sei. Essa oportunidade que me ajudou... o que eu poderia agregar pra ele, essa vivencia fora, com outra cultura e a questão da língua (Caio).

Voltei pro Brasil pra estudar, pra tentar uma sorte aqui. E, na verdade, quando eu voltei pro Brasil, o Brasil estava numa situação econômica até razoavelmente boa, em 2010. Eu tinha muitas coisas favoráveis com relação a mim, porque eu falava inglês, eu falava espanhol e tava na ponta da língua, porque eu tinha muitos amigos mexicanos e peruanos. Eu estava fazendo a graduação, então eu tinha muitos pontos a meu favor. Eu era jovem, né? Eu era mais jovem, livre, desimpedida, solteira,

então foi quando eu tive essa oportunidade de me tornar professora de inglês, fiz as provas, passei e aqui fiquei (Elaine).

Nos excertos destacados, está claro que o aprendizado do idioma, adicionado à experiência internacional, proporcionou oportunidades no mundo do trabalho, caso de nossa interlocutora Carolina, que também alcançou uma colocação na qual o domínio de inglês foi determinante para suas novas atribuições. É evidente não ser essa uma conquista imediata, e sim o resultado de um processo (que para alguns durou meses e para outros anos) de reflexões e de dificuldades que os levaram a seguir determinado caminho, preparando-se para tal e colocando em destaque vantagens que facilitam a negociação identitária.

Eu já cheguei pensando “vou arrumar um cargo e vou ganhar muito”. [...] Eu não consegui entrevista nenhuma no nível que eu queria. Mas claro, eu não tinha nem faculdade. Aí consegui dar aulas de idiomas nos cursinhos aqui do bairro [...] E aí depois eu tirei o certificado de proficiência de idioma e comecei a dar aulas em colégios. E dar aulas em colégios me deu uma guinada, porque eu consegui ter um salário relativamente bom, fora os benefícios de professor da rede particular, tinha bolsa na faculdade. Ficava mais barato (Raul).

O fato de pactuar identidades envolve vários elementos que, conforme Sasaki (1999), “são acionados de acordo com as situações vivenciadas ao longo da própria experiência migratória e conforme a dependência do ‘outro’: com quem ele está se relacionando e em quais circunstâncias” (SASAKI, 1999, p. 267). Assim, a identidade que ora discutimos é resultado de situações e de relações sociais diversas, de contextos em que os atores estão inseridos e que incidem nos modos de pensar de uma pessoa, de grupos sociais e de uma sociedade.

Para seu reestabelecimento no Brasil, após o retorno, constatamos que nossos interlocutores valeram-se de “estratégias da identidade”, ou de escolhas entre qual identidade assumir ou quais aspectos dela evidenciar a depender das circunstâncias, especialmente na reinserção laboral. “Porém, isso não significa que elas não sejam feitas dentro de certos limites determinados pela situação social vivida pelo agente, por sua própria história e por outros fatores que a pesquisa empírica deve aquilatar” (OLIVEIRA, 2006, p. 75). Em outras palavras, as escolhas sobre as identidades não são arbitrárias e isoladas, são relacionais.

De acordo com essa perspectiva, Mathews (2002) defende que “Identidade é o perene sentido que o eu tem de quem é, na medida em que está condicionado devido às suas contínuas interações com outras pessoas. Identidade é como o eu se concebe ou se rotula” (MATHEWS, 2002, p. 47). O autor preocupa-se com a identidade cultural – ou seja, como as pessoas entendem quem são culturalmente – e com o pertencimento do sujeito a uma

sociedade específica e também ao supermercado cultural global. Assim, estabelece três níveis de formação cultural do eu: sendo o primeiro nível aquele que é aceito sem questionamento, aos quais os sujeitos já estão condicionados por suas práticas sociais, estando este nível de formação abaixo da consciência e, por isso, difícil de acessar. O segundo nível é o das ações esperadas que cada pessoa realize na sociedade, a partir de pressões sociais e institucionais e o terceiro nível, por fim, envolve o supermercado cultural global, em que, conscientes, os indivíduos tem escolhas, até certo ponto livres, sobre como conduzir sua vida, suas ações e seus ideais.

Enquanto a cultura como “modo de vida de um povo” se encaixa nos níveis mais inconscientes de formação cultural do eu, a cultura como “supermercado cultural global” adéqua-se ao nível consciente e superficial da formação cultural do eu, em que as pessoas são supostamente livres para escolherem aspectos que irão constituir suas identidades.

Não obstante, Mathews (2002) argumenta que as escolhas no “supermercado cultural” exigem contínua negociação e validações sociais, a depender do contexto das práticas sociais em que os indivíduos se inserem. “A negociação social dos sentidos de identidade cultural dessas pessoas está explicitamente condicionada por suas buscas individuais, assim como pelas circunstâncias específicas de sua sociedade” (MATHEWS, 2002, p. 329). Por meio dessas escolhas, são formadas identidades híbridas que se acentuam no retorno, quando são negociadas considerando a busca pela reintegração e pela readaptação ao Brasil.

No caso desta pesquisa, a dinâmica de negociação identitária, enquanto uma estratégia, centrou-se na relevância do capital humano e social construído no exterior, que, por sua vez, contribuiu para a reinserção laboral de nossos entrevistados. Não obstante, no aspecto pessoal, esses indivíduos muitas vezes apresentam-se divididos, entre o Brasil e o país onde viveram, justamente em decorrência dessa identidade móvel, “da multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (HALL, 2005, p. 13), da ausência de um sentimento concreto de pertencimento ao Brasil e de conhecerem outra realidade possível, o que pode levar a uma eventual circularidade nessas trajetórias migratórias futuras.



## 6 CONCLUSÃO

A investigação sobre o retorno de brasileiros, bem como sobre as migrações internacionais em uma perspectiva geral, é pertinente em um cenário mundial globalizado, marcado por formas cada vez mais plurais de mobilidade humana, em que novas variáveis surgem e se destacam, transformando as migrações em um fenômeno complexo. Nesse sentido, a análise sobre o fato presta-se ao desafio de buscar compreender os fluxos internacionais de pessoas em suas diferentes nuances e desdobramentos, como a questão das identidades resultantes de contatos interculturais propiciados pelas migrações.

Embora o fluxo de retornados tenha se mostrado expressivo especialmente no período englobado pelo último Censo Demográfico do IBGE, de 2010, é fundamental salientar o movimento de regresso parece ser uma realidade nas trajetórias migratórias. Dito de outra forma, na medida em que os brasileiros emigram, o retorno torna-se uma possibilidade, ainda que remota para alguns, como é o caso dos que deixam o Brasil com o intuito de permanecer de modo definitivo nos países de destino. Em outras situações, o retorno integra o projeto migratório, que é construído visando ao alcance de certas metas em um intervalo de tempo às vezes definido, às vezes não. O que acontece é que, em determinados períodos, devido a conjunturas específicas, tais como crises econômicas, problemas sociais e até mesmo questões de cunho pessoal, como observado empiricamente, esses fluxos podem se intensificar constituindo verdadeiras correntes e/ou contra-correntes migratórias e, portanto, mais perceptíveis. De toda forma, o fato de retornar não implica necessariamente o fim das trajetórias de mobilidade, que podem, inclusive, ser marcadas pela circularidade e pelo transnacionalismo.

A abordagem qualitativa empregada nessa pesquisa forneceu os instrumentos necessários para a análise da imigração de retorno ao Brasil e nos permitiu compreender os efeitos da experiência de migração internacional e do regresso na construção e negociação das identidades de nossos interlocutores. Essa empreitada tornou-se possível por meio do diálogo entre a pesquisadora e os atores sociais integrantes da pesquisa, com o compartilhamento de suas histórias de vida, seus sonhos, desafios, frustrações, superações e estratégias encontradas ao longo de seus percursos migratórios.

É possível ressaltar a heterogeneidade e a especificidade das situações de imigração encontradas nesse estudo, bem como as diferentes interpretações dos sujeitos sobre suas experiências particulares, que influenciaram e continuam influenciando sobremaneira na

construção de suas identidades. Por exemplo, nos países de destino, os brasileiros inserem-se em diferentes áreas profissionais, dependendo de fatores como a formação, a situação jurídica e o domínio do idioma oficial do país em questão, além da demanda de mão de obra exigida no mercado. Em muitos casos, os imigrantes exercem determinadas atividades ou são absorvidos em certos campos laborais nos quais não tinham qualquer experiência no Brasil. Ainda, em nossa investigação, notamos que as redes sociais representam importante mecanismo de integração ao mercado de trabalho dos países anfitriões e também no de origem. Além do fator trabalho, a formação educacional foi fundamental em algumas experiências. Os imigrantes conferem grande valor às oportunidades educacionais encontradas nos países de destino, especialmente para enriquecer o currículo e para conquistar ascensão social e profissional, podendo aproveitar oportunidades laborais no país de origem, ao retornarem.

Observamos que as vivências de migração, apesar de singulares, apresentam elementos comuns, a exemplo da idealização do Brasil, do sentimento de nacionalidade acirrado no exterior, da existência de redes sociais de apoio na trajetória dos imigrantes e da percepção sobre a fragmentação e hibridação das identidades após o regresso e, com efeito, o processo de negociação e construção contínua das identidades.

Nesta pesquisa, o principal desafio metodológico com que nos deparamos consistiu na inexecutabilidade de executar a proposta inicial de trabalho de campo: a etnografia. Isso aconteceu particularmente dado às limitações temporais da pesquisadora e às exigências de inserção no universo do estudo etnográfico. Por essa razão, as observações participativas e pontuais das relações, dos rituais e do cotidiano dos interlocutores não puderam ser feitas. Apesar desse contratempo, avaliamos que a opção pela técnica de entrevista em profundidade cumpriu adequadamente a função esperada, considerando a natureza do objeto de estudo, os objetivos e as hipóteses de trabalho. Em outras palavras, foi possível apreender e reinterpretar significados e subjetividades de nossos colaboradores e compreender o fenômeno do retorno e seus desafios para os imigrantes brasileiros. O fato de serem ouvidos atentamente e a oportunidade de narrarem suas próprias histórias, interpretando-as e refletindo sobre elas depois de algum tempo, foi muito significativo para os entrevistados, provocando neles emoções através do resgate de lembranças julgadas importantes, como os momentos positivos e também as dificuldades – muitas vezes incompreendidas - experimentadas no regresso, como a readaptação, a reintegração e o choque cultural reverso.

Podemos afirmar que o Brasil torna-se uma comunidade imaginada e idealizada para os imigrantes no exterior, e isso deve se passar também em outros países. Enquanto distantes

do território brasileiro, o sentimento de pertencimento foi fortalecido, por meio dos rituais e do cotidiano compartilhados com conterrâneos, reforçando os sentimentos de companheirismo, de comunhão e de fraternidade. Esse fato é uma das estratégias desenvolvidas para suportar as angústias, a “saudade de casa” e as dificuldades encontradas no processo de imigração. Ressaltamos que esses sentimentos foram relatados tanto pelos interlocutores que, na prática, buscavam e mantinham contato com outros brasileiros no exterior, quanto por aqueles que o evitavam, por motivos de desconfiança e também por acreditarem que a interação com os conterrâneos prejudicaria o aprendizado do novo idioma e a sua inserção à nova cultura.

Ainda, observamos que as reuniões e os eventos organizados e compartilhados entre os brasileiros, muito além de serem apenas momentos comuns de lazer e de confraternização, eram rituais que resgatavam elementos da cultura e da identidade brasileira, como a culinária, a música, o futebol e as novelas, que, antes da imigração, não pareciam assim tão significativos. Nas palavras dos entrevistados, são destacadas a “visão bucólica e romântica do Brasil”, as “relações sociais calorosas”, bem como o uso de expressões como “a grama do vizinho é sempre mais verde”.

Os rituais religiosos que envolviam brasileiros e latino-americanos também se mostraram relevantes, na medida em que contribuía para apaziguar as aflições e os sofrimentos vividos, sobretudo causados pelo distanciamento da terra natal, sendo, pois, momentos reconfortantes. Assim, os sujeitos buscam sentidos para suas experiências e fortalecem a identidade brasileira, por meio de símbolos nacionais evocados e de rituais que reforçam a identidade nacional.

A idealização do Brasil no exterior, a construção de comunidades imaginadas e a saudade da terra natal apresentaram-se notáveis, em diferentes graus, de acordo com as experiências dos 8 entrevistados. Não obstante, esses aspectos não atuaram isoladamente na determinação do retorno. Eles interagiram com outros fatores decisivos na tomada de decisão de regressar, como problemas financeiros, questões familiares, alcance dos objetivos e mudanças de prioridades. De toda forma, é possível afirmar que o ideal da comunidade imaginada brasileira, sobretudo as imagens de um passado glorioso, influenciou significativamente na decisão pelo retorno de nossos interlocutores.

Nas experiências analisadas, foi possível perceber que as redes sociais exerceram um papel importante na decisão de emigrar, inclusive na escolha do país, uma vez que os laços entre indivíduos e grupos sociais, interligando as sociedades de origem e de destino, parecem

contribuir para a propagação de informações e de conhecimentos úteis ao processo de deslocamento e de estabelecimento em um novo país, sugerindo um cenário de redução de incertezas e amenizando os desafios inerentes à migração internacional.

No que concerne ao retorno ao Brasil, consideramos em nossa análise tanto as redes informais, constituídas, sobretudo, pelas relações familiares, quanto as redes formais, compostas por instituições, examinadas e consideradas mais relevantes em nossa pesquisa bibliográfica, que oferecem suporte ao migrante que retorna: Organização Internacional para as Migrações, Ministério do Trabalho, Ministério da Previdência Social e Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

A despeito da existência de iniciativas oficiais de suporte, que nos documentos analisados são voltadas à readaptação e reintegração dos brasileiros retornados, nossos interlocutores não fizeram uso desses recursos, por falta de conhecimento da existência e do funcionamento dos mesmos. Este fato permitiu-nos problematizar e questionar o alcance da divulgação de informações sobre as referidas iniciativas e, logo, se o público-alvo desses programas e dessas ações estaria sendo beneficiado de maneira satisfatória. Ao longo da pesquisa empírica, observamos que dois de nossos informantes estavam em situação de natureza pessoal delicada no exterior, antes de retornarem; ainda assim, não recorreram a tal auxílio formal. Já de volta ao Brasil, os interlocutores também não tinham ciência das ações do Governo Federal. Podemos questionar se existe de fato uma intencionalidade governamental de desenhar uma política pública para os imigrantes brasileiros ou se esse é mais um dos muitos acordos internacionais de caráter formal que servem para registrar protocolos e dar visibilidade política sem uma preocupação com as reais necessidades daqueles que retornam ao seu país.

Em contrapartida, as redes informais - com destaque às relações familiares - sobressaem-se como mecanismos fundamentais de apoio ao retornado. Foi evidente que a experiência da imigração internacional traz como efeito transformações nos sujeitos que vivenciam essa mobilidade, nos grupos sociais dos quais faziam parte e possíveis transformações nos espaços físicos do território de origem. Não obstante, quando ainda se encontravam nos países de destino, nossos interlocutores fizeram questão de se manterem conectados às pessoas mais estimadas no Brasil, sobretudo aos familiares. A tentativa de não se desencilharem parece ter sido importante no momento do retorno, atenuando a sensação de distanciamento em decorrência das mudanças acontecidas ao longo do período vivido no exterior. Inclusive, foi frequente nas narrativas de nossos interlocutores a maior aproximação

e valorização conferida aos vínculos familiares, pois, quando regressaram, foram essas pessoas que mais os auxiliaram tanto no âmbito material quanto no emocional.

Apesar de as relações de amizade construídas no Brasil, antes da emigração, representarem elemento importante de suporte no processo de retorno, alguns atores da pesquisa marcaram um distanciamento não só físico, mas também um enfraquecimento dos laços ocasionado pela ausência. Conseqüentemente, a reinserção nos círculos sociais de amigos demandou maior esforço e resiliência dos retornados. Em alguns casos, os sujeitos não obtiveram sucesso em suas tentativas de reintegração aos antigos grupos de amizades, produzindo, com efeito, a perda de vínculos.

Diferentemente do realce dado por nossos interlocutores para a identidade brasileira e para o sentimento de pertencimento ao país, quando se encontravam no exterior, observamos que, após o retorno, esse cenário parece ter se modificado. Reconhecemos que experimentar conflitos de readaptação e de reintegração ao próprio país parece ter sido uma realidade e uma tendência nas trajetórias analisadas e na imigração de retorno em geral. É possível refletir que esses processos acontecem devido às novas experiências em culturas diferentes, possibilitando o surgimento e a manifestação de identidades híbridas. A incorporação de novos hábitos, costumes, modos de pensar e de agir, propiciada pela migração internacional, sobressai-se, podendo despertar a sensação de não pertencimento ao próprio país. Igualmente, é importante ressaltar que a idealização do Brasil no exterior parece ter sido responsável por conferir expectativas e sonhos aos projetos de retorno, que nem sempre foram atendidas e concretizadas. Com o questionamento de determinados aspectos culturais do Brasil e com as comparações constantes entre origem e destino, é possível pensar que os retornados muitas vezes sentem-se como estrangeiros na terra natal.

A despeito dos conflitos e das crises de identidades vivenciadas pelos brasileiros que retornam, a negociação identitária – dependente e condicionada aos contextos sociais em que os sujeitos estão inseridos – revelou-se como uma estratégia utilizada para a readaptação ao Brasil. Destacamos a reinserção laboral, que exigiu tentativas de evidenciar características e elementos adquiridos e/ou incorporados na experiência internacional, que se transformaram em um distintivo em relação às outras pessoas que não tiveram oportunidade semelhante. Em alguns casos, os sujeitos desenharam novas perspectivas e despertaram outros interesses, que, no retorno, foram importantes para redefinir suas carreiras profissionais em áreas distintas das que trabalhavam antes da saída do Brasil, o que parece ter sido possibilitado principalmente pelo capital humano adquirido no exterior. Consideramos esse aspecto como crucial na

negociação identitária, sobretudo porque o capital humano propiciou benefícios e vantagens aos imigrantes brasileiros retornados, notadamente no campo profissional.

Tal jogo das identidades torna-se viável e perceptível em um contexto marcado por um profundo processo de mudança social, em que os sistemas de referências não são únicos e se entrelaçam, produzindo hibridismos e instabilidades. Esse recurso dá origem a identidades múltiplas e variáveis, resultantes dos diferentes sistemas culturais nos quais os imigrantes inserem-se ou com os quais estabelecem contato. Dessa forma, ponderamos que a flexibilidade, a noção de deslocamento e descentramento do sujeito, decorrente da transformação estrutural da sociedade, a exemplo da globalização e da sociedade em rede, possibilitam aos brasileiros retornados negociar e pactuar suas identidades conforme as suas experiências e expectativas.

A pesquisa realizada permitiu reflexões e problematizações acerca dos fluxos migratórios contemporâneos envolvendo o Brasil. Por essa razão, é possível afirmar que o fenômeno das migrações apresenta uma multiplicidade de conceitos e de teorias não excludentes, mas complementares, tendo em vista a pluralidade dos deslocamentos demográficos, que envolvem variáveis diversas, tais como motivações, objetivos, contextos, duração e redes. Assim, as abordagens explicativas das migrações não devem ser consideradas isoladamente.

Em nosso estudo, identificamos a prevalência de elementos da teoria das redes sociais, que, por natureza, ampliam e multiplicam os fluxos de pessoas por meio das conexões e dos vínculos estabelecidos entre o Brasil e os países de destino comumente escolhidos pelos brasileiros, sejam eles os considerados desenvolvidos ou que se encontram em situação diferente, em diversos pontos do mundo. A inserção dos imigrantes em redes sociais parece ser responsável por projetos de emigração e também de retorno menos arriscados e mais viáveis, ainda que com percalços. O apoio proporcionado pelas redes aos sujeitos retroalimenta o processo de migração e das práticas transnacionais em algumas das experiências analisadas. Em certas circunstâncias, os imigrantes, tanto durante o período vivido no exterior como após o retorno ao Brasil, mantêm relações sociais e fortalecem vínculos com indivíduos e grupos dos países implicados e criam um campo migratório ou um espaço social transnacional, no qual ocorre a manutenção de laços de toda natureza entre os sujeitos, o que pode desencadear novos deslocamentos.

De toda forma, é possível notar que as situações de retorno são distintas, refletindo o caráter multifacetado das migrações. No caso, por exemplo, das motivações para regressar ao país de origem, identificamos que elas podem estar vinculadas tanto ao fracasso relacionado

aos objetivos iniciais, quanto ao alcance das metas nos países de destino. Observamos também situações de retorno continuado, isto é, que culminaram em novas emigrações, devido a desafios e a conflitos na readaptação e na reintegração ao Brasil. Ainda, a questão da regularidade do status migratório foi realçada em um caso específico de retorno forçado, a saber, a deportação. Apesar das diferenças encontradas, salientamos que a saudade do Brasil, da família e do calor humano brasileiro pareceu permear todas as experiências, contribuindo subjetivamente para a decisão de retornar.

Contudo, o fato de regressar não é simples quando consideramos as mudanças dos espaços sociais e das pessoas envolvidas no contexto social do retornado. Por essa razão, o processo de readaptação e de reintegração, por vezes, não se completa. Essa situação é ainda mais complexa se o país enfrenta questões estruturais relacionadas às crises políticas, sociais e econômicas, como é o caso do Brasil, desde 2015, trazendo graves consequências para a população, como a competitividade, a queda de oferta de trabalho e emprego, a diminuição de qualidade de vida, o aumento da violência, entre outras. Como implicação, cresce a possibilidade de circularidade e de novas emigrações. Nesse sentido, ponderamos que esses novos deslocamentos podem ser facilitados e viabilizados pelas redes sociais e pelas práticas transnacionais que minimizam os riscos e constrangimentos e, assim, a emigração pode ser incentivada.

No que concerne às identidades no contexto do retorno, ressaltamos que a possibilidade de se beneficiar delas enquanto uma estratégia de readaptação deve-se justamente ao seu caráter instável e móvel e, portanto, em constante construção e suscetível a hibridações que podem acrescentar elementos importantes para a negociação identitária.

Acreditamos que a realização desta pesquisa agregou importantes conhecimentos e perspectivas ao campo de estudos das migrações internacionais. No caso específico do Brasil, o estudo mostrou, por meio das distintas experiências vivenciadas por nossos interlocutores no exterior e no regresso, a construção e negociação das identidades, os modos de vida e de pensar incorporados e as variadas percepções sobre a problemática do retorno.

Observamos que este fenômeno social apresenta particularidades, encontradas e discutidas nas situações analisadas, podendo vir a ser consideradas também em uma escala maior. A compreensão dos desafios plurais do regresso é fundamental para as instituições governamentais e não governamentais que tem o migrante retornado como público-alvo de suas iniciativas. Consideramos que as questões práticas e objetivas, como a reinserção no mercado de trabalho, são essenciais e devem permanecer no escopo das políticas públicas

migratórias, sendo aperfeiçoadas permanentemente. Contudo, avaliamos que deve ser englobado também o aspecto subjetivo implicado no retorno, com destaque aos os processos identitários, que parecem ocupar uma posição central nas dinâmicas de readaptação e de reintegração ao país de origem.

Entendemos que a migração internacional e as identidades são temáticas relevantes para as Ciências Sociais, a partir das quais podem se desdobrar estudos diversos acerca, por exemplo, dos impactos sociais, culturais, econômicos e políticos da migração nas sociedades de destino e de origem; das dinâmicas de (re)adaptação e de (re)integração; dos modos de vida dos imigrantes; dos efeitos nos mercados de trabalho internacionais; da diversidade cultural, da interculturalidade e da tolerância com a diferença; das gerações de imigrantes; da educação internacional, e dos desafios e potencialidades que os imigrantes representam. Conforme as narrativas dos interlocutores dessa pesquisa e considerando suas trajetórias e experiências, é provável que novas emigrações aconteçam, inclusive podendo estar associadas aos problemas sociais, econômicos e políticos atualmente enfrentados pelo Brasil, bem como associadas ao desejo dessas pessoas de buscarem melhores condições de vida. De tal forma, novos fluxos de emigração podem suscitar novos estudos e abordagens do fenômeno. Como aconteceu nas décadas de 1980, com a emigração de brasileiros, e posteriormente, na de 2000, com o regresso de parte desses imigrantes, novas corrente e contra-correntes migratórias equivalentes poderão ser desencadeadas.

Essa empreitada intelectual nos proporcionou aprendizados e reflexões, inclusive pessoais, através das histórias de vida compartilhadas por nossos entrevistados. Percebemos que as experiências internacionais são responsáveis por produzir profundas transformações nos sujeitos e nos seus contextos sociais, de modo que, quem vai nunca volta a mesma pessoa. Em outras palavras, aprendemos sobre o olhar positivo diante das dificuldades, a resiliência, a tolerância, as superações, as mudanças nas representações e a valorização de coisas e de pessoas tão importantes, mas que, antes da migração internacional, eram consideradas banais. Compreendemos que, se existe um sonho, devemos tentar realizá-lo. Mesmo que os resultados não sejam os esperados, o esforço de ter tentado já é de grande valia.

Por fim, cabe registrar que não era nossa intenção esgotar o tema, o que foi confirmado ao terminar esta dissertação. Ao contrário, nossa pesquisa aludiu para questões mais complexas das que havíamos planejado. O fenômeno das migrações aponta para a possibilidade e para a necessidade de maiores aprofundamentos, não só no quesito retorno, mas nos diferentes aspectos traduzidos nesse processo. Dessa forma, podemos afirmar que o estudo da migração indica novos desenhos e abordagens de pesquisa que futuramente poderão

se concretizar, seja em projetos acadêmicos ou em intervenções no campo das políticas públicas, das relações internacionais e das ciências sociais.



## REFERÊNCIAS

- ALAMI, Sophie; DESJEUX, Dominique; GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle. A pesquisa de Campo. In: ALAMI, Sophie; DESJEUX, Dominique; GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle. **Os métodos qualitativos**. Tradução de Luis Alberto S. Peretti. Petrópolis: Vozes, 2010, Cap. 4, p. 87-120.
- ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de; BAENINGER, Rosana. Modalidades migratórias internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais. In: BAENINGER, Rosana (Org.). **Migração internacional**. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013. p.23-34. (Por dentro do Estado de São Paulo, 9).
- ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. Circulação estudantil e imigração brasileira na França. In: BAENINGER, Rosana (Org.). **Migração internacional**. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013. p. 205-221 (Por dentro do Estado de São Paulo, 9).
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- ANICIO, Luciana Martins; FERNANDES, Duval Magalhães. Percepção da migração internacional de retorno em Poté e Botelhos após a crise mundial de 2008. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 18., 2012, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia: ABEP, 2012. p. 1-19. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER\[372\]ABEP2012.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER[372]ABEP2012.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2015.
- ASSIS, Gláucia Oliveira de. Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valaderense para os EUA. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa. (Org.) **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 125-166.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DEFESA DA MULHER, DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE. Disponível em: <[www.asbrad.com.br](http://www.asbrad.com.br)>. Acesso em 24 ago. 2016.
- BAENINGER, Rosana. Notas acerca das migrações internacionais no século 21. In: BAENINGER, Rosana (Org.). **Migração internacional**. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013.p. 9-22. (Por dentro do Estado de São Paulo, 9).
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, José Marcio. O rodar do moinho: notas sobre a antropologia e o conceito de cultura. **Cadernos de Ciências Sociais**, Belo Horizonte, v.3, n.3, p. 5-13, abr. 1993.
- BARTH, Frederik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução de John Cunha Comerford Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. (Typographos, 2).
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W;

GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. Cap. 8, p. 189-217.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BHABA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Euana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1998.

BHABA, Homi K. O terceiro espaço. Uma entrevista com Homi Bhabha (Conduzida por Jonathan Rutherford. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 25, p. 35-41, 1996. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat24.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2016.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Tradução e Organização de Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOTEGA, Tuíla; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu (Orgs.). **Migrações Internacionais de Retorno no Brasil**. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego. Relatório, 2015. Disponível em: <<http://acesso.mte.gov.br/obmigra/migracao-de-retorno/>>. Acesso em: 15 out. 2015.

BOTEGA, Tuíla; RUANO, Elizabeth. A dimensão do retorno nas narrativas de migrantes paraguaias e brasileiras. In: VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; BOTEGA, Tuíla (Orgs.). **Política migratória e o paradoxo da globalização**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 209-234. (Migrações, 19)

BRASIL. **Estatuto do Estrangeiro: Regulamentação e legislação correlata**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013.

BRASIL. Lei nº 6.815 de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 22. 8. 1980. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6815.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6815.htm)>. Acesso em: 01 ago. 2016.

BRASIL. Lei nº 6.964 de 9 de dezembro de 1981. Altera disposições da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, que "define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10. 12. 1981. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6964.htm#ART11](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6964.htm#ART11)>. Acesso em: 05 jun. 2016.

BRASIL. Lei nº 9.474 de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23. 7. 1997. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm)>. Acesso em: 05 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Previdência Social. **Acordos Internacionais – Português**. Brasília, 2016a. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/a-previdencia/assuntos-internacionais/assuntos-internacionais-acordos-internacionais-portugues/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Brasileiros no Mundo. **Censo IBGE estima brasileiros no exterior em cerca de 500 mil**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Brasileiros no Mundo, 2016b. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-exterior-em-cerca-de-500-mil/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Guia de retorno ao Brasil. Informações úteis sobre serviços e programas de acolhimento**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Divisão de Assistência Consular: 2010. Disponível em: <<http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/images/cartilhas/guia-retorno.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Portal do Retorno**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2016c. Disponível em: <<http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Fórum de Participação Social (FPS)**. Brasília, 2016d. Disponível em: <<http://www.mtps.gov.br/mais-informacoes/cni/forum-de-participacao-social>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Carta de São Paulo: Ampliar o papel de diálogo social na construção de políticas migratórias**. Brasília, 2016e. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/mais-informacoes/cni/forum-de-participacao-social/i-dialogos-de-participacao-social/carta-de-sao-paulo-2016>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

CAIAFA, Janice. A pesquisa etnográfica. In: CAIAFA, Janice. **A aventura nas cidades. Ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 135-181

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Terras Devolutas**. Agência Câmara Notícias, 2006. Disponível em: <[www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/81573.html](http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/81573.html)>. Acesso em: 20 ago. 2016.

CAMPOS, Marden Barbosa de. As redes migratórias e sua dimensão espacial. In: ENCONTRO NACIONAL ESPAÇO, PLANEJAMENTO E INSURGÊNCIAS, 16., 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPUR, 2015, p. 1-20. Disponível em: <[http://xvienanpur.com.br/anais/?wpfb\\_dl=181](http://xvienanpur.com.br/anais/?wpfb_dl=181)>. Acesso em: 22 out. 2015.

CANALES, Alejandro I. **E PUR SI MUOVE: Elementos para una teoría de las migraciones em el capitalismo global**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2015.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, Desiguais e Desconectados: Mapas da interculturalidade**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

CARVALHO, José Alberto M. de. O saldo dos fluxos migratórios internacionais no Brasil na

década de 80: uma tentativa de estimação. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 3-14, 1996. Disponível em: <[http://www.rebep.org.br/index.php/revista/article/view/442/pdf\\_417](http://www.rebep.org.br/index.php/revista/article/view/442/pdf_417)>. Acesso em: 18 dez. 2015.

CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 21, n. 41, p. 21-54, 2º sem. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-85852013000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000200003)>. Acesso em 16 out. 2015.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. (Orgs.) **A sociedade em rede: do conhecimento à política**. Tradução de Tânia Soares, Cristina Cunha, Rita Espanha, Túlia Marques e Luís Reis Ribeiro. Belém: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006. Disponível em: <[http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a\\_sociedade\\_em\\_rede\\_-\\_do\\_conhecimento\\_a\\_acao\\_politica.pdf](http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2015.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. (Orgs.). **A sociedade em rede: do conhecimento à política**. Tradução de Rita Espanha. Belém: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006, p. 17-30. Disponível em: <[http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a\\_sociedade\\_em\\_rede\\_-\\_do\\_conhecimento\\_a\\_acao\\_politica.pdf](http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2015.

CASTLES, Stephen. **International Migration at the beginning of the twenty-first century: Global Trends and Issues**. UNESCO, 2000.

CAVALCANTI, Leonardo; PARELLA, Sonia. El retorno desde una perspectiva transnacional. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 21, n. 41, p. 9-20, 2º sem. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-85852013000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000200002)>. Acesso em: 18 dez. 2015.

CENTRO DE INFORMAÇÃO E ASSESSORIA TÉCNICA. **Convênio entre CIAAT e OIM/Portugal garante assistência a brasileiros retornados**. Governador Valadares: CIAAT, 2012. Disponível em: <[www.ciaatgv.com.br/noticia/convenio-entre-ciaat-e-oim-portugal-garante-assistencia-a-brasileiros-retornados](http://www.ciaatgv.com.br/noticia/convenio-entre-ciaat-e-oim-portugal-garante-assistencia-a-brasileiros-retornados)>. Acesso em: 10 ago. 2016.

CENTRO SCALABRINIANO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS (Org.). **Mulher Migrante: Agente de resistência e transformação**. Brasília: CSEM, 2014. (Caminhos, 6). Disponível em: [http://csem.org.br/images/livros/caminhos/Relatorio\\_de\\_pesquisa\\_CSEM\\_Mulheres\\_migrant es.pdf](http://csem.org.br/images/livros/caminhos/Relatorio_de_pesquisa_CSEM_Mulheres_migrant_es.pdf). Acesso em 25 out. 2016.

CHIZZOTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

COMISSÃO DE ESPECIALISTAS. **Anteprojeto de lei de migrações e promoção dos direitos dos migrantes no Brasil**. Brasília: Fundação Friedrich Ebert, 2014. Disponível em: <[library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10947.pdf](http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10947.pdf)>. Acesso em: 01 ago. 2016.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DAMATTA, Roberto Augusto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DIA, Ibrahima Amadou. Migrations internationales estudiantines, internationalisation de l'enseignement supérieur et fuite des cerveaux. **Global migration perspectives**, Geneva, n. 54. p. 1-32, 2005. Disponível em: <[https://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/policy\\_and\\_research/gcim/gmp/gmp54.pdf](https://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/policy_and_research/gcim/gmp/gmp54.pdf)>. Acesso em: 05 nov. 2016.

DORNELAS, Sidnei Marco. O Retorno segundo Abdelmalek Sayad. O retorno: Elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia. Revista do migrante**, Brasília, v. 13, Número especial, p. 3-4, 2000.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Tradução de Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

DURAND, Jorge. Los inmigrantes también emigran: La migración de retorno como corolario del proceso. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 14, n. 26/27, p. 167-189, 2006. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/40>>. Acesso em: 20 out. 2015.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. (O sistema totêmico na Austrália). Introdução e conclusão. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. In: COMTE, Auguste; DURKHEIM, Émile. **Os pensadores XXXIII**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973, p. 505-547.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do "retorno". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 25, n. 72, p.89-176, fev. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092010000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092010000100007)>. Acesso em: 20 out. 2016.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação G. Migração e crise: o retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 21, n. 41, p. 99-116, 2º sem. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-85852013000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000200006)>. Acesso em 18 dez. 2015.

FERNANDES, Duval. et al. **Relatório de Pesquisa: Fatores positivos e obstáculos para a Reintegração Sustentável no Brasil**. Lisboa: Organização Internacional para as Migrações, 2013. Disponível em: <<http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Retorno/pt-br/file/Vers%C3%A3o%20final%20estudo%20OIM%20em%20portugu%C3%AAs.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

FIRMEZA, George Torquato. **Brasileiros no exterior**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2007.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

FRANKEN, Ieda; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; RAMOS, Maria Natália Pereira. Representações sociais, saúde mental e imigração internacional. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, vol.32, n.1, p. 202-219, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932012000100015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000100015). Acesso em 01 fev. 2016.

FREITAS, Maria Ester de; DANTAS, Marcelo. O estrangeiro e o novo grupo. **Revista de Administração de Empresas FGV**, São Paulo, v.51, n. 6, p. 601-608, novembro/dezembro 2011. Disponível em: [http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590\\_S003475902011000600007\\_0.pdf](http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S003475902011000600007_0.pdf). Acesso em: 22 jun. 2016.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. Cap. 3, p. 64-89.

GEERTZ, Clifford. **Atrás dos fatos**. Dois países, quatro décadas, um antropólogo. Tradução de Denise Jardim Duarte. Petrópolis: Vozes, 2012.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

G MELCH, George. Return Migration. **Annual Review of Anthropology**, v. 9, p. 135-159, 1980. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2155732>. Acesso em: 27 jul. 2016.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GONÇALVES, Maria Ortelinda Barros. **Migrações e desenvolvimento**. Porto: Fronteira do Caos Editores, 2009. (Os Portugueses no Mundo, 2).

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 95-124.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Ed.). **Representation**. Cultural representations and Signifying practices. Londres: The Open University, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 103-131.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. IBGE: Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010: Características da População e dos Domicílios. Resultados do Universo**. IBGE: Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-do-ibge/censo-demografico-ibge-2010.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010: Nupcialidade, fecundidade emigração: resultados da amostra**. IBGE: Rio de Janeiro, 2010a. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd\\_2010\\_nupcialidade\\_fecundidade\\_migracao\\_amostra.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf)>. Acesso em: 28 jul. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: Questionário da Amostra**. Características do Morador. Migração interna e migração internacional. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/coleta/questionarios.html>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: Questionário Básico**. Para domicílios particulares. Emigração Internacional. Rio de Janeiro: IBGE, 2010c. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/coleta/questionarios.html>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **Glossary on Migration**. 2. ed. Geneva: IOM, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O campo da antropologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural II**. Tradução de Maria do Carmo Pandolfo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, p. 11-40.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 11-45.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Magia e Religião. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 179-257.

MARCARIAN, Eduardo S. Lugar e papel das investigações da cultura nas ciências sociais modernas. In: ENGELS, Friedrich et al. **O papel da cultura nas ciências sociais**. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980, p. 93-114.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 73, p. 45-66, 2005. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/954>>. Acesso em: 16 jul de 2015.

MARTINS, Paulo Henrique; GUERRA, Juliana de Farias Pessoa. Durkheim, Mauss e a atualidade da escola sociológica francesa. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 15, n. 34, p.186-218, 2º sem. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v15n34/08.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

MASSEY, Douglas. Economic development and international migration in comparative perspective. **Population and Development Review**, New York, v. 14, n. 3, p. 383-413, 1988. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/1972195?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/1972195?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 23 jan. 2016.

MASSEY, Douglas S. et al. Theories of International Migration: A Review and Appraisal. **Population and Development Review**, New York, v. 19, n. 3, 1993, p. 431-466. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/2938462?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/2938462?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MATHEWS, Gordon. **Cultural Global e Identidade individual: à procura de um lar no supermercado cultural**. Tradução de Mário Mascherpe. Bauru: EDUSC, 2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2007

MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. 2. Reimpressão 2007. São Paulo: Cosac Naify 2003, p. 185 – 314.

MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações e mobilidades: Repensando teorias, tipologias e conceitos. In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antônio Mendes da Costa; BAENINGER, Rosana. (Orgs.). **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras**. Marília: Editora UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 21-40. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/migracoes2\\_ebook.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/migracoes2_ebook.pdf)>. Acesso em 17 out. 2015.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Tradução de Maria Luiza C. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Migração e tráfico internacional de pessoas**. Guia de referência para o Ministério Público Federal. MPF: Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/ce/publicacoes/arquivos-de-publicacoes/migracao-e-traffic-internacional-de-pessoas-1/view>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

NUNES, Aloysio. **Projeto de Lei nº 288, de 2013**. Institui a Lei da Migração e regula entrada e estada de estrangeiros no Brasil. Brasília, 2013. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/113700>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

NUNES, Aloysio. **Projeto de Lei nº 2516, de 2015**. Institui a Lei de Migração. Brasília, 2015. Disponível em: <[www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1594910](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1594910)>. Acesso

em 01 ago. 2016.

OLIVEIRA, Antonio Tadeu s de. Um panorama da migração internacional a partir do censo demográfico de 2010. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 21, n. 40, p. 195-210, 1º sem. 2013. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-85852013000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000100012)>. Acesso em: 12 nov. 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15, 2000, Cap. 1, p. 17-36.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2006; Brasília: Paralelo 15, 2006.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **A OIM e o apoio à reintegração**. OIM: Genebra, 2012a. Disponível em:

<<http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Retorno/pt-br/file/FACT%20SHEET%20MAD%20-%20PT%20-%20A%20OIM%20E%20O%20APOIO%20A%20REINTEGRACAO.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2016.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **Programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração**. OIM: Genebra, 2012b. Disponível em:

<<http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Retorno/pt-br/file/FACT%20SHEET%20MAD%20-PT-%20PROGRAMA%20DE%20APOIO%20AO%20RETORNO%20VOLUNTARIO.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações Internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2º sem. 2005. Disponível em: <

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392005000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300002)>. Acesso em: 02 jul. 2016.

PATARRA, Neide Lopes. O Brasil: país de imigração? **E-metropolis. Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, p. 6-18, jun. 2012. Disponível em:

<[http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo\\_pdfs/000/000/008/original/emetropolis\\_n09.pdf?1447896326](http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo_pdfs/000/000/008/original/emetropolis_n09.pdf?1447896326)>. Acesso em: 02 jul. 2016.

PEIXOTO, João. As Teorias Explicativas das Migrações: teorias micro e macro-sociológicas. **SOCIUS Working Papers**, Lisboa, n.11, p. 1-36, 2004. Disponível em:

<<http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200411.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2016.

PEREIRA, Sônia; SIQUEIRA, Sueli. Migração, retorno e circularidade: Evidência da Europa e Estados Unidos. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 21, n. 41, p. 117-138. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000200007&script=sci_arttext)>. Acesso em 20 out. 2015.

PORTAL BRASIL. **Núcleo de apoio a trabalhadores que voltam do exterior recebe mais de 120 pessoas em 20 dias.** Brasília: Portal Brasil, 2011. Disponível em: <[www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2011/02/nucleo-de-apoio-a-trabalhadores-que-voltam-do-exterior-recebe-mais-de-120-pessoas-em-20-dias](http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2011/02/nucleo-de-apoio-a-trabalhadores-que-voltam-do-exterior-recebe-mais-de-120-pessoas-em-20-dias)>. Acesso em: 25 jun. 2016.

PORTES, Alejandro. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. Tradução de João Paulo Moreira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 69, p. 73-93, out. 2004,. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/69/RCCS69-073-093-Alejandro%20Portes.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

PROJETO RESGATE. Disponível em: <[www.projektresgate.ch/main-pt/about.html](http://www.projektresgate.ch/main-pt/about.html)>. Acesso em: 24 ago. 2016.

RAVENSTEIN, Ernst George. The Laws of migration. **Journal of the Statistical Society of London**, Londres, v. 48, n. 2, p. 167-235, Jun. 1885. Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/2979181?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/2979181?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 04 ago.

RIBEIRO, Gustavo Lins. O que faz o Brasil, Brazil. Jogos identitários em São Francisco. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa. (Org.) **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 45-85.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. **Das Migrações às Interculturalidades**. Porto: Edições Afrontamentos. 2015.

ROGERS, Everett. M. **Diffusion of Innovations**. 3. ed. Nova York: The Free Press, 1983. Londres: Collier MacmillanPublishers, 1983.

SALES, Teresa. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston - EUA. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa. (Org.) **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 17-44.

SANTOS, Miriam de Oliveira. A noção de identidade e seus usos nos estudos migratórios. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 18, n. 34, p. 27-43, 1º sem. 2010. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/207/190>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

SASAKI, Elisa Massae. Movimento *dekassegui*: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa. (Org.) **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 243-274.

SASSEN, Saskia. A criação de migrações internacionais. In: SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010. Cap. 5, p. 113-138.

SASSEN, Saskia. Regulating Immigration in a Global Age: A New Policy Landscape. **Parallax**, Londres, v. 11, n. 1, p. 35-45, 2005. Disponível em: <[http://www.tandfonline.com/toc/tpar20/11/1#.U\\_3uyO10zIU](http://www.tandfonline.com/toc/tpar20/11/1#.U_3uyO10zIU)>. Acesso em: 27 jul. 2015.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. Tradução de Cristina

Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno. Elemento constitutivo da condição do imigrante. In: **Travessia. Revista do migrante**, Brasília, v. 13, Número especial, 2000.

SEYFERTH, Giralda. **A dimensão cultural da imigração**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 26 n° 77. Outubro/2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n77/07.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 117-149, março/maio 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

SEYFERTH, Giralda. Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. **Anais...** Brasília: ABANT, 2008, p. 1-20. Disponível em: [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/mesas\\_redondas/trabalhos/MR%2012/giralda%20seyferth.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2012/giralda%20seyferth.pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SCHÜTZ, Alfred. O estrangeiro – Um ensaio em psicologia social. Tradução de Márcio Duarte e Michael Hanke. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 113, p. 117-129, out. 2010.

SILVA, Luíza Lopes da. Políticas de Apoio aos Imigrantes Retornados: Iniciativas da Área Consular do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, vol. 21, n. 40, p. 295-304, 2º sem. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000200016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000200016&script=sci_arttext)>. Acesso em 23 jan. 2016.

SILVA, Romerito Valeriano. **Por que, apesar da crise, alguns voltam e outros ficam? Uma análise comparativa da imigração de retorno de Portugal para o Brasil**. 2015. 253 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 73-102.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. Tradução de Mauro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 5, n. 12, p. 350-357, dez. 2005. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSEv4n12dez2005.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2016.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil-Estados Unidos**. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009.

SOARES, Weber. Da associação entre os retornados internacionais e os intermediários da rede migratória valaderense. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 17, n. 32, p. 47-59, 1º sem. 2009. Disponível em: <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/144>>. Acesso em: 16out. 2015.

STOCKING JUNIOR, George W. (Org. e Introdução). Os pressupostos básicos da

antropologia de Boas. In: BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana, 1883-1911**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, p. 15-38.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n1/a10v20n1>>. Acesso em 22 jan. 2016.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Migrant/Migration**. 2016. Disponível em: <[www.unesco.org/new/en/social-and-human-sciences/themes/international-migration/glossary/migrant/](http://www.unesco.org/new/en/social-and-human-sciences/themes/international-migration/glossary/migrant/)>. Acesso em: 27 jul. 2016.

VALLES, Miguel S. Entrevistas cualitativas. **Cuadernos Metodológicos**, Madrid, n. 32, p. 11-36 e 135-153, 2002.

VASCONCELOS, Beto. **Nova Lei da Imigração é estratégica para o desenvolvimento socioeconômico**. Youtube, 14 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JkkgFUChceU>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito do capitalismo"**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7-72.

### APÊNDICE A – Principais teorias migratórias

Teoria	Característica
<b>Econômicas neoclássicas</b>	Macro: migração é resultado de diferenças salariais e condições de trabalho entre os países; mercado de trabalho induz os fluxos migratórios internacionais
	Micro: foco na escolha racional sobre a migração, seus custos e responsabilidades; cálculo custo-benefício para avaliação de possível retorno financeiro advindo da migração.
<b>Nova economia da migração</b>	Considera o potencial migrante inserido em um contexto social mais amplo; migração não é uma escolha individual, mas sim coletiva que considera a maximização da renda e a minimização dos riscos.
<b>Mercado de trabalho segmentado</b>	Pressupõe a complementaridade entre trabalhador migrante e trabalhador nativo, considera a existência de fatores de atração no país de destino, e não apenas de expulsão no país de origem.
<b>Sistema mundial</b>	Populações se deslocam devido à expansão das relações capitalistas entre os países no contexto da globalização econômica.
<b>Redes sociais</b>	Laços sociais ligam as sociedades de origem e destino desencadeando e perpetuando fluxos migratórios.
<b>Causalidade cumulativa</b>	Fluxos migratórios se sustentam devido à redução de incertezas e provisão de informações sobre o país de destino que circulam nas redes sociais.
<b>Transnacionalismo</b>	Diz respeito aos migrantes que buscam se manter social e fisicamente entre as duas sociedades – destino e o origem – sustentando remessas sociais e econômicas entre as duas localidades.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos autores discutidos no item 3.3 do Capítulo 3, 2016.



## ANEXO A – Questionário da Amostra – Censo Demográfico 2010

6	<b>CARACTERÍSTICAS DO MORADOR</b>	
<b>MIGRAÇÃO INTERNA E IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL</b>		
<p>6.18 - NASCEU NESTE MUNICÍPIO?</p> <p><input type="checkbox"/> 1 - SIM E SEMPRE MOROU (Se 5 anos ou mais de idade, passe 6.27. Caso contrário, passe ao 6.28)      <input type="checkbox"/> 2 - SIM MAS MOROU EM OUTRO MUNICÍPIO OU PAÍS ESTRANGEIRO (Passe ao 6.23)      <input type="checkbox"/> 3 - NÃO (Siga 6.19)</p>		
<p>6.19 - NASCEU NESTA UNIDADE DA FEDERAÇÃO (ESTADO)?</p> <p><input type="checkbox"/> 1 - SIM, E SEMPRE MOROU (Passe ao 6.24)      <input type="checkbox"/> 2 - SIM, MAS MOROU EM OUTRA UNIDADE DA FEDERAÇÃO OU PAÍS ESTRANGEIRO (Passe 6.23)      <input type="checkbox"/> 3 - NÃO (Siga 6.20)</p>		
<p>6.20 - QUAL É A SUA NACIONALIDADE?</p> <p><input type="checkbox"/> 1 - BRASILEIRO NATO (Passe ao 6.22)      <input type="checkbox"/> 2 - NATURALIZADO BRASILEIRO (Siga 6.21)      <input type="checkbox"/> 3 - ESTRANGEIRO (Siga 6.21)</p>		
<p>6.21 - EM QUE ANO FIXOU RESIDÊNCIA NO BRASIL?</p> <p style="text-align: center;"> <input style="width: 40px; height: 20px; border: 1px solid black;" type="text"/> ANO            Siga 6.22         </p>	<p>6.22 - QUAL É A UNIDADE DA FEDERAÇÃO (ESTADO) OU PAÍS ESTRANGEIRO DE NASCIMENTO?</p> <p><input type="checkbox"/> 1 - UNIDADE DA FEDERAÇÃO      <input type="checkbox"/> 2 - PAÍS ESTRANGEIRO</p> <p style="text-align: center;"> <input style="width: 40px; height: 20px; border: 1px solid black;" type="text"/> 6.221 - UNIDADE DA FEDERAÇÃO      <input style="width: 40px; height: 20px; border: 1px solid black;" type="text"/> 6.223 - PAÍS ESTRANGEIRO            Siga 6.23         </p>	
<p>6.23 - HÁ QUANTO TEMPO MORA SEM INTERRUÇÃO NESTA UNIDADE DA FEDERAÇÃO (ESTADO)? (SE INFERIOR A 1 ANO, REGISTRE ZERO)</p> <p style="text-align: center;"> <input style="width: 40px; height: 20px; border: 1px solid black;" type="text"/> Siga 6.24         </p>	<p>6.24 - HÁ QUANTO TEMPO MORA SEM INTERRUÇÃO NESTE MUNICÍPIO? (SE INFERIOR A 1 ANO, REGISTRE ZERO)</p> <p style="text-align: center;"> <input style="width: 40px; height: 20px; border: 1px solid black;" type="text"/> NÚMERO DE ANOS            (Se mora há menos de 10 anos, siga 6.25.)            (Se mora há 10 anos ou mais e tem 5 anos ou mais de idade, passe ao 6.27)            (Caso contrário, passe ao 6.28)         </p>	
<p>6.25 - EM QUE UNIDADE DA FEDERAÇÃO (ESTADO) E MUNICÍPIO OU PAÍS ESTRANGEIRO MORAVA ANTES DE MUDAR-SE PARA ESTE MUNICÍPIO?</p> <p><input type="checkbox"/> 1 - UNIDADE DA FEDERAÇÃO/MUNICÍPIO      <input type="checkbox"/> 2 - PAÍS ESTRANGEIRO</p> <p style="text-align: center;"> <input style="width: 40px; height: 20px; border: 1px solid black;" type="text"/> 6.251 - UF      <input style="width: 40px; height: 20px; border: 1px solid black;" type="text"/> 6.255 - PAÍS ESTRANGEIRO  <input style="width: 40px; height: 20px; border: 1px solid black;" type="text"/> 6.253 - MUNICÍPIO         </p> <p style="text-align: right;">           (Se no quesito 6.24 mora há menos de 6 anos e tem 5 anos ou mais de idade, siga 6.26)            (Se no quesito 6.24 mora há 6 anos ou mais e tem 5 anos ou mais de idade, passe ao 6.27)            (Se tiver menos de 5 anos de idade, passe ao 6.28)         </p>		
<p>6.26 - EM QUE UNIDADE DA FEDERAÇÃO (ESTADO) E MUNICÍPIO OU PAÍS ESTRANGEIRO MORAVA EM 31 DE JULHO DE 2005?</p> <p><input type="checkbox"/> 1 - UNIDADE DA FEDERAÇÃO/MUNICÍPIO      <input type="checkbox"/> 2 - PAÍS ESTRANGEIRO</p> <p style="text-align: center;"> <input style="width: 40px; height: 20px; border: 1px solid black;" type="text"/> 6.261 - UF      <input style="width: 40px; height: 20px; border: 1px solid black;" type="text"/> 6.265 - PAÍS ESTRANGEIRO  <input style="width: 40px; height: 20px; border: 1px solid black;" type="text"/> 6.263 - MUNICÍPIO         </p> <p style="text-align: right;">           (Se tem 5 anos ou mais de idade, siga 6.27.            Caso contrário, passe ao 6.28)         </p>		

Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010b)



**ANEXO B – Questionário Básico – Censo Demográfico 2010**

<b>3 PARA DOMICÍLIOS PARTICULARES - EMIGRAÇÃO INTERNACIONAL</b>				
3.01 - ALGUMA PESSOA QUE MORAVA COM VOCÊ(S) ESTAVA MORANDO EM OUTRO PAÍS EM 31 DE JULHO DE 2010? <input type="checkbox"/> 1 - SIM (Siga 3.02) <input type="checkbox"/> 2 - NÃO (Passe ao 4.01)				
3.02 - NOME Siga 3.03	3.03 - SEXO 1 - M    2 - F Siga 3.04	3.04 - ANO DE NASCIMENTO Siga 3.05	3.05 - ANO DA ÚLTIMA PARTIDA PARA MORAR EM OUTRO PAÍS Siga 3.06	3.06 - PAÍS DE RESIDÊNCIA EM 31 DE JULHO DE 2010 Siga 4.01
<input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/> ano	<input type="text"/> ano	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/> ano	<input type="text"/> ano	<input type="text"/>
<input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/> ano	<input type="text"/> ano	<input type="text"/>

Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010c)



### ANEXO C – As Leis da Migração de Ravenstein

Lei	Característica Principal	Descrição
1	Migração e distância	A maioria dos migrantes deslocam-se para curtas distâncias e os que se deslocam para mais longe preferem fazê-lo para grandes centros de comércio e de indústria.
2	Migração por etapas	O processo de atração de migrantes para uma cidade em rápido crescimento começa pela periferia e gradualmente se estende para lugares mais remotos. O processo de dispersão é inverso ao de atração.
3	Correntes e contracorrentes	Cada corrente migratória produz uma contracorrente compensadora; os fluxos migratórios seriam caracterizados pela existência de movimentos populacionais de ida e de volta, ou seja, para todo o grupo de migrantes que se deslocasse em determinada direção (corrente) existiria um movimento na direção contrária e de menor intensidade (contracorrente), que poderia ser representado pelo grupo dos chamados migrantes de retorno.
4	Propensão relativa das populações rurais e urbanas para a emigração	A população rural é mais propensa a migrar do que a urbana.
5	Preponderância do contingente feminino nas migrações de curta distância	Nas migrações de curta distância há uma forte tendência das mulheres a migrar mais do que os homens, enquanto nas de longa distância ocorre o contrário.
6	Relação da tecnologia com as migrações	O desenvolvimento dos meios de transporte e a expansão da indústria e do comércio induzem ao aumento dos fluxos migratórios.
7	Motivos econômicos	Leis opressivas, climas pouco atrativos, agravamento de impostos foram, e continuam a ser, responsáveis pelas correntes migratórias. Mas nenhuma dessas razões supera as que estão na origem do desejo intrínseco à maioria dos homens de melhorar as suas condições materiais de existência.

Fonte: (SILVA, 2015, p. 38-39).



**ANEXO D- Pessoas que residiam em um país estrangeiro há cinco anos antes da data de referência do censo e participação relativa segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação – 1995/2000 e 2005-2010**

Pessoas que residiam em país estrangeiro há cinco anos antes da data de referência do censo e participação relativa segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação – 1995/2000 e 2005/2010.

País, Região ou Unidade da Federação	Imigrantes		Participação relativa (%)	
	1995/2000	2005/2010	1995/2000	2005/2010
<b>Brasil</b>	<b>143.644</b>	<b>268.295</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
Norte	7.538	15.661	5,2	5,9
Rondônia	1.124	3.605	0,8	1,4
Acre	699	891	0,5	0,3
Amazonas	2.033	3.626	1,4	1,3
Roraima	1.225	1.089	0,9	0,4
Pará	1.716	4.471	1,2	1,7
Amapá	501	874	0,3	0,3
Tocantins	240	1.105	0,2	0,4
Nordeste	8.456	23.169	5,9	8,5
Maranhão	244	1.442	0,2	0,5
Piauí	269	433	0,2	0,2
Ceará	1.405	3.750	1	1,4
Rio Grande do Norte	669	1.754	0,5	0,7
Paraíba	589	1.965	0,4	0,7
Pernambuco	1.927	3.960	1,3	1,5
Alagoas	220	571	0,2	0,2
Sergipe	189	411	0,1	0,2
Bahia	2.943	8.882	2	3,2
Sudeste	62.039	134.659	43,2	50,2
Minas Gerais	8.310	27.566	5,8	10,3
Espírito Santo	1.514	6.333	1,1	2,4
Rio de Janeiro	13.373	18.947	9,3	7,1
São Paulo	38.842	81.813	27	30,4
Sul	47.944	62.777	33,4	23,5
Paraná	32.011	39.119	22,3	14,6
Santa Catarina	6.328	12.219	4,4	4,6
Rio Grande do Sul	9.604	11.439	6,7	4,3
Centro-Oeste	17.667	32.029	12,3	11,9
Mato Grosso do Sul	8.322	9.040	5,8	3,4
Mato Grosso	3.359	3.994	2,3	1,6
Goiás	2.218	12.540	1,5	4,6
Distrito Federal	3.768	6.455	2,6	2,3

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Fonte: (OLIVEIRA, 2013, p. 198).



## ANEXO E – Tipologias de retorno

Autor	Tipologia
<b>Cassarino (2004)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Retornados com alto nível de preparo (preperdeness)</i>: são os que organizam o retorno de forma autônoma, considerando o contexto do país de origem e mobilizando os recursos necessários para lá efetivar seus projetos.</li> <li>• <i>Retornados com baixo nível de preparo</i>: são aqueles que têm pouco tempo de migração para acumular os recursos necessários e dependem dos recursos disponíveis na origem para sua reintegração.</li> <li>• <i>Sem nível de preparo para retornar</i>: são aqueles que foram obrigados a retornar (deportação ou recusa do pedido de asilo).</li> </ul>
<b>Durand (2006)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Retorno voluntário do migrante estabelecido</i>: refere-se ao migrante que regressa voluntariamente depois de um grande período no estrangeiro, após ter adquirido os documentos e outra nacionalidade.</li> <li>• <i>Retorno do migrante temporário</i>: refere-se a trabalhadores temporários, os quais se enquadram em programas específicos em que o contrato exige ou obriga o retorno.</li> <li>• <i>Retorno transgeracional</i>: trata-se do retorno dos descendentes dos migrantes – filhos, netos e bisnetos. Utilizam-se os laços sanguíneos e culturais para facilitar o ingresso ou a naturalização.</li> <li>• <i>Retorno forçado</i>: o retorno se dá em condições forçadas por razões econômicas, políticas e raciais – como no caso dos refugiados ou deportados.</li> <li>• <i>Retorno do fracassado</i>: do migrante que se vê forçado a voltar para o país de origem pelas circunstâncias no destino; o fracasso se dá porque não conseguiu cumprir com suas expectativas.</li> <li>• <i>Retorno programado</i>: aquele de caráter oficial, promovido pelos países, visando fomentar a migração de retorno e manter vínculos formais com a população que reside no exterior.</li> </ul>
<b>Siqueira (2009)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Retorno temporário</i>: é aquele em que o migrante define o país de destino como seu local de moradia, fazendo visitas esporádicas ao país de origem.</li> <li>• <i>Retorno continuado</i>: refere-se ao migrante que ao retornar não obtém sucesso em sua reinserção e em sua readaptação à vida no país de origem e com isso re-emigra.</li> <li>• O <i>Retorno permanente</i> é aquele em que o emigrante retorna e consegue estabelecer-se na sua cidade ou país de origem, não pretende emigrar novamente.</li> <li>• O <i>transmigrante</i> é aquele que vive nos dois lugares. Em sua maioria são documentados, têm vida estabilizada no país de destino e no Brasil. Transitam, têm visibilidade e são atores sociais nos dois lugares.</li> <li>• Os <i>retornados da crise</i>: refere-se aos imigrantes que foram atingidos pela crise econômica, que se deu a partir de 2007, os quais optaram por retornar diante da inviabilidade de continuar vivendo nos EUA e em outros países que foram também atingidos pela crise (Portugal, Itália, Espanha, etc.).</li> </ul>

Fonte: (BOTEGA et al., 2015, p. 14).